

DE HYDEVILLE A KARDEC

Os fenômenos mediúnicos são tão antigos na Terra quando a existência dos seres humanos. Os que deram início à codificação do Espiritismo tiveram lugar em meados do século dezenove, conforme historiaremos resumidamente, a seguir.

Uma casa assombrada

Em 1843, numa cabana de madeira, na pequena cidade de Hydesville, no Estado de Nova York, nos Estados Unidos, um vendedor ambulante de nome Joseph Ryan (citação de Delanne), ou Charles B. Rosma (citação de Arthur Conan Doyle), foi hospedado e morto pelos proprietários, o casal Bell, com o fito de roubo.

O crime ficou impune mas, daí a algum tempo, começaram a ser ouvidos ruídos e pancadas nos objetivos e paredes da casa, além de barulho de passos de alguém invisível.

Os proprietários assassinos mudaram da casa, agora assombrada. Duas outras famílias ali moraram sem que os fenômenos cessassem e, em 11 de dezembro de 1847, John Fox, um pastor metodista, alugou a casa e nela passou a residir, com sua esposa e as filhas Margarida, de 14 anos e Catarina, de 11.

Telégrafo do além

Na noite de 31 de março de 1848, quando os "raps" (pancadas secas) se faziam ouvir com insistência, as meninas (que eram médiuns sem o saber) convidaram o manifestante a repetir as batidas que elas dariam com as mãos, no que foram atendidas. Chamada pelas meninas, a Sr^a Fox observou o fato e indagou se era um ser humano que dava essas pancadas e se havia sido assassinado, o que foi confirmado com o número certo de batidas combinado.

Vieram os vizinhos assistir ao estranho diálogo de batidas e um deles, Isaac Post, propôs ao espírito que leria em voz alta as letras do alfabeto para que ele assinalasse, com uma pancada, a que desejasse para formar palavras.

Descoberto esse meio melhor de comunicação, o espírito deu informações sobre como fora assassinado na casa, 5 anos antes (escavações posteriores permitiram o encontro do esqueleto quase completo do mascate).

Surgem as mesas girantes

Esses fenômenos chamaram tanto a atenção popular que as jovens Fox foram levadas a fazer demonstrações de mediunidade ante comissões especiais, formadas para verificar os fenômenos e, em 1850, já se contavam milhares de norte-americanos (alguns ilustres e renomados), que acreditavam nos fenômenos, praticando muitos deles esse intercâmbio primitivo.

Os fenômenos se difundiram por toda a Europa, evoluindo para a forma das mesas girantes. Pessoas se reuniam à volta das mesas de 3 pés, fazendo perguntas a que os espíritos respondiam com pancadas. Essa prática tornou-se moda e alcançou os salões de Paris onde morava Hyppolite Léon Denizard Rivail, insigne educador francês, discípulo de Pestalozzi.

Kardec, o Codificador

Convidado a presenciar os fenômenos, de início o Sr. Rivail não se interessou pelo que parecia ser simplesmente uma diversão social. Observando-os, contudo, pela insistência de amigos, percebeu que eram devidos a uma causa inteligente. Pesquisando mais, verificou que os espíritos manifestantes não eram todos iguais em conhecimento e moralidade mas suas informações sempre eram valiosas, como as dos viajantes que nos relatam o que puderam ver e sentir dos países de onde vieram.

Prosseguindo em seus estudos, revisou cinquenta cadernos de escritos mediúnicos (que já haviam sido obtidos), e formulou indagações aos espíritos, chegando a conclusões e revelações fundamentais, que apresentou ao público, inicialmente em "O Livro dos Espíritos" (18 de abril de 1857), seguindo-se o "O

livro dos Médiuns" (1861), "O Evangelho Segundo o Espiritismo" (1864), "O Céu e o Inferno" (1865) e a "Gênese" (1868), que constituem o Pentateuco Espírita.

Por haver, assim, organizado os ensinamentos revelados pelos Espíritos, formando uma coleção de leis (um código), Allan Kardec é chamado "**O Codificador do Espiritismo**".

Importantes também como detalhes, argumentação e com finalidades de divulgação mais rápida e acessível ao grande público, escreveu o Codificador os livros: "O que é o Espiritismo", "Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita", "Obras Póstumas" enfeixa os escritos e apontamentos seus que deixou inéditos.

Para a publicação dessas obras, objetivando distingui-las das que produzira pelo seu próprio saber como pedagogo, adotou o pseudônimo de Allan Kardec, nome que, conforme revelação feita, usara em encarnação anterior, ainda em solo francês, ao tempo dos druidas.

MEDIUNIDADE: QUE É E COMO PRATICÁ-LA

A mediunidade

É natural que nos comuniquemos com os espíritos desencarnados e eles conosco, porque também somos espíritos, embora estejamos encarnados.

Pelos sentidos físicos e órgãos motores, tomamos contato com o mundo corpóreo e sobre ele agimos. Pelos órgãos e faculdades mentais mantemos contato constante com o mundo espiritual, sobre o qual também atuamos.

Todas as pessoas, portanto, recebem a influência dos espíritos.

A maioria nem percebe esse intercâmbio **oculto**, em seu mundo íntimo, na forma de pensamentos, estados de alma, impulsos, pressentimentos, etc.

Mas há pessoas em quem o intercâmbio é **ostensivo**. Nelas, os fenômenos são freqüentes e marcantes, acentuados, bem característicos (psicofonia, psicografia, efeitos físicos, etc.), ficando evidente uma outra individualidade, a do espírito comunicante. A essas pessoas, Allan Kardec denomina **médiuns**.

Médium é uma palavra neutra (serve para os dois gêneros), de origem latina; quer dizer mediano, que está no meio. De fato, o médium serve de intermediário entre o mundo físico e o espiritual, podendo ser o intérprete ou instrumento para o espírito desencarnado.

Mediunidade é a faculdade que permite sentir e transmitir a influência dos Espíritos, ensejando o intercâmbio, a comunicação, entre o mundo físico e o espiritual. Sendo uma faculdade, é capacidade que pode ou não ser usada. Sendo natural, manifesta-se espontaneamente, mas pode ser exercitada ou desenvolvida. Sua eclosão não depende de lugar, idade, sexo, condição social ou filiação religiosa.

Observação: A mediunidade é uma faculdade do reino hominal.

Os animais não são médiuns. Tem certo desenvolvimento e podem perceber a presença de espíritos e sofrer-lhes a influência. Mas ainda não atingiram o nível de pensamento e sentimento dos seres humanos (encarnados ou não). Por isso não tem condições de entender nem expressar o que os humanos pensam e sentem.

Quem apresenta perturbação é médium ?

Muitas vezes, ao eclodir a mediunidade, a pessoa costuma dar sinais de sofrimento, perturbação, desequilíbrio. Até se firmou entre o povo a idéia errada de que, se uma pessoa se mostra perturbada, deve ter mediunidade.

Entretanto, a mediunidade não é doença nem leva à perturbação, pois é uma faculdade natural. Se a pessoa se perturba ante as manifestações mediúnicas é por sua falta de equilíbrio emocional e por sua ignorância do que seja a mediunidade, ou porque está sob a ação de espíritos ignorantes, sofredores ou maus.

Não se deve colocar em trabalho mediúnico quem apresente perturbações. Primeiro, é preciso ajudar a pessoa a se equilibrar psicicamente, por meio de passes, vibrações e esclarecimentos doutrinários. Deve-

se recomendar, também, a visita ao médico, porque a perturbação pode ter causas físicas, caso em que o tratamento será feito pela medicina.

Para o desenvolvimento da mediunidade, somente deve ser encaminhado quem esteja equilibrado e doutrinariamente esclarecido e conscientizado.

O médium não é exclusivo, não é aquele que fica detido entre quatro paredes para orar e comunicar-se com o Além; ele é paranormal, sim, mas é servidor da vida.

É aconselhável praticemos a mediunidade?

Sim, porque o seu exercício nos traz inúmeros e grandes benefícios.

O benefício primeiro e geral da mediunidade está em provar que o espírito existe, é imortal e conserva no Além a sua individualidade.

Exercitando a mediunidade poderemos:

- contatar com os seres queridos já desencarnados;
- informarmo-nos quanto ao que acontece na vida espiritual, em continuidade à vida terrena e como decorrência dos atos de cada um;
- receber a ajuda dos bons espíritos (ensinamentos, consolações, curas);
- ajudar os bons dos espíritos no socorro e esclarecimento espiritual de encarnados e desencarnados;
- ampliar e aperfeiçoar o relacionamento com encarnados e desencarnados (nossa grande família universal).

Há algum perigo ou desvantagem nela?

Quando sua prática estiver mal orientada, sim. Expliquemos o porque. Ao oferecermos ambiente e disposição para o intercâmbio mediúnicos, os espíritos acorrem em maior número que normalmente e contam com mais condições para exercer sua influência sobre os médiuns e sobre os participantes da reunião.

Eles vem atraídos pela lei de afinidade (conforme o grupo pensa e sente); e agem pelos pensamentos e em ação fluídica (nem sempre percebidos pelos participantes).

Se o grupo não for vigilante nem preparado para o intercâmbio, poderá atrair muitos espíritos inferiores e sofrer prejuízos, tais como:

- ação maléfica fluídica (vibrações malsãs, envolvimento perturbador) e mesmo física (violências, desordens) sobre pessoas e ambientes;
- má orientação espiritual e mistificações;
- obsessão individual ou coletiva.

Os médiuns sem esclarecimento, de faculdade não educada, podem ser vítimas de desgastes, de sugestão, do animismo e até fraudarem.

Os assistentes, além dos prejuízos já mencionados, podem vir a:

- sofrer descrença (ante os erros e absurdos que presenciarem numa reunião mal orientada); ou
- se fanatizarem (se não forem capazes de perceber os erros e absurdos e derem crédito a tudo).

Na orientação kardequiana a segurança

A prática mediúnica, conquanto muito difundida, está cheia de erros e crendices, que surgem quando os encarnados:

- aceitam a orientação má dos espíritos inferiores; ou
- agem por si próprios, com ignorância, vaidade, orgulho, ambição, má fé.

No Espiritismo, porém - doutrina revelada pelos bons espíritos e codificada por Allan Kardec - encontramos diretrizes seguras para evitar os perigos do intercâmbio mal dirigido e conseguir os mais sublimes e edificantes resultados na prática mediúnica.

DESENVOLVIMENTO MEDIÚNICO

A eclosão da mediunidade, como faculdade natural, não depende de lugar, idade, sexo, condição social, moral ou filiação religiosa.

Não devemos forçar a eclosão da mediunidade. Mas não só podemos como devemos oferecer condições apropriadas para que, nos que a possuam, ela venha aflorar natural e equilibradamente, e eles saibam como usá-la. Quando ela aflorou sem esse preparo prévio do médium, é preciso orientá-lo, para que os fenômenos se disciplinem e ele a empregue acertadamente.

Não se deve colocar em trabalho mediúnico quem apresente perturbações. Primeiro, é preciso ajudar a pessoa a se equilibrar psiquicamente, através de passes, vibrações e esclarecimentos doutrinários. Conforme o caso, se recomendará, também, a visita ao médico, porque a perturbação pode ter causas físicas caso em que o tratamento compete à medicina.

Para o desenvolvimento da mediunidade, somente deve ser encaminhado quem esteja saudável, equilibrado, e doutrinariamente esclarecido e conscientizado.

Sinais precursores

Os sinais que podem indicar mediunidade são muitos e variados.

A mediunidade, geralmente, fica bem caracterizada, quando:

- há comprovada vidência ou audição no plano espiritual;
- ocorre o transe psicofônico (mediunidade falante) ou psico-gráfico (mediunidade escrevente);
- há produção de efeitos físicos (sonoros, luminosos, deslocação de objetos) onde pessoas se encontrem.

Mas nem sempre é fácil e rápido distinguir as manifestações mediúnicas, quando em seu início, das perturbações fisiopsíquicas.

Eis alguns sinais que, se não tiverem causas orgânicas, podem indicar que a pessoa tem facilidade para a percepção de fluidos, para o desdobramento (que favorece o transe) ou que está sob a atuação de espíritos:

- sensação de “presença invisíveis”;
- sono profundo demais, desmaios e síncope inexplicáveis;
- sensações ou idéias estranhas, mudanças repentinas de humor, crises de choro;
- *ballonement* (sensação de inchar, dilatar) nas mãos, pés ou todo o corpo, como resultado de desdobramento perispiritual;
- adormecimento ou formigamento nos braços e pernas;
- arrepios como os de frio, tremores, calor, palpitações.

Como desenvolver a mediunidade

Do ponto de vista espírita, desenvolver mediunidade não é apenas sentar-se à mesa mediúnica e dar comunicações.

É apurar e disciplinar a sensibilidade espiritual, a fim de tê-la nas melhores condições possíveis de manifestações, e aprender a empregá-la dentro das melhores técnicas e visando às finalidades mais elevadas.

Esse desenvolvimento mediúnico abrange providências de natureza tríplice:

a) Doutrinária

O médium precisa conhecer a Doutrina Espírita para compreender o Universo, a si mesmo e aos outros seres, como criaturas evolutivas, regidas pela lei de causa e efeito.

Atenção especial será dada à compreensão do intercâmbio mediúnico, ação do pensamento sobre os fluidos, natureza e situações dos espíritos no Além, perispiritual e suas propriedades na comunicação mediúnica, tipos de mediunidade, etc.

b) Técnica

Exercício prático, à luz do conhecimento espírita, para que o médium saiba distinguir os tipos dos espíritos pelos seus fluidos, como concentrar ou desconcentrar, entender o desdobramento, controlar-se nas manifestações e analisar o resultado delas, etc.

Observação: quando se inicia a prática mediúnica, pode ocorrer de os sinais precursores se intensificarem e ampliarem. Não pense o médium que seu estado piorou. É que os espíritos estão agindo sobre os centros de sua sensibilidade e preparando o campo para as atividades mediúnicas. Persevere o médium, mantendo o bom ânimo e, aos poucos, com a educação de suas faculdades, as sensações ficarão bem canalizadas, não mais causando perturbações.

c) Moral

Não é preciso aguardar a santidade e o mais perfeito equilíbrio para exercitar a mediunidade. Basta um razoável equilíbrio psíquico, um sincero esforço para o bom proceder, aliados a algum preparo doutrinário em Centro Espírita que enseje ambiente propício e seguro.

É indispensável a reforma íntima para que nos libertemos de espíritos perturbadores e cheguemos a ter sintonia com os bons espíritos, dando orientação superior ao nosso trabalho mediúnico.

A orientação cristã, à luz do Espiritismo, leva-nos à vigilância, oração, boa conduta e caridade para com o próximo, o que atrairá para nós assistência espiritual superior.

Essa assistência não faltará aos que, com boa vontade e dedicação, procurem se preparar para o bom uso da mediunidade e a ela se devotarem, no desejo puro de servir ao Bem.

É a boa moral que dá ao médium a segurança maior no seu labor mediúnico.

MEDIUNIDADE E ESPIRITISMO

Como doutrina codificada, o Espiritismo é recente, data de 18/4/1857, com a publicação de O Livro dos Espíritos, por Allan Kardec, em Paris, na França.

Antiquíssimos, porém, são os fenômenos mediúnicos. Eles se deram em todos os tempos e em todos os povos - conforme a História comprova -, porque a mediunidade é uma faculdade inerente ao ser humano, sendo lei natural a comunicação entre os espíritos encarnados e desencarnados.

O intercâmbio mediúnico sempre esteve ligado ao serviço religioso e, a princípio era feito apenas por **iniciados**, isto é, por homens ou mulheres preparados especialmente para essa atividade, através de um treinamento que, às vezes, levava dezenas de anos (pítons e pitonisas, arúspices, oráculos, adivinhos, profetas, sibilas etc.).

Desconhecendo as leis que regem os fenômenos mediúnicos, o povo os considerava maravilhoso, sobrenaturais. E quem os podia produzir e fazer o intercâmbio mediúnico era considerado um ser privilegiado, investido de poderes divinos.

Desse conceito se aproveitavam os sacerdotes na Índia, na Pérsia, no Egito ou em Roma, exercendo, então, influência sobre o povo e até mesmo sobre os governantes. E, para assegurar esse poder sobre as massas, usavam não só suas faculdades mediúnicas, mas, também, as práticas mágicas e prestidigitação.

A proibição de Moisés

Nos tempos bíblicos, quando o povo hebreu praticamente em cativo, no Egito, o intercâmbio mediúnico era utilizado para adivinhações, interesses egoístas, materialistas e mesquinhos, misturando-se com práticas mágicas e, até sacrifícios humanos.

Por isso Moisés, o grande médium e legislador hebreu, ao retirar o povo do Egito, proibiu a prática mediúnica de modo geral.

"Quando entrares no país que Javé, teu Deus, te der(...)

Não se achará, entre ti, quem faça passar pelo fogo o seu filho ou filha, quem se entregue à adivinhação, aos augúrios às feitiçarias e à magia. Quem recorra aos encantamentos, interrogue aos espíritos, ainda que familiares, e quem invoque os mortos.

Porque todo homem que pratica essas coisas é abominável para Javé e é por causa destas abominações que Javé, teu Deus, vai expulsar estas nações da tua presença." (Deuteronômio 18:9/13).

O fato de Moisés haver proibido o intercâmbio mediúnico demonstra que ele é possível, pois o impossível não é preciso proibir.

Mas a proibição de Moisés não era uma condenação da mediunidade em si mesma. Visava, apenas, a reprimir os abusos.

Particularmente, Moisés continuou usando sua mediunidade para receber as instruções que os bons Espíritos lhe vinham dar em nome de Deus. Para isso ele era um profeta (porta-voz, o que fala por alguém), ou seja, um intermediário, um médium.

E desejava que todo o povo viesse a fazer o intercâmbio também, mas de modo correto e superiormente inspirado.

É o que se vê nesta passagem.

"Moisés pedira ajuda a Deus para atender ao povo muito numeroso e recebera a promessa de que o Senhor iria "derramar o seu Espírito" sobre 70 anciãos do povo.

Na hora aprazada isto ocorreu, na tenda em que era feita a concentração e oração por Moisés.

Mas dois dos anciãos, Eldad e Medad, haviam ficado no campo e ali mesmo começaram a profetizar (a falar mediunizados).

Foram contar a Moisés. E Josué queria que Moisés mandasse impedir aquela manifestação, pois era proibido.

Moisés, porém, retrucou:

- *Por que há de ser tão ciumento a meu respeito? Prouvera a Deus que todo o povo fosse feito de profetas, e que o Senhor lhes desse o seu Espírito!" (Números 11:26/29).*

A liberação por Jesus

Quando, cerca de 1.300 anos depois, Jesus veio à Terra, a humanidade já havia evoluído um pouco mais e poderia voltar a utilizar a mediunidade, que Moisés proibira. Aliás, a esse tempo já não se falava mais na proibição da mediunidade, como no tempo de Moisés, tanto que, no **Novo Testamento, não há uma única passagem em que a proibição seja mencionada.**

Temos, porém, muitas passagens em que **Jesus afirma, ensina e exemplifica a prática mediúnica.**

- 1) Afirma a influência dos espíritos bons e maus sobre as pessoas: quando Pedro declarou "Tu é o Cristo" (Mt 16:13/17) e no caso do espírito imundo expulso (Mt 12:43/45; Lc 11:26).
- 2) Exemplifica o intercâmbio com o Além: ao conversar com Moisés e Elias materializados (Mt 17: 1/18) e com a legião de espíritos que obsidiava um homem em Gadara (Mc 5:1/20).
- 3) Estimula e orienta as faculdades mediúnicas nos discípulos ("conferiu-lhes o poder"), ordenando que trabalhassem com elas ("curai os doentes, ressuscitai os mortos - trazê-los de volta pela manifestação através da mediunidade -, purificai os leprosos, expulsai os demônios") Mt. 10:1 e 7/8
- 4) Anuncia um batismo (mergulho) do espírito, que se cumpriu no Dia de Pentecostes, quando os discípulos, mediunizados, falaram até em outros idiomas.

Nessa ocasião, Pedro esclareceu que se estava cumprindo uma profecia de Joel: "**. . . nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões, vossos velhos, sonhos.**" Era a liberação da mediunidade para toda a humanidade. E Pedro explicou ainda que essa promessa divina abrange "a todos quantos Deus nosso Senhor chamar." (Atos 1:4/5, 2:1/39)

O uso da mediunidade no Espiritismo

Alguns séculos depois, não respeitando a liberação da mediunidade que Jesus fizera, grupos religiosos querendo deter o poder, tentaram proibir de novo o intercâmbio mediúnico, dizendo ser obra do demônio e perseguindo os que o praticam, sob a acusação de serem bruxos, feiticeiros.

Mas o progresso intelectual já libertou o povo da ignorância e Deus já "derramou o seu Espírito sobre toda a carne", a sensibilidade espiritual já se desenvolveu na espécie humana e a mediunidade já se generalizou, sendo impossível conter a manifestação dos espíritos por toda parte.

Surge, então, o Espiritismo, que utiliza a mediunidade como instrumento valioso de espiritualização da humanidade. Também não concorda que se faça mau uso dela. Esclarece que tem finalidade superior e ensina técnicas para segurança e proveito espiritual na sua prática, especialmente em O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

"Sem a força disciplinadora da Doutrina dos Espíritos, sem a orientação cristã do Espiritismo, seriam os fenômenos, sem dúvida, apenas um turbilhão de energias avassalantes, sem rumo nem objetivo definido, sem finalidade educativa." (Martins Peralva, Mediunidade e Evolução, cap. 26)

MEDIUNIDADE E CORPO FÍSICO

A base física da mediunidade

A base da mediunidade está na organização física do corpo que habitamos. Conforme ela for, nosso perispírito se libera com mais facilidade, readquirindo, assim, as percepções e faculdades espirituais que geralmente o corpo material embota.

Por que dispomos ou não dessas condições? Devido a merecimentos ou necessidades espirituais. Somos ou não médiuns conforme as nossas condições físicas atuais, sem que isso implique, só por si, em qualidade espiritual.

"O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?"

"Não; a faculdade, propriamente dita, se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom ou mau, conforme as qualidades do médium". (O Livro dos Médiuns, cap. XX, 2ª parte).

O uso da faculdade mediúnica, pois, implica em moralidade. Assim como todos nós, tendo olhos que enxergam, mais ou menos, os utilizaremos de acordo com nosso senso moral.

Mediunidade e doença

Mediunidade não é doença nem leva à perturbação, pois é uma faculdade natural.

Se a pessoa se perturba ante as manifestações mediúnicas, é por sua falta de equilíbrio emocional, por sua ignorância do que seja a mediunidade ou porque está sob a ação de espíritos ignorantes, sofredores, maus.

Como há pessoas que não sabem manter o equilíbrio no uso da mediunidade e por isso apresentam distúrbios, foi levantada a hipótese de ser a mediunidade um estado patológico, ou seja, de doença do médium.

Para esclarecimento do assunto, Allan Kardec indagou e os espíritos responderam:

"será a faculdade mediúnica indício de um estado patológico qualquer, ou de um estado simplesmente anômalo?" (= fora do normal).

"Anômalo, às vezes, porém, não patológico; há médiuns de saúde robusta; os doentes o são por outras causas." (De O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XVIII).

Atualmente, as pesquisas no campo da Parapsicologia já evidenciaram o que o Espiritismo, há mais de cem anos, preconizava:

- a) "Os fenômenos paranormais não são patológicos", afirma Robert Amadou (Parapsicologia, IV parte, cap. IV, nº5).
- b) "Até hoje, nada indicou qualquer elo especial entre funções psicopatológicas e parapsicológicas", diz J.B. Rhine (Fenômenos e Psiquiatria, pg. 40, linhas 18 e 20).

Mediunidade e loucura

"Poderia a mediunidade produzir a loucura?"

"Não mais do que qualquer outra coisa, desde que não haja predisposição para isso, em virtude de fraqueza cerebral. A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em gérmen; porém este, o bom senso está a dizer que se deve usar de cautelas, sob todos os pontos de vista, porquanto qualquer abalo pode ser prejudicial." (De O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XVIII).

Se o princípio predisponente da loucura existir, fácil é reconhecê-lo pelas condições psíquicas e mentais da pessoa.

Em muitos casos, porém, rotulada como doença mental, segundo os cânones científicos, o que há é simples perturbação espiritual que, tratada conveniente, cede por completo. Em outros casos, o exercício da mediunidade não teve os cuidados necessários e gerou obsessões e subjugações de curto, médio e longo curso, que somente uma assistência espiritual adequada e paciente poderá resolver.

Mediunidade e fadiga

Por estar na dependência do físico, a mediunidade causará fadiga, quando o seu uso não for controlado e o dispêndio de energias não for devidamente compensado.

É o que fica bem esclarecido nesta pergunta e resposta:

"O exercício da faculdade mediúnica pode causar fadiga?"

"O exercício muito prolongado de qualquer faculdade acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos, ela necessariamente ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso." (O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XVIII).

A fadiga, no caso, será do corpo; espiritualmente o médium até se fortalecerá, conforme a natureza dos espíritos manifestantes e a boa orientação no trabalho que for efetuado mediunicamente.

Quando não convém exercitar a mediunidade

Constituindo o transe mediúnico um estado de "crise", o exercício da mediunidade deve ser evitado nas pessoas que não podem sofrer sobreexcitação, tais como:

- as que apresentem tendências excêntricas ou fraqueza mental;
- as de organismo débil por natureza ou debilitado por doença grave ou outras causas (como a epilepsia);
- as gestantes (vide "Estudando a Mediunidade", de Martins Peralva, cap. IX).
- "pode o exercício da mediunidade ter, de si mesmo, inconveniente, do ponto de vista higiênico, abstração feita do abuso?"

"Há casos em que é prudente, necessário mesmo a abstenção ou, pelo menos, o exercício moderado, tudo dependendo do estado físico e moral do médium. Aliás, em geral, o médium o sente e, desde que experimente fadiga, deve abster-se." (O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XVIII).

É compreensível que mulheres médiuns suspendam seu trabalho mediúnico nos dias em que a menstruação lhes for muito incômoda.

Mediunidade em crianças

A mediunidade pode se manifestar na pessoa desde a fase da infância. Mas não é aconselhável o exercício da mediunidade em crianças, porque:

- 1) O organismo, débil e em formação, pode sofrer indesejáveis abalos;
- 2) A imaginação está em grande atividade e pode sofrer sobreexcitação;
- 3) Não tem ainda discernimento suficiente para lidar com os espíritos nem valorizar sua faculdade e empregá-la com a gravidade necessária.

Às vezes, as manifestações mediúnicas que a criança apresenta são por causa das perturbações no ambiente do lar. Neste caso, o recomendável é atendê-la com assistência espiritual, passes (para não favorecer as manifestações) e procurar orientar o comportamento dos familiares adultos (para que suas tensões espirituais não mais se reflitam na criança).

Se a manifestação mediúnica na criança for espontânea e equilibrada, aceitar com naturalidade os fenômenos mas sem estimulá-los nem querer colocar a criança em verdadeiro trabalho de intercâmbio. Convém, entretanto, encaminhá-la para a evangelização e conhecimento doutrinário adequado à sua idade, a fim de que, no futuro, esteja preparada para entender sua faculdade e empregá-la bem.

Cuidados do médium com o seu físico

Sabendo que a sua mediunidade tem raízes na organização física, o médium cuidará do seu corpo, de sua saúde, evitando vícios, irritações, sobrecarga na alimentação, excesso desnecessário de atividades (especialmente nos dias de tarefa mediúnica) e tudo o mais que prejudique seu equilíbrio físico e psíquico.

CLASSIFICAÇÃO DA MEDIUNIDADE

Conforme os seus efeitos, o tipo de fenômeno que produz, a mediunidade classifica-se em:

1. Mediunidade de efeitos físicos (também chamados **materiais ou **objetivos**)**

É aquela em que a ação dos espíritos produz efeitos na matéria, fenômenos que sensibilizam diretamente os órgãos dos sentidos dos observadores.

Podem ser classificados assim:

- a) **Sonoro:** desde os simples "raps" (pancadas secas) até os estrondos, passando pelos fenômenos em que é produzida música, sem haver no local instrumentos para executá-la.
- b) **Luminosos:** produção de centelhas, clarões, luzes.
- c) **Motores:** movimentação de corpos inertes, sem qualquer contato físico ou outro meio material.

Neste item, temos o acionamento de comutadores, colocação de aparelhos em funcionamento, o correr do copinho ou do ponteiro, sobre a prancheta.

Destacam-se os fenômenos de:

- c.1) **Levitação:** um ser ou objeto é suspenso no ar, aparentemente contrariando a lei da gravidade.
- c.2) **Transportes:** um ser ou objeto é levado de um local para outro.
- d) **Modificadores ou Plasmadores:** tais como a fervura da água ou a mudança de sua composição, cor, cheiro, gosto etc., sem que se use qualquer processo material para isso.

Destacam-se, nesta ordem de fenômenos:

- d.1) **Moldagens:** ex.: de flores ou mãos em parafina fervente.
- d.2) **Materialização:** formação (parcial ou total) de coisas ou corpos. Costumam ser temporárias. As duradouras talvez sejam mais um fenômeno de transporte.
- d.3) **transfiguração:** modificação dos traços fisionômicos do médium ou do seu aspecto geral.
- e) **Voz Direta:** produção de som correspondente à voz humana, articulada e audível por todos os presentes.
- f) **Escrita Direta:** produção de escrita sem o concurso de mãos humanas.
- g) **Curas:** alteração benéfica no corpo físico, produzida por evidente intervenção de espíritos em ação instantânea, tendo o médium apenas fornecido o ectoplasma.

Observações:

Quando os efeitos sonoros formam uma linguagem (ex.: 1 pancada = sim; 2 pancadas = não), temos a **Tiptologia**, que se classifica em:

- a) **Interior:** pancadas produzidas no interior da massa material (objeto, mesa, parede, etc), sem movimento externo;
- b) **Bascular:** com movimento do objeto para dar as pancadas (ex.: o tripé batendo com um dos pés).
- c) **Alfabética:** quando, com movimento ou não dos objetos, as pancadas assinalam a letra desejada do alfabeto.

Sematologia é quando os sons, luzes ou movimento de objetos deixam transparecer uma vontade ou intenção (ex.: seguir alguém, indicar algo) ou um sentimento (ex.: agrado ou irritação).

2. Mediunidade de efeitos inteligentes (também chamados **intelectuais** ou **subjetivos**).

É aquela em que os fenômenos ocorrem na esfera subjetiva do médium, não ferindo os cinco sentidos dos observadores, mas, sim, a racionalidade e o intelecto do médium.

- a) **Intuição:** quando o médium capta a realidade do plano espiritual ou o pensamento de espíritos;
- b) **Vidência:** quando o médium vê no campo fluídico;
- c) **Audição:** quando o médium ouve no campo fluídico;
- d) **Psicofonia:** quando o espírito fala através do médium;
- e) **Psicografia:** quando o espírito leva o médium a escrever.

MECANISMO DA MEDIUNIDADE

1. O perispírito

É o envoltório fluídico, feito de substância semi-material, que os Espíritos extraem do fluido universal (modificando conforme o mundo a que estejam relacionados).

Esse revestimento fluídico permite ao Espírito receber as sensações do mundo exterior e, também, serve de condutor de seu pensamento e vontade.

Nos Espíritos

As sensações, para os Espíritos, estão localizadas em todo o perispírito. Nos espíritos superiores, isso dá a "perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das idéias". Nos inferiores, os fluidos são tão materializados que lhes podem dar até a sensação de frio, de fome etc.

Pelo perispírito, o Espírito age sobre a matéria do nosso mundo, sobre nosso corpo físico, sobre nosso perispírito.

Sem esse envoltório fluídico, o Espírito seria inconcebível para nós, os encarnados.

Nos encarnados

Nos encarnados, o perispírito faz a relação entre o espírito e o corpo físico, em cujos órgãos as sensações estão canalizadas.

Sua substância está impregnada do fluido vital, que o dos desencarnados não possui.

Em determinadas condições (sonambulismo, êxtase, transe mediúnico) funciona como o dos Espíritos libertos.

2. O perispírito nas manifestações mediúnicas

O intercâmbio entre os espíritos e os encarnados processa-se graças às propriedades do perispírito. Ou seja, é através do perispírito que o espírito atua sobre o médium, influenciando sobre seu corpo e seu perispírito.

Nos efeitos físicos

Para agir sobre a matéria, falta ao espírito o fluido animalizado, porque só os encarnados o possuem. Então, procura alguém que o emane em abundância (é o médium de efeitos físicos).

Obs.: O médium, pois, é imprescindível nesse tipo de manifestação, embora às vezes não saiba que está servindo para esse fim e até mesmo possa estar distante do local em que o fenômeno ocorre.

Encontrando o médium adequado, o espírito:

- a) Combina seu fluido com o dele e com os do meio ambiente (natureza);
- b) Com essa mistura, satura os espaços interatômicos e intermoleculares da matéria.

Obs.: 1) Sabe-se que a matéria não é contínua, senão para os nossos pobres sentidos. Cheia de espaços vazios, ela tem apenas uma pequena porcentagem de massa, propriamente dita. Afirma-se que, em se retirando todos os espaços vazios da matéria que a forma, a Terra se reduziria ao tamanho de uma bola de futebol.

Obs.: 2) Há, pois, uma continuidade perfeita entre a mente do espírito e o objeto movimentado, através dos elementos intermediários de natureza fluídica (semi-material): o perispírito e os fluidos.

c) Consegue, assim, "animar" objetos materiais, compor formas e, por efeito de sua vontade, movimentá-las.

Na comunicação inteligente

A ligação do espírito do médium ao seu corpo, pelo perispírito, teve lugar no processo da reencarnação e não pode ser desfeita, sob pena de desagregação do corpo físico.

Portanto, o Espírito comunicante jamais toma o lugar do encarnado, apenas influi sobre ele, em ação fluídica.

Os fenômenos mediúnicos intelectuais dependem de um estado especial da consciência, que ocorre quando há exteriorização do perispírito do médium que, mais livre das vibrações grosseiras da matéria, entra na posse dos seus sentidos espirituais podendo, então, sentir intuitivamente a amplitude do Mundo Invisível que nos rodeia.

Em tal estado, por um fenômeno de associação e assimilação da onda do pensamento dos desencarnados, o médium lhes serve de instrumento, inconsciente ou conscientemente conforme a maior ou menor exteriorização conseguida.

Ainda neste caso, pois, a assimilação fluídica é que vai determinar a possibilidade de o médium receber ou não o pensamento do espírito comunicante. Assimilado o pensamento, o médium o interpretará para transmiti-lo ao plano físico em que vivemos. Convém lembrar, também, que o fenômeno inteligente pode estar combinado com o fenômeno de efeito físico.

A NATUREZA DOS ESPÍRITOS

"Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre bons e maus Espíritos. Pode ser-nos indiferente a individualidade deles; suas qualidades, nunca." (item 262)

É preciso distinguir como os espíritos são, para podermos tratar com eles. Conforme o caso, advertir, esclarecer, confortar; ou, então, pedir ajuda e receber instruções.

Como avaliar a natureza de um espírito?

"Apreciam-se os Espíritos **pela linguagem de que usam e pelas suas ações**. Estas se traduzem pelos sentimentos que eles inspiram e pelos conselhos que dão. Admitido que os bons Espíritos só podem dizer e fazer o bem, de um bom Espírito não pode provir o que tenda para o mal."

"Pelos frutos os conhecereis", ensinava Jesus.

"**Não há outro critério senão o bom senso, para se aquilatar do valor dos Espíritos**. absurda será qualquer fórmula que eles próprios dêem para esse efeito e não poderá provir de Espíritos superiores."

O bom senso não poderá se enganar, se analisarmos o caráter dos Espíritos com cuidado e, **principalmente, sob o ponto de vista moral**.

"Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso, primeiro, que cada um saiba julgar-se a si mesmo." (Com retidão de juízo e não por suas idéias, sistemas e preferências).

Diferença nas atitudes dos bons e dos maus espíritos

Os bons

Só dizem o que sabem; calam-se ou confessam

Os maus

Falam de tudo com desassombro, sem se preo-

Sua ignorância sobre o que não sabem.
Se conveniente, fazem que coisas futuras sejam
Presentidas mas nunca determinam datas.

Nunca ordenam; não se impõem, aconselham;
Se não escutados, retiram-se.

Não lisonjeiam; aprovam o bem feito mas
sempre com reserva.

Desprezam em tudo as puerilidades da forma.

São escrupulosos no aconselhar atitudes; quando
o fazem, sempre objetivam sempre fim sério e
eminente útil. Só prescrevem o bem e o
que é perfeitamente racional e dentro das leis da
Natureza.

Guardam reserva sobre assuntos que possam
trazer comprometimentos. Repugna-lhes
desvendar o mal. Procuram atenuar o erro e
pregam a indulgência.

Atuam com calma e doçura sobre o médium.

cuparem com a verdade.

Os levianos com facilidade predizem o futuro;
precisam fatos materiais que não temos como
verificar, apontam época determinada para um
acontecimento.

São imperiosos; dão ordens, querem ser obede-
cidos; não se afastam por nada. Exclusivistas e
absolutos; pretendem ter o privilégio da ver-
dade. Exigem crença cega e jamais apelam pa-
ra a razão, pois seriam desmascarados.

Prodigalizam exagerados elogios, estimulam o
orgulho e a vaidade, embora pregando a humil-
dade, e procuram exaltar a importância pessoal
daqueles a quem desejam dominar.

Ligam importância às particularidades mesqui-
nhas, incompatíveis com idéias verdadeirame-
te elevadas. Fazem prescrições meticulosas.

Dão conselhos perversos, aconselham atitudes
más, tolas, improdutivas, irracionais, fora do
bom senso e das leis naturais.

Gostam de pôr o mal em evidência; exageram-
no e, com insinuações perversas, semeiam a in-
triga, a discórdia.

Tanto os maus como os simplesmente imperfei-
tos ao agirem sobre o médium provocam às
vezes movimentos bruscos e intermitentes, a-
gitação febril e convulsiva. Para se impor à cre-
dibilidade e desviar os homens da verdade:
- adotam nomes singulares e ridículos e nomes
extremamente venerados;
- usam, alternativamente, de sofismas, sarcas-
mos e injúrias e, até, de demonstração material
do poder oculto de que dispõe.
Excitam a desconfiança e a animosidade contra
Os que lhes são antipáticos e, especialmente,
contra os que lhes podem desmascarar as im-
posturas.

COMO AVALIAR SE A REUNIÃO MEDIÚNICA ESTÁ BEM ORIENTADA

Comparemos:

Reunião "A":

- local adequado para a atividade;
- dirigente prático e instruído na Doutrina Espírita;
- passes somente em quem deles necessita;
- vestuário comum, simples e discreto nos dirigentes, médiuns e demais participantes da equipe.
- respeito ao horário previsto para a educação da reunião;
- pontualidade na abertura dos trabalhos;
- preleção doutrinária adequada ao tipo de reunião;
- preces simples, esclarecidos e educados;
- ambiente disciplinado, sem práticas exteriores;
- o trato com os espíritos visa socorrer e aperfeiçoar encarnados e desencarnados, sem qualquer interesse material ou egoísta;
- avaliação criteriosa das manifestações obtidas.

Podemos concluir, então, que:

- a reunião "B" é o resultado da falta de uma orientação acertada;

Reunião "B":

- recinto impróprio e muita obscuridade;
- dirigente sem prática ou sem instrução doutrinária;
- obrigação de receber passes à entrada;
- vestes especiais, nos dirigentes, médiuns e demais participantes da equipe;
- duração excessiva da reunião;
- demora na abertura dos trabalhos e invocação de todos os protetores para abertura e encerramento;
- nenhuma orientação doutrinária para os participantes;
- médiuns despreparados, vociferando, gesticulando demais, batendo mãos ou pés, usando expressões inconvenientes;
- comunicações desordenadas de vários espíritos ao mesmo tempo;
- cantos extravagantes, velas, defumações, banhos de defesa;
- receituário de medicamentos;
- crianças à mesa de trabalhos;
- participantes: obrigados a conservar os olhos fechados, a dar as mãos ou espalmá-las, não cruzarem as pernas; conversando e se locomovendo durante os trabalhos; dirigindo-se aos espíritos manifestantes, sem autorização do dirigente.
- o trato com os espíritos visa consultá-los: sobre objetos ou pessoas desaparecidas, emprego, casamento, negócios; sobre assuntos administrativos ou financeiros do Centro; para satisfação de curiosos;
- sem qualquer análise do ocorrido.

- a reunião "A" orienta-se pela codificação kardequiana: seus elementos estão preparados para o exercício mediúnico, tem método e seus objetivos no intercâmbio são superiores. É uma reunião ou sessão mediúnica espírita.

OS FLUIDOS

Fluido cósmico universal

Tudo que existe no Universo criado por Deus, não sendo espírito, é Fluido Universal, a matéria elementar primitiva.

Apresenta-se em estados que vão da imponderabilidade (eterização) até a condensação (materialização) e, nas suas modificações e transformações, produz a inumeráveis variedade dos corpos da Natureza.

Em estado rarefeito, difunde-se pelos espaços interplanetários e penetra os corpos.

É como um oceano imenso em que tudo e todos no Universo estão mergulhados.

Fluidos espirituais

A matéria do mundo espiritual e a sua atmosfera são constituídas de fluidos (num dos estados do FCU). Esses fluidos são denominados **fluidos espirituais** apenas por comparação (por estarem relacionados aos espíritos).

Na atmosfera fluídica se passam os fenômenos especiais que os espíritos desencarnados percebem mas que escapam aos nossos sentidos físicos.

E dela os espíritos extraem todos os materiais sobre que operam, inclusive para formar o seu perispírito.

Fluidos perispirituais

Cada ser, no seu perispírito, **absorve** e **individualiza** o Fluido Cósmico Universal que adquire, então, propriedades características, permitindo distinguir esse fluido entre todos os outros.

Esses fluidos perispirituais circulam no perispírito, comandados pela mente (como o sangue no corpo físico, levando alimentação e veiculando escórias).

Fluido ou princípio vital

Para encarnar, os seres vivos haurem no Fluido Cósmico Universal o fluido vital, que animaliza a matéria (dá-lhe movimento e atividade, distinguindo-a da matéria inerte).

O princípio vital é mantido em função no organismo pela ação dos órgãos físicos. Também o absorvemos pelos alimentos, pelo ar, **pelos centros de força**.

Ao desencarnar, o ser o restitui à fonte universal.

A ação dos Espíritos sobre os fluidos

É **com o pensamento e a vontade** que o espírito age sobre os fluidos.

Ele dirige os fluidos, aglomera-os, dá-lhes forma, aparência, cor e pode, até, mudar suas propriedades, como os químicos fazem com a nossa matéria.

É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

A ação dos espíritos sobre os fluidos pode ser **inconsciente** porque basta pensar e sentir algo para causar efeitos sobre eles.

Mas também pode o espírito agir **conscientemente** sobre os fluidos, sabendo o que realiza e como o fenômeno se processa.

Qualidade dos fluidos

Os fluidos em si são neutros. O tipo dos pensamentos e sentimentos do espírito é que lhes imprime determinadas características.

Fluidos bons são resultantes de pensamentos e sentimentos nobres, puros.

Fluidos maus são resultantes de pensamentos e sentimentos inferiores, incorretos, impuros.

Os fluidos iguais combinam; os fluidos contrários se repelem; os fracos cedem aos mais fortes; os bons predominam sobre os maus.

Os fluidos se reforçam em suas qualidades boas ou más pela reiteração do impulso correspondente que recebem do espírito.

As condições criadas pela ação do espírito nos fluidos podem ser modificadas por novas ações do próprio espírito ou por ações de outros espíritos.

Efeitos no perispírito e no corpo

O perispírito absorve com facilidade os fluidos externos porque tem idêntica natureza (também é fluídico). Absorvidos, os fluidos agem sobre o perispírito, causando bons ou maus efeitos, conforme seja a sua qualidade.

No caso de um espírito encarnado (como nós) o perispírito, por sua vez, irá reagir sobre o organismo físico, com o qual está em completo contato molecular. E, então:

- se os fluidos forem bons, produzirão no corpo uma impressão salutar, agradável;
- se forem fluidos maus, a impressão é penosa, de desconforto; grande quantidade, poderá determinar desordens físicas (certas moléstias não tem outra causa senão esta);
- os bons fluidos, ao contrário, podem curar.

Sintonia e brecha

Pelo modo de sentir e pensar:

- estabelecemos um ajuste de comprimento de onda vibratória entre nós e os que pensam e sentem igual a nós; ou seja, entramos em sintonia com eles;
- produzimos um certo tipo de fluido e os espíritos que produzam fluidos semelhantes poderão, então "combinar" seus fluidos com os nossos.

Quando oferecemos sintonia e combinação de fluidos para o mal, estamos dando "brecha" aos espíritos inferiores.

Vigilância e oração evitam ou corrigem a influência negativa de outros sobre nós ou de nós sobre outrem.

Higiene da alma

Cuidemos de nossos pensamentos, sentimentos e conduta.

Porque, se forem inferiores, produziremos constantemente fluidos maus, que acabarão por prejudicar nosso próprio perispírito e, até mesmo, o nosso corpo físico. E abriremos "brecha" para combinação com os fluidos de espíritos inferiores.

Mas se nos empenharmos na correção de pensamentos, sentimentos e atos, conseguiremos: fortalecimento e sublimação de nossos fluidos, afastamento ou repulsão dos fluidos e dos espíritos inferiores, atração dos bons espíritos e recepção de seus fluidos.

OS CENTROS DE FORÇA E A EPÍFISE

Centros de força

Em nosso perispírito, temos **Centros de Força** ou **Centros Vitas** (chacras), cuja **função** é a de assimilar energias cósmicas e espirituais.

Eles "se conjugam nas ramificações dos plexos" e vibram "em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente".

O Fluido Cósmico Universal, absorvido e metabolizado, circula por esses diversos Centros de Força, canalizado segundo o padrão vibratório de cada pessoa.

A estimulação de um determinado Centro de Força poderá compensar ou descarregar outro. Pela sublimação de certas energias e sua canalização, é possível suprir a falta de estímulo em outro Centro de Força.

"Quando a nossa mente, por atos contrários à Lei Divina, prejudica a harmonia de qualquer um desses fulcros de força de nossa alma, naturalmente se escraviza aos efeitos da ação desequilibrante, obrigando-se ao trabalho de reajuste."

Os sete Centros de Força mais importante são:

1) **Coronário** (na região central do cérebro, alto da cabeça). Recebe em primeiro lugar os estímulos do espírito e supervisiona todos os demais Centros de força vital; liga os planos espirituais e material.

Relaciona-se com a epífise.

2) **Frontal** ou CEREBRAL (na região da frente, testa; contíguo ao coronário). Exerce influência decisiva sobre os demais centros de força vital, sendo responsável pelo funcionamento do sistema nervoso central (sentidos físicos) e dos centros superiores do processo intelectual.

Tem relação com os lobos frontais do cérebro e a hipófise (pituitária).

3) **Laríngeo** (na garganta). Regula os fenômenos vocais, inclusive as atividades das glândulas timo e tiróide.

Relaciona-se com o plexo cervical.

4) **Cardíaco** (no coração). Responsável pelo funcionamento do aparelho circulatório e pelo controle da emotividade.

Tem relação com o plexo cardíaco.

5) **Gástrico** (na região do estômago). Responsável pelo funcionamento do aparelho digestivo, pela assimilação de elementos nutritivos e reposição de fluidos em nossa organização física.

Tem relação com o plexo solar ou epigástrico.

6) **Genésico** (na região do baixo ventre). Responsável pelo funcionamento dos órgãos de reprodução e das emoções sexuais.

Tem relação com os plexos hipogástrico e sacral.

A epífise

É um órgão cônico, achatado, em forma de pinha, medindo (no adulto) 8 por 5 mm. Localiza-se no cérebro, à frente do cerebelo, acima dos tubérculos quadrigêmeos.

Sua função:

a) Para uns seria apenas o vestígio do olho mediano (3º olho), que foi, provavelmente, um órgão funcional em certos répteis e anfíbios ora extintos.

b) Para outros, é glândula de secreção interna (apenas de não ter sido possível provar que produza determinado hormônio) e estimularia o crescimento e a maturação sexual; na fase da infância, inibiria a ação sexual mas quase se anularia depois, quando as glândulas genitais a sucederiam.

Segundo informações espirituais (Missionários da Luz, caps. 1 e 2):

Não é absolutamente um órgão "morto".

É a glândula da vida mental, com as seguintes funções:

a) Despertar as forças criadoras na puberdade;

b) depois, continuar como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre;

c) É fonte criadora e válvula de escape;

d) Enseja a recapitulação da sexualidade;

e) Desata de certo modo os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências umas às outras, na seqüência de lutas pelo aprimoramento da alma.

Epífise e mediunidade (Missionários da Luz, caps. 1 e 2)

"No exercício mediúnico de qualquer modalidade, a epífise desempenha o papel mais importante. Através de suas forças equilibradas, a mente humana intensifica o poder de emissão de raios peculiares à nossa

esfera (espiritual). É nela, na epífise, que reside o sentido novo dos homens; entretanto, na grande maioria deles a potência divina dorme embrionária".

" . . . vali-me das forças magnéticas que o instrutor me fornecera, para fixar a máxima atenção no médium. Quanto mais lhe notava as singularidades do cérebro, mais admirava a luz crescente que a epífise deixava perceber. A glândula transformara-se em núcleo radiante e, em derredor, seus raios formavam um lótus de pétalas sublimes."

" . . . Sobre o núcleo, semelhante agora a flor resplandecente, caíam luzes suaves, de mais alto, reconhecendo eu que ali se encontravam em jogo vibrações delicadíssimas, imperceptíveis para mim."

CONCENTRAÇÃO

Concentração é o ato pelo qual fechamos as portas da mente ao exterior e orientamos nossa atividade interiormente para determinado objetivo.

Ela é muito importante no trabalho mediúnico, para alcançar a comunhão com o plano espiritual, individual ou coletivamente.

Para uma boa concentração

Uma boa concentração não se improvisa, pois é o resultado do pensamento e da vontade bem exercitados. Para chegar a um bom nível de concentração, é recomendável:

Constantemente

Cultivar bons hábitos, leituras e diversões sadias (evitar leituras, filmes, ou programas de televisão de teor negativo, isto é, fúteis, imorais, deprimentes), procurar tudo que favoreça a elevação da mente, exercitar os bons sentimentos.

No dia da reunião

Desde o levantar, de manhã, usar a prece; ter em mente o trabalho espiritual de que irá participar mais tarde e a importância desse compromisso; evitar emoções violentas, atritos, contrariedades e discussões que levam à exaltação de ânimo (para tanto exercitar a paciência e a humildade); fugir ao que pode levar à tensão, procurar manter o equilíbrio físico e espiritual.

Alimentar-se frugalmente, para não sobrecarregar o físico. Não tomar bebida alcoólica nem fumar.

Na hora da reunião

1) Quanto ao físico.

Estar higienizado e vestido com sobriedade (roupas discretas e calçados que não apertem), sem perfume fortes (para não perturbar aos outros).

Sentar-se em posição cômoda, sem contrair músculo, e respirar calmamente. (O Objetivo é facilitar o bem estar físico, nunca, porém, o desalinho de atitudes, o relaxamento das boas maneiras).

Evitar mexer-se muito, bocejar ou fazer movimentos e ruídos que incomodem aos demais participantes.

2) Quanto ao psíquico.

a) Abstrair-se dos estímulos exteriores. (Sons, luz, movimentos.)

b) Serenar o íntimo, esquecendo preocupações pessoais.

c) Sentir-se fraterno e solidário com os demais participantes.

d) Focalizar os objetivos da reunião:

- pensar na importância e responsabilidade do ato de, voluntariamente, ativar o intercâmbio mediúnico;

- lembrar que o objetivo da sessão é aprender e servir, socorrer e socorrer-se, dentro das leis divinas;

e) Orar e buscar sintonia com os espíritos superiores.

Formando a corrente

Com a concentração, pouco a pouco, se acalmam as inquietudes e agitações e passam a ser liberados fluidos e energias positivos, que as mentes de encarnados e desencarnados, em união trabalham e conduzem num único sentido.

Quando a conjugação atinge o nível necessário, estabeleceu-se a ligação entre o Céu e a Terra, num sublime fluxo de forças fluídicas.

O intercâmbio mediúnico se faz, então, ensejando a encarnados e desencarnados o conforto e o esclarecimento, o despertar e a renovação, o dar e o receber.

A esse processo de ligação espiritual é que popularmente se chama "formar a corrente". Ela não depende de fórmulas, rituais, vestes especiais ou lugares determinados. Somente quando ela se faz é que a reunião em verdade foi "aberta", pois somente então se inicia a comunhão harmoniosa entre os dois planos.

Quem estiver em concentração, oração e doação, tornar-se-á um elo vivo na corrente espiritual formada. Quem se alhear, refratário e improdutivo, dela não participará, ainda que fisicamente se encontre no recinto e, até mesmo, sentado à mesa mediúnica.

Mantendo a vibração

"Aberta" a reunião, o ambiente precisará ser mantido sustentado em todo o decorrer do trabalho.

Para tanto, cada participante deve:

- cuidar de estar sempre concentrado nos objetivos da reunião;
- orar o doar vibrações, quer em favor dos companheiros do grupo, quer em apoio ao trabalho dos bons espíritos, quer em socorro a entidades espirituais necessitadas.

Um bom meio é:

- mentalizar as criaturas ligadas à reunião, encarnadas ou desencarnadas, endereçando-lhes pensamentos bons e envolvendo-as em sentimentos fraternos;
- ficar meditando em tudo que é bom e digno diante de Deus (caridade, fé, esperança, alegria, resignação etc.) e procurar emanar forças fluídicas benéficas, que os bons espíritos utilizarão em benefício geral.

Concentrar-se e manter a vibração normalmente não cansa, porque produz um estado de alma elevado, no qual recebemos permuta de fluidos superiores pelos que emitimos; e podemos ir variando o tema de nossas vibrações.

Se sentirmos cansaço é porque alguma falha está havendo em nosso modo de concentrar e vibrar (estamos tensos, aflitos, etc.) ou então o ambiente estará sofrendo grandes interferências contrárias.

IRRADIAÇÃO

Tão natural e automaticamente como os absorvemos, também emanamos, irradiamos fluidos.

Aura

Com os seus pensamentos e sentimentos habituais, o espírito (encarnado ou não) influi sobre os fluidos do seu perispírito e lhes dá características próprias. Está sempre emanando esses fluidos, que o envolvem e acompanham em todos os movimentos. É a sua aura, a sua "atmosfera individual" (Kardec), seu "hálito mental" (André Luiz).

Na aura do encarnado, a difusão dos campos energéticos que partem do perispírito envolve-se com o manancial de irradiações das células do corpo. No desencarnado, a aura é resultante apenas das emanações perispirituais.

Cada pessoa está sempre irradiando o que realmente é e impregnando com seu fluido particular as coisas, o ambiente, e influenciando sobre quem lhe aceite e assimile a tonalidade energética.

Pela nossa aura (tonalidade, forma, luminosidade, sensações que causa), nossa situação espiritual é facilmente identificada.

Conforme o tipo fluídico, as auras se harmonizam ou se repelem.

Percepção fluídica

Ao tomar contato com a irradiação, com a aura de alguém, as pessoas sensíveis podem perceber se os fluidos são bons ou não e, até, captar suas intenções e sentimentos.

Pode-se perceber, também, o ambiente fluídico local, isto é, o conjunto formado pelas emanções fluídicas dos encarnados e desencarnados presentes.

No médium em transe, essa percepção ocorre em maior grau, porque se acentua a exteriorização do seu perispírito, suas faculdades espirituais estão mais livres e ele está em maior vibração.

Como distinguir os fluidos

A prática nos irá ensinando a diferenciar os vários tipos de espíritos, segundo os fluidos que irradiam.

De modo geral, porém:

- os bons fluidos são leves, agradáveis, suaves, calmos; dão sensação de bem estar geral e euforia espiritual;
- os maus fluidos são pesados, desagradáveis, violentos, desarmônicos; dão sensação de mal estar geral, ansiedade, desassossego, nervosismo, cabeça pesada, pálpebras chumbadas, bocejos frequentes e arrepios.

Obs.: Às vezes, a pessoa sente mal-estar assim por sua própria desarmonia, sem que espírito algum a esteja perturbando.

Assimilação fluídica

Não basta perceber e identificar os tipos de fluidos. É preciso saber como absorve-los, quando bons, e rechaçá-los, quando maus.

Para absorver os fluidos, basta vibrarmos na mesma faixa. Para repelir fluidos maus: firmar o pensamento no bem e irradiar bons fluidos.

Obs.: Haverá casos em que, embora os fluidos sejam maus, o médium precisa servir de intermediário ao espírito, para que seja socorrido, esclarecido. Nesse caso, não o rechaçará mas, embora sentindo-lhe a atmosfera fluídica difícil, procurará manter seu próprio equilíbrio espiritual e envolver o comunicante em vibração fraterna, mas firme.

Irradiação à distância

Podemos fazer uma irradiação consciente e voluntariamente, projetando nosso pensamento e sentimento, movimentando forças psíquicas, em favor de alguém. E podemos fazer isso mesmo à distância.

Condições de quem irradia

Somente pode dar alguma coisa boa aquele que a possui. Os bons sentimentos, os bons pensamentos, os bons atos vão plasmando na "atmosfera espiritual" da pessoa uma tonalidade vibratória e uma quantidade de fluidos agradáveis e salutares que poderão ser mobilizados, através da vontade dirigida.

As condições básicas para se realizar uma boa irradiação são as mesmas que para os passistas: frugalidade na alimentação, abster-se dos vícios (álcool, fumo, etc.); evitar conversação de baixo palavreado e de imagens pouco dignas; dominar os sentimentos passionais e instintivos; procurar ter comportamento cristão. Assim, disporá de elementos fluídicos de boa qualidade para transmitir aos necessitados.

Técnica a ser seguida

Quem vai fazer a irradiação deve:

- 1) Concentrar-se e orar (para ficar em condições de agir e obter assistência espiritual superior);
 - 2) Focalizar com o pensamento o objeto de sua irradiação (pessoa, coletividade, local);
 - 3) Pela vontade, emitir o que deseja transmitir (paz, conforto, coragem, saúde, equilíbrio, paciência, etc.).
- Se a irradiação for feita em grupo, é preciso que todos ajam ao mesmo tempo e para o mesmo fim.

Quanto aos resultados da irradiação

Não será por pedirmos e mentalizarmos em favor de muitos que conseguiremos atendimento em tudo e para todos, porque:

- embora cada um de nós movimente uma certa quantidade de fluidos ou forças magnéticas, psíquicas e espirituais, de que pode dispor para doar;
- e essas forças possam ser ajuntadas com as do mundo espiritual e depois carreadas para o seu objetivo;
- elas também estão **submetidas à lei das proporções e seus efeitos tem limites naturais.**

Mas as irradiações feitas com amor e boa vontade sempre são benéficas. Sua maior ou menor assimilação, porém, dependerá da pessoa por quem irradiamos.

Numa vibração geral (em que não se determina alguém como beneficiário), o potencial fluídico oferecido será aproveitado pelos bons espíritos no que for mais necessário e conveniente, segundo as leis divinas.

O MEIO AMBIENTE NO FENÔMENO MEDIÚNICO

Influência que exerce

Determinam o fenômeno mediúnico não apenas o espírito comunicante e o seu intermediário (o médium) como, também, o meio em que se dá a manifestação.

Compreende-se que assim seja, pois que os presentes à reunião mediúnica não estão inertes mas agindo, emitindo pensamentos, atraindo espíritos afins, irradiando forças, sentindo simpatia ou antipatia.

Homogeneidade e intensidade

Para que o fenômeno mediúnico se dê em condições favoráveis, é preciso que médium e assistentes formem um grupo harmônico e cheguem a uma vibração e pensamento o mais uníssonos que puderem. Quanto mais homogêneo for o todo da reunião, mais intensidade terá o fenômeno mediúnico.

QUANDO O MEIO NÃO FAVORECE

A interferência contrária

Quando o médium e assistente não atingem a homogeneidade necessária, os pensamentos emitidos e as forças exteriorizadas se embaraçam e anulam reciprocamente.

No meio dessas correntes contrárias, o médium (apesar de oferecer possibilidades para o intercâmbio e estar em boas condições) experimenta uma opressão, um mal-estar indefinível, chegando a sentir-se, em certos casos, como que paralisado e sucumbido.

Então, torna-se necessária uma poderosa intervenção do plano espiritual superior para que o mínimo fenômeno tenha lugar.

E o fenômeno pode até não se dar, por absoluta falta de ambientação adequada e segura para que a realização da melindrosa tarefa do intercâmbio mediúnico seja sem riscos para a integridade física e psíquica do médium.

Qualidade das manifestações

Se o conjunto dos presentes for vicioso, indisciplinado, discordante, mal intencionado, não se obterá comunicações boas, a não ser eventualmente (ainda que o médium ofereça possibilidade), porque, de modo normal, os bons espíritos não lançam sementes boas em cima de pedras e abandonam o campo aos espíritos inferiores, afins com o grupo.

Mas, se essas mesmas pessoas fizerem um esforço pela melhoria do seu padrão vibratório, o mesmo médium poderá servir aos espíritos de boa vontade, que virão em resposta à condição melhor, agora oferecida.

Em conclusão

Uma reunião de público comum, heterogêneo, despreparado, onde se misturam elementos curiosos, descrentes, antagônicos, viciosos, etc., dificilmente oferecerá meio favorável ao bom intercâmbio mediúnico.

Mas um grupo mediúnico doutrinariamente esclarecido e conscientizado, buscando objetivos nobres e trabalhando com perseverança, proporcionará o ambiente mental e fluídico favorável, em que os bons Espíritos poderá atuar com eficiência em benefício geral.

Recomendações básicas de Allan Kardec, para que se ofereça meio ambiente favorável na reunião mediúnica:

- perfeita comunhão de idéias e sentimentos; benevolência recíproca entre todos os membros;
- renúncia a todo sentimento contrário à caridade;
- desejo unânime de se instruir e de melhorar, através dos ensinamentos dos bons Espíritos, com o aproveitamento dos seus conselhos;
- concentração e silêncio respeitoso durante as conversações com os Espíritos.

ANIMISMO E ESPIRITISMO

Os fenômenos anímicos e os espíritas

Segundo alguns autores, fenômenos espíritas seriam apenas os produzidos pelos "**mortos**" e os produzidos pelos "**vivos**" seriam os fenômenos anímicos.

Para Kardec, porém, "Os fenômenos espíritas consistem nos diferentes modos de manifestação da alma ou Espírito, quer durante a encarnação, quer no estado de erracidade". (cap. XIII, item 9, de "A Gênese").

Em princípio, pois, os fenômenos espíritas englobam todos os fenômenos produzidos por ação de um espírito, quer encarnado, quer desencarnado.

Ao serem classificados quanto ao seu agente, os fenômenos espíritas poderão ser denominados de:

Fenômeno mediúnico: o produzido por um espírito desencarnado, através do concurso de um médium;

Fenômeno anímico: o produzido pelo encarnado com suas próprias faculdades espirituais, sem o uso dos sentidos físicos, graças à expansão do seu perispírito.

Quanto maior o grau de expansão do perispírito, mais expressivo poderá ser o fenômeno anímico, pois o encarnado passará a desfrutar de maior liberdade em relação ao corpo, agindo mais como um espírito liberto. É como acontece ao dormirmos. O espírito se liberta, vendo, ouvindo, colhendo impressões do mundo a sua volta.

Exemplos de fenômenos anímicos

- 1) **Telepatia** (transmissão/recepção de pensamento à distância);
- 2) **Clarividência e clariaudiência** (visão e audição sem o concurso dos olhos ou ouvidos, mesmo à distância e através de corpos opacos);
- 3) **Ação sobre a matéria**, à distância e sem contato aparente (como na movimentação de objetos ou modificação de substâncias);
- 4) **Ideoplastia**(projeção de imagens e até sua "materialização");
- 5) **Bicorporiedade** (quando o perispírito, em desdobramento, se torna visível e, algumas vezes, tangível).

Esses e outros fenômenos são anímicos, desde que na sua produção não intervenham outros espíritos, só o do próprio encarnado. **É a comunicação totalmente anímica.** E não se trata de fraude, porque não está conscientemente fingindo ou querendo enganar.

Comunicação parcialmente anímica

É aquela em que o médium, inconscientemente, mistura parte de seus pensamentos e sentimentos com os do espírito comunicante.

Esse animismo parcial é inevitável. Em toda comunicação mediúnica sempre haverá alguma influência do médium, pois ele é o canal da mensagem e não se pode anular de todo a ação de sua mente, seu modo de ser e, até, a sua linguagem.

Observação:

Nas primeiras manifestações por meio de médium iniciante, as comunicações que recebe às vezes parecem muito com o seu modo de pensar e agir usual. Pode ser apenas semelhança e afinidade que o médium tem com o espírito que o está assistindo nessa fase inicial. Se for isso, com a ampliação do trabalho do médium, outros espíritos virão se comunicar por seu intermédio e ficará evidente a plena diferenciação entre eles e o médium. Não terá sido um caso de animismo.

Os fenômenos anímicos tem sido objeto de estudos por numerosos pesquisadores. No passado, citemos Alexandre Aksakof (sábio russo, o 1º a empregar o termo animismo), Ernesto Bozzano e, também, Charles Richet (o criador da metapsíquica), que catalogou os fenômenos anímicos, dando-lhes denominação

especial. Na atualidade, a Parapsicologia continua a estudá-los, como percepção e ação extra-sensorial sob nova classificação e nomenclatura.

"O animismo prova o Espiritismo", afirmou Ernesto Bozzano, nas conclusões do seu livro "Animismo ou Espiritismo?". Isto porque o animismo confirma existir no ser humano algo que é capaz de atuar até fora do corpo somático, mantendo sua individualidade e autonomia, e a tese espírita é, exatamente, a de que o espírito tem existência independentemente do corpo, por isso sobrevive a ele e pode continuar a se manifestar depois, agindo sobre coisas e seres.

Animismo e mediunidade

Ao lado dos fenômenos mediúnicos, ocorrem também os fenômenos anímicos, muitas vezes produção inconsciente dos médiuns. " . . . é **extremamente importante reconhecer e estudar a existência e a atividade desse elemento inconsciente da nossa natureza, nas suas variadas e mais extraordinárias manifestações, como as vemos no Animismo**", alerta-nos Aksakof.

Mas dificilmente conseguiremos isolar o animismo da mediunidade, no fenômeno mediúnico, porque:

- 1) São as próprias faculdades anímicas dos médiuns que os fazem instrumentos para as manifestações dos espíritos.
- 2) Nem sempre podemos definir com exatidão quando o fenômeno está ou não sendo provocado ou coadjuvado por espíritos.

Animismo e mistificação

Diz Raul Teixeira, no livro "Diretrizes de Segurança", questão 95: "Encontramos em O Livro dos Médiuns, mais exatamente no capítulo XIX, item 223 (1ª a 5ª), Allan Kardec discutindo e apresentando uma questão muito importante e muito grave, que é a circunstância em que o espírito do próprio médium, no estado de excitação de variada ordem, transmite a sua mensagem.

Nos processos de regressões, de múltiplas procedências, a alma do encarnado se expressa, chora suas angústias, deplora suas mágoas guardadas na intimidade, ou apresenta suas virtudes e conquistas, suas grandezas, também guardadas no íntimo. Esse fenômeno em que o próprio espírito do médium se expressa, nós o chamaremos de anímico, conforme Allan Kardec, em O Livro dos Médiuns. E aqueles outros fenômenos através dos quais entidades espirituais se manifestem por meio de médiuns, e dizem ser personalidades que verdadeiramente não foram na Terra, esses denominaremos de mistificação. O exemplo está no capítulo XXXI em O Livro dos Médiuns, Allan Kardec teve a oportunidade de estudar diversas mensagens, das quais ele, depois de tê-las analisado, anota que jamais poderiam proceder de Vicente de Paulo, de Jesus e de outros tantos espíritos respeitados e considerados pela Humanidade. É o caso em que certas entidades banais dão nomes de vultos que gozam ou que gozaram no mundo de respeitosa projeção.

Mas, temos ainda outro tipo de mistificação, que é a mistificação do indivíduo, do médium, quando, por motivos diversos, não sendo dotado da capacidade de comunicar, de permitir a comunicação de tal espírito ele forja, com interesses os mais estranhos. Aí encontramos a mistificação por parte do suposto médium.

É importante, porém, que nos lembremos que todas as nossas ações, são conduzidos pelos espíritos. normalmente são eles que nos dirigem (questão 459 OLE). Logo, quando se começa a fraudar, a mistificar por quaisquer interesses, no início é o próprio indivíduo com a sua mente doente, mas, a partir daí, passa a atrelar-se a entidades mistificadoras, submetidos, então, à influência espiritual. A princípio, a criatura é mistificadora sem ser propriamente médium. Depois advém a "sociedade" de forças, surgindo o engodo. No primeiro impulso era fruto do encarnado, depois os espíritos complementam.

Foi perguntado a Chico Xavier, e publicado no livro No Mundo de Chico Xavier, se alguma vez ele teria sido alvo de mistificação da parte de espíritos. ele disse que sim. E quando foi inquirido sobre qual a razão porque Emmanuel lhe permitira essa vivência de algum espírito comunicar-se e dizer-se quem não era, ele afirmou que aquilo se destinava a que ele visse que não estava invulnerável à insulflação negativa.

Jesus Cristo teve ensejo de dizer que, se possível fosse, essas entidades, os falsos profetas, enganariam aos próprios eleitos. Costumamos nos indagar: 'E nós que ainda somos apenas candidatos?' "

EMANCIPAÇÃO PARCIAL DA ALMA - I

Em certos estados, o espírito encarnado se emancipa parcialmente do corpo, passando a gozar de efetiva liberdade, com diferentes percepções e manifestações.

Durante a emancipação parcial e conforme o grau dela, o corpo fica com suas funções diminuídas ou alternadas.

Desdobramento

É o nome que se dá ao fenômeno de **exteriorização do perispírito**.

No desdobramento:

- o Espírito, com o seu perispírito, se afasta do corpo;
- o perispírito continua ligado ao corpo por cordões fluídicos; isto permite ao espírito tomar conhecimento de tudo que se passa com o corpo e retornar instantaneamente, se necessário (inclusive em caso de ameaça física ou ferimento mortal);
- o corpo fica com as funções orgânicas reduzidas, mais ou menos inerte, conforme o grau de desdobramento;
- o perispírito é aquele que manifesta a vida do espírito (ativa e inteligente), agindo com maior liberdade, tal como o perispírito dos desencarnados, podendo afastar-se a grandes distâncias do corpo.

O desdobramento pode ser:

- a) Consciente: se a pessoa guarda conhecimento do processo ocorrido;
- b) Inconsciente: se, ao retornar do desdobramento, a pessoa nada recorda.

Obs.: Há casos em que, durante o desdobramento, a pessoa relata o que está ocorrendo mas, ao despertar, de nada mais se lembra.

- c) Voluntário: se a própria pessoa o promove.

Há perigos, porém, para as pessoas inexperientes ou mal assistidas, em promover o desdobramento, que só deve ser feito:

- por quem esteja habilitado;
 - com objetivos elevados;
 - com a concordância e auxílio do mentor espiritual.
- d) Provocado: por outros agentes, encarnados ou desencarnados através de processos hipnóticos e magnéticos.

Os bons espíritos podem provocar o desdobramento ou auxiliá-lo sempre com finalidades superiores. É assim o caso de "Desdobramento em Serviço", relatado por André Luiz no cap. II do livro "Domínio da Mediunidade", psicografado por Francisco Cândido Xavier.

Mas os espíritos obsessores também podem provocá-lo para produzir malefícios (obsessão ou possessão); os espíritos protetores nem sempre poderão impedir, se a vítima oferecer dependência, afinidade com o obsessor.

Letargia

É resultante da emancipação **parcial** do espírito, a qual pode ser causada por fatores físicos ou espirituais. Nela, o corpo perde temporariamente a sensibilidade e o movimento; o paciente nada ouve, nada sente, não vê o mundo exterior (mesmo se de olhos abertos), tornando-se incapaz de toda vida consciente; há flacidez geral (tronco e membros) e diminuição do metabolismo e dos ritmos fisiológicos-orgânicos, ficando com todas as aparências da morte. Por isso, é chamada também de morte **aparente**.

Mas as funções do corpo continuam a se executar, sua vitalidade não está aniquilada porém, em estado latente (como na crisálida).

O sair deste estado faz o povo pensar em ressurreição. Ex.: Lázaro.

Catalepsia

Também resulta da emancipação parcial do espírito.

Nela, também há perda temporária da sensibilidade e do movimento. Mas difere da letargia, porque há imobilidade dos músculos e fixidez das atitudes (rigidez cataléptica: se erguermos seu braço, ficará nessa posição indefinidamente). Os olhos permanecem muito abertos, fixos, o semblante imobilizado. Mas a inteligência pode se manifestar, os sentidos conservam certa atividade, por isso **não se confunde nunca com a morte**.

Sonambulismo

É outro dos estados de emancipação da alma.

No estado sonambúlico, o espírito está de posse de suas percepções e faculdades, que o corpo geralmente embota.

E poderá movimentar seu próprio corpo para certas ações, como movimentaria uma mesa ou outro objeto no fenômeno de efeitos físicos, ou movimentaria a mão do médium na psicografia mecânica.

Êxtase

É um sonambulismo mais apurado, o grau máximo de emancipação da alma.

Permite vivência maior no campo espiritual. O corpo fica somente com vida vegetativa, a um passo do desprendimento total.

Quando em êxtase, a pessoa pode ficar num estado de encantamento e exaltação prejudicial; é preciso, então, adverti-la e convidá-la para o retorno ao corpo.

Bilocação, ubiqüidade

Uno, indivisível, o espírito não se reparte. Não pode, portanto, estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Assim, não apresenta o fenômeno da **bilocação** (estar em dois lugares) nem o da **ubiqüidade** (estar em vários lugares).

Mas pode dar a impressão de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo, quando irradia seus pensamentos e sentimentos de tal modo que sua "presença" possa ser percebida por diferentes pessoas em diferentes locais.

Bicorporeidade

Quando o encarnado fica em desdobramento, poderá ocorrer de o seu perispírito se apresentar em grau de visibilidade e, até, de tangibilidade. Este fenômeno é denominado **bicorporeidade**, porque nele são percebidos dois corpos ao mesmo tempo: o organismo físico e o perispírito.

Em relação ao mundo material, o corpo físico é o **real** e o perispírito, um corpo **aparente**, não material, que não é formado de carne e osso e, por isso mesmo, não poderá ser lesado e morto como o corpo físico.

Citemos um exemplo célebre de bicorporeidade:

Um amigo e vizinho do pai de Antônio matou, por inimizade, certo moço de importante família e escondeu o cadáver no quintal da casa de Martim de Bulhões (pai de Antonio de Pádua).

Feitas as pesquisas e achado o morto, foi o pai de Antônio envolvido no processo e condenado à morte, como sendo cúmplice, juntamente com os autores do crime.

Antônio pregava em Pádua, quando foi mediunicamente ciente do ocorrido, isto é, de que o pai ia ser decapitado.

Antônio cessou de falar. Seu corpo, arrimando-se no púlpito, imobilizou-se, dando a impressão de estar dormindo.

E apareceu em Lisboa, no adro da Sé, onde estava sepultado o assassinado, e aí deteve o cortejo da Justiça.

E, chegando junto à cova do morto, materializou o Espírito da vítima, fazendo-o narrar toda a verdade do crime, sem omitir uma peripécia.

O espanto foi inenarrável, pois todos viram o defunto erguer-se da tumba, e, finda a narrativa, cair “morto” outra vez”!

Mas, o extraordinário livramento do velho Martim de Bulhões não produziu só esses pasmos, porque, Antônio, quando continuou a prédica interrompida – em Pádua – , pediu desculpas pelo demorado intervalo, contando como fora e conseguira salvar o genitor.

E os que acreditaram tiveram a confirmação do caso, quando chegaram as informações pedidas a Portugal.

Observações

Em estado de emancipação, qualquer que seja o seu grau, o espírito pode ter percepções, colher informações, observar fenômenos, etc.

Entretanto, pela imperfeição da criatura humana, poderá enganar-se quanto ao que vê, não saber interpretar, etc.

Por isso, nem tudo o que a pessoa disser nesses estados deve ser considerado como inteiramente digno de crédito. Há necessidade de analisar, como, por exemplo, certas profecias.

Há também a possibilidade de suceder que, nesse estado de emancipação, ela mergulhe no conhecimento de si mesma, nas suas idéias, experiências anteriores etc. e enseje o fenômeno anímico (produção da própria alma), do qual falamos em aula anterior.

Conforme o grau de emancipação, o espírito encarnado pode aparecer à distância e pode até influenciar outros médiuns e manifestar-se através deles (Comunicação de Vivos).

EMANCIPAÇÃO PARCIAL DA ALMA - II

O sono

É um fenômeno pelo qual o corpo entra em repouso.

Nele se dá uma suspensão da vida ativa e de relação que possibilita se afrouxarem os laços fluídicos que prendem o espírito à matéria.

Estando lassos (frouxo) os cordões fluídicos, o espírito pode afastar-se do corpo adormecido e:

- recuperar suas faculdades espirituais (cuja ação a influência da matéria impedia ou limitava);
- reconhecer-se como ser imortal e ver com clareza a finalidade de sua existência atual;
- lembrar-se do passado (inclusive vidas anteriores) e prever acontecimentos.

Obs.: A amplitude ou não dessas possibilidades é relativa ao grau de evolução do espírito.

Sono e morte

O sono parece um pouco com a morte (desencarnação). Só que, nesta, o desligamento dos laços fluídicos é **total**, enquanto que, no sono, a emancipação é **parcial**.

No sono, os cordões fluídicos, mesmo lassos, continuam a possibilitar perfeita comunicação com o corpo; se for necessário o pronto retorno, o espírito tomará imediato conhecimento e regressará incontinentemente.

Vivência do espírito durante o sono

O espírito nunca está inativo. O sono, que repousa o corpo, é, para o espírito, oportunidade de entrar em relação com o mundo espiritual, a fim de haurir orientação, conforto e forças para progredir com acerto em sua jornada terrena.

Emancipando-se parcialmente do corpo, cada espírito vai agir segundo seu estado evolutivo. Assim, varia a vivência do espírito durante o sono.

Inferiores: presos que estão por interesses egoístas, materialistas, pouco se afastam do corpo ou do ambiente terreno; dão expansão aos seus instintos e tendências inferiores, junto aos espíritos com os quais se afinam.

Benévolos ou evoluídos: vão a ambientes espirituais elevados, onde se instruem e trabalham, junto a entidades superiores, e reencontram amigos e parentes desencarnados.

Visitas espíritas entre pessoas vivas

Não somente com os desencarnados podemos nos relacionar espiritualmente, enquanto o corpo dorme. Também podemos visitar criaturas encarnadas e com elas convivermos, de maneira superior ou inferior, conforme sejam o grau de evolução, propósitos e anseios, nossos e delas.

O sonho

Há sonhos que são apenas um **processo fisio-psíquico** e outros que são **sonhos espíritas**.

No primeiro caso, o sonho:

- retrata condições orgânicas (perturbações circulatórias, digestivas, ruídos ambientes, calor, frio, etc.). Às vezes, ajudam a detectar enfermidades de que, conscientemente, não nos apercebemos.
- Ou revela criações mentais nossas (subconsciente), com base no que houver afetado a nossa mente na vigília (pensamentos, impressões, anseios, temores, etc.). Podem ajudar a interpretar nosso mundo psíquico.

Já o sonho espírita é o resultado da vivência do espírito no mundo espiritual, enquanto o corpo dormia; é a lembrança do que ele viu, sentiu ou fez durante a emancipação parcial.

Às vezes, nada lembramos dessa vivência espiritual, porque durante ela o cérebro físico não foi utilizado e depois, no retorno ao corpo, a matéria deste, pesada e grosseira, também não permitiu o registro das impressões trazidas pelo espírito.

Outras vezes lembramos apenas as impressões do que nosso espírito experimentou à saída ou no retorno ao corpo. Se essas lembranças se misturarem aos problemas fisio-psíquicos, tornam-se confusas, incoerentes.

Quando necessário, os bons espíritos atuam magneticamente sobre nós para que, ao acordar, lembremos algo de maior importância tratado no mundo espiritual. Mesmo que não lembremos tudo perfeitamente, do que nos sugere idéias, ações.

Os espíritos maus também podem fazer o mesmo se, pelo nosso modo de viver, tivermos concedido a eles essa ascendência sobre nós.

Importância do sono e o preparo para ele

O fato de passarmos um terço de nossa existência dormindo (8 das 24 horas do dia) indica a **importância**:

Do sono físico: ensejando repouso orgânico, liberação de toxinas etc.

Do sonho: para o equilíbrio:

- psíquico (pessoas impedidas de sonhar sofrem perturbações graves);
- espiritual (a vivência espiritual que desfrutamos enquanto o corpo dorme é como hora de visitas ou de tomar sol no pátio para o detento numa prisão).

Façamos, pois, um **preparo** para o nosso repouso diário:

- **orgânico** (refeições leves, higiene, silêncio etc.);
- **mental** (leituras, conversas, filmes, atividades comedidas, não afligentes ou desgastantes);
- **espiritual** (leitura edificante, meditação, serenidade, perdão, prece).

Assim, nosso corpo e mente repousarão adequadamente e, em espírito, teremos melhor oportunidade de alcançarmos a convivência com os espíritos bons e amigos.

CLARIVIDÊNCIA E CLARIAUDIÊNCIA

Os termos Clarividência e Clariaudiência não são da nomenclatura espírita. Já existiam antes da codificação do Espiritismo e não lhes podemos alterar a exata significação. Designam determinado tipo de fenômeno de que trataremos nesta aula.

Esclarece André Luiz: Toda a percepção é mental". "Embora a criatura empregue os ouvidos e os olhos, ela vê e ouve com o cérebro e, apesar de o cérebro usar as células do córtex para selecionar os sons e imprimir as imagens, quem vê e ouve, na realidade, é a mente".

Olhos e ouvidos materiais são simples aparelhos de complementação, como os óculos para os olhos e o ampliador de sons para os ouvidos.

Clarividência

É o fenômeno da **"visão à distância, mesmo através de corpos opacos"**, permitindo enxergar coisas, cenas, pessoas que os olhos físicos não podem alcançar.

Ocorre quando há desdobramento espiritual; a percepção, então, é global e muito mais ampla a simples visão física.

"O sensitivo não vê com os olhos físicos", "apenas tem imagens mentais" e isso acontece "estejam os olhos abertos ou fechados, esteja ele em plena luz ou mergulhado, fisicamente, em densa escuridão".

Kardec referia-se a ela como Clarividência, Clarividência Sonambúlica, Dupla Vista, Segunda Vista. E comenta:

"Aos dotados dessa faculdade ela se afigura tão natural, como a que todos temos de ver. Consideram-na um atributo de seu próprio ser, que em nada lhes parece excepcional".

"No momento em que o fenômeno da Segunda vista se produz, o estado físico do indivíduo se acha sensivelmente modificado. O olhar apresenta alguma coisa de vago. Ele olha sem ver. Toda a sua fisionomia reflete como uma exaltação. Nota-se que os órgãos visuais se conservam alheios ao fenômeno, pelo fato de a visão persistir, mau grado à oclusão dos olhos".

Em princípio, a clarividência é um fenômeno anímico (atividade da própria alma).

Ela não se confunde com os fenômenos telepáticos, porque "se define com a percepção extra-sensorial de objetos ou acontecimentos objetivos, enquanto diferenciados dos estados mentais ou pensamentos de uma outra pessoa". (J.B.Rhine)

Convém ter o cuidado de distinguir a clarividência da visão mediúnic.

"Acontece que os sonâmbulos muito lúcidos no que se refere aos seres e coisas deste mundo, são inteiramente cegos a respeito de tudo o que concerne ao mundo dos Espíritos". (Léon Denis).

Kardec diz que para a Segunda vista ou clarividência "tem-se empregado a palavra **vidente**, que embora não exprima com exatidão a idéia, adotaremos até nova ordem, **em falta de outra melhor**".

E, mais adiante: " Podem, pois, os médiuns videntes serem identificados às pessoas que gozam da vista espiritual; mas **seria porventura demasiado considerar essas pessoas como médiuns, porquanto a mediunidade se caracteriza unicamente pela intervenção dos Espíritos, não se podendo ter como ato mediúnico o que alguém faz por si mesmo.** Aquele que possui a vista espiritual, vê pelo seu próprio espírito, não sendo de necessidade, para o surto de sua faculdade, o concurso de um Espírito estranho". (Obras Póstumas, "A Segunda Vista").

O alcance da clarividência vai até onde a alma estende sua ação, variando de pessoa para pessoa.

Há clarividentes que enxergam os seus próprios órgãos internos, ou os de outras pessoas.

Há os que se deslocam perispiritualmente para lugares distantes e observam o que estiver ocorrendo por lá. Uns conseguem narrar o que vêem, enquanto observam; como ainda estão ligados ao corpo, sobre ele podem atuar para falar. Outros só conseguem fazer narração do que observaram posteriormente quando voltam ao estado normal.

Exemplos de clarividência

1) Relatados por Kardec, na Revista Espírita de 1858:

- a) Jovem empregada "vê" que em outra cidade, à distância, sua mãe morre, de modo repentino. Uma carta, posteriormente, confirmaria o fato; a mãe sofrera uma queda fatal. (Janeiro - "Visões").
- b) O casal Belhome guardava importante soma num armário, na parte das roupas velhas. Não a encontrando depois, acreditou que haviam roubado. A sonâmbula Sr. Roger "viu" à distância o local e esclareceu que o dinheiro não fora roubado e estava não na parte das roupas velhas mas das novas. E de fato, estava. (Novembro - "Independência Sonambúlica").

2) Um caso do famoso vidente holandês Gerard Croiset.

Jovem de 24 anos, filha do prof. Walter E. Sandelius, de Kansas - EUA, desaparecera e nem a polícia conseguira descobrir seu paradeiro. O pai telefonou para Croiset, na Holanda (a 8 mil km de distância!) pedindo ajuda. Croiset "viu" a moça arranjando carona em vários carros. Não recebeu nenhuma impressão de que ela estivesse morta. "Não se preocupe" - disse ao pai - "vai saber qualquer coisa mais definitiva em 6 dias." Seis dias depois, a filha chegava à casa do pai. ("O Globo" de 30-1-67 e "Reformador", maio/67).

O clarividente não vê tudo e, às vezes, não entende bem o que vê.

- Pois que a sua clarividência é a de sua alma ou de seu Espírito, por que é que o sonâmbulo não vê tudo e tantas vezes se engana?
- Primeiramente, aos Espíritos imperfeitos não é dado verem tudo e tudo saberem. Não ignoras que ainda partilham dos vossos erros e prejuízos. Depois, quando unidos à matéria, não gozam de todas as suas faculdades de Espírito. Deus outorgou ao homem a faculdade sonambúlica para fins útil e sério, não para que se informe do que não deva saber. Eis por que os sonâmbulos nem tudo podem dizer.

Essa explicação dos bons Espíritos a Kardec (pergunta 430 de "O Livro dos Espíritos") se aplica aos clarividentes em geral.

Clariaudiência

É o fenômeno em que se ouvem sons que ocorrem fora do alcance dos ouvidos físicos, por se darem à distância ou através de obstáculos que impedem a transmissão do som.

Como na clarividência, a clariaudiência:

- a) É um fenômeno anímico;
- b) Decorre da emancipação parcial da alma, pelo desdobramento;
- c) Não se confunde com os fenômenos telepáticos;
- d) Nem deve ser confundida com a audição mediúnica;
- e) Alcança até onde a alma estende sua ação, variando de uma pessoa para a outra.

Exemplo de clariaudiência

Evocado por pessoas que faziam experiências sobre desdobramento, Robert A Monroe foi até lá, em espírito, viu quem se encontrava na sala, **ouviu** seus risos e vozes: não foi visto mas conversou mentalmente com uma delas, que era sensitiva.

(Do livro "Viagens Fora do Corpo", de Robert A Monroe, Editora Record, cap. 3 - Baseado em Provas).

PSICOMETRIA

1. Definição

É a faculdade, que poucas pessoas possuem, de descrever acontecimentos ou cenas, distantes no espaço e no tempo, mediante o contato físico ou a simples aproximação de certos objetos que lhes são apresentados. O exemplo mais típico ocorre quando se apresenta ao sensitivo um objeto qualquer pertencente a uma pessoa, ou de seu uso, e, então, o sensitivo descreve a fisionomia, situação, sentimentos, cenas ou detalhes outros relacionados com o dono ou usuário do objeto.

No entanto, experiências feitas com galhos de árvores, pedaços de carvão, penas de pombos etc., demonstram que também são psicometráveis os elementos ligados a animais, vegetais e coisas inanimadas e não somente os relacionados aos seres humanos.

2. Mecanismo da Psicometria

- a) Em volta dos objetos que nos são comuns, cria-se uma aura fluídica, resultante dos pensamentos que continuamente lhes endereçamos ou simplesmente emanamos usando-os.

Quanto maior a afeição que votamos a um objeto, maior a carga fluídica que se acumula em torno dele, passível de nos identificar.

Se o objeto não tiver qualquer ligação fluídica-mental com alguma pessoa, o psicômetra nada pode identificar em relação a alguém mas apenas em relação ao próprio objeto.

- b) Os **objetos**, pois, funcionam como **mediadores**, intermediários entre o psicômetra e os seres, acontecimentos e ambientes que se desejam identificar.

- c) O **psicômetra** é a pessoa que consegue concentrar seu pensamento, com atenção profunda no objeto a ser analisado, fazendo com que sua percepção extrapole aos sentidos físicos comuns.

Ele consegue desarticular a força nervosa de certos núcleos (audição e visão, por exemplo) e incorporá-los aos raios exteriorizados de sua energia mental, conseguindo com isso novos poderes sensoriais.

O psicômetra pode, também, desdobrar-se e entrar em contato mais intenso com o plano espiritual, com o que aumentam suas percepções no tempo e no espaço.

3. É a Psicometria uma forma de mediunidade?

A Psicometria apresenta variedade de fenômenos, que resumiremos assim:

- a) Pode ser uma função anímica, uma variedade da clarividência, quando a relação e descrição é feita com estados da matéria, animais e vegetais, ligados ao objeto psicometrado. Ou, quando o psicômetra, por exemplo, percebe e descreve uma doença ou órgãos afetados da pessoa relacionada ao objeto em análise.
- b) Pode ser um fenômeno mediúnico, se o psicômetra entrar em contato com espíritos (encarnados ou não) e captar-lhes telepaticamente os pensamentos imantados ao objeto, bem como imagens projetadas.

INFLUÊNCIA DO MÉDIUM NA COMUNICAÇÃO

No aspecto funcional

O ato mediúnico é, na realidade, uma interpenetração psíquica (J. Herculano Pires, em 'Mediunidade'). Portanto, o médium sempre influi no fenômeno mediúnico (seja de efeitos físicos ou intelectuais) pelo seu tipo de fluidos (afinidade fluidica), por suas vibrações positivas ou negativas, pela simpatia que tenha ou não para com o comunicante.

A influência do médium é maior nas manifestações inteligentes porque intermedia o pensamento do comunicante (assimilação da corrente mental) e a sua expressão no plano terreno.

Os espíritos usam a linguagem do pensamento mas, ao se exprimirem por via mediúnica, utilizam idéias e vocabulários do médium.

1) Quanto à forma de expressão do pensamento.

O espírito poderá exprimir-se em língua que ele mesmo não conheceu em nenhuma de suas existências terrenas mas que é familiar ao médium; porque o espírito estará emitindo o pensamento e o médium "traduzindo" em um dos idiomas terrestres que conheça.

O espírito também pode fazer que o seu pensamento seja reproduzido em um idioma que lhe é familiar mas ao médium, não (nem de outra encarnação); a dificuldade, neste caso, está em que terá de procurar os sons conhecidos pelo médium em outros idiomas e tentar reuni-los formando as palavras no idioma que quer empregar.

A mesma resistência mecânica encontrará o espírito quando quiser escrever por um médium analfabeto, desenhar por um médium que não possua técnica ou aptidão para isso.

2) Quanto ao conteúdo do pensamento a ser expresso.

Por processo análogo e com igual dificuldade, o espírito poderá conseguir que o médium pouco desenvolvido, intelectualmente, transmita comunicações de ordem elevada.

Mas, comumente, o médium "interpreta" o pensamento do espírito. Se não compreender o alcance, o significado desse pensamento, não poderá fazer com fidelidade. Se compreender o pensamento mas, por falta de simpatia ou outro motivo, não for **passivo** (isto é, se misturar suas idéias próprias com as do espírito comunicante), deformará o pensamento comunicado.

Observações:

Não só o espírito tem suas aptidões particulares; também o médium possui um "matiz" especial a colorir sua interpretação.

Um único médium, por melhor que seja, não nos fornecerá boas comunicações em todos os gêneros de manifestações e conhecimentos.

O espírito preferirá o médium que menos obstáculo lhe ofereça às comunicações usuais e de certa extensão, embora possa, na falta de instrumento melhor e ocasionalmente, servir-se daquele que tem à mão.

Cabe ao médium desenvolver-se, intelectualmente e no sentimento, para oferecer faixa extensa de interpretação e forma mais fiel ao pensamento do espírito.

3) Quando a especialização é desejável.

Um médium, pode, sem dúvida, ter muitas aptidões, havendo, sempre, porém, uma dominante. Ao cultivo dessa é que, se for útil, deve ele aplicar-se. Em erro grave incorre quem queira forçar de todo modo o desenvolvimento de uma faculdade que não possua. Deve a pessoa cultivar todas aquelas de que reconheça possuir os germens. Procurar ter as outras é, acima de tudo, perder tempo e, em segundo lugar, perder talvez, enfraquecer com certeza, as de que seja dotado.

"Quando existe o princípio, o gérmen de uma faculdade, esta se manifesta sempre por sinais inequívocos. Limitando-se à sua especialidade, pode o médium tornar-se excelente e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de tudo, nada de bom obterá . . ."

"Infelizmente, não é raro verem-se médiuns que, não contentes com os dons que receberam, aspiram, por amor-próprio, ou ambição, a possuir faculdades excepcionais, capazes de os tornarem notados. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de **médiuns seguros.**" (Sócrates) (item 198).

No aspecto moral

Depende das qualidades morais do médium a aplicação, o uso que ele faz da sua faculdade mediúnica. E determinará de que natureza serão os espíritos que virão a se comunicar por seu intermédio. Se a empregar para o bem, atrairá bons espíritos; se a empregar para o mal, atrairá maus espíritos (lei da sintonia ou afinidade moral).

O médium espírita sabe que deve usar a faculdade que possui exclusivamente para o bem, porque o Espiritismo esclarece que a finalidade da mediunidade é dar o conhecimento da verdade aos homens e promover a melhoria espiritual do próprio médium.

O médium que emprega mal sua faculdade está sujeito facilmente às mistificações, à obsessão, à perda e suspensão da mediunidade e a se constituir em veículo de idéias fantasiosas e prejudiciais.

Os bons espíritos somente se utilizarão de médiuns imperfeitos em circunstâncias extremas (quando não dispuserem de um bom médium ao seu alcance) e é com relutância que o fazem.

Classificação dos médiuns quanto às qualidades morais

Médiuns perfeitos não existem na Terra. Mas todo médium espírita deve esforçar-se para ser um bom médium e não um médium imperfeito.

Eis, em resumo, **as características gerais dos médiuns bons:** tem grande facilidade de comunicação; atraem a assistência de bons Espíritos; consideram a faculdade que possuem como instrumento do bem; aplicam os bons ensinamentos das comunicações a si mesmos e esforçam-se por merecê-las, cultivando as virtudes cristãs (humildade, benevolência, simplicidade, caridade, etc.).

Os médiuns imperfeitos tem como características: são orgulhosos e egoístas; confiam cegamente nas comunicações que recebem; julgam ter o privilégio da verdade, consideram infalíveis os espíritos que os assistem; não aceitam críticas às suas comunicações; afastam-se dos que poderiam abrir-lhes os olhos; são vítimas fáceis do elogio; são viciosos e dados à levandade; dão irrefletida importância aos grandes nomes. Veja na íntegra (na próxima página) a classificação que Allan Kardec faz dos médiuns bons e dos médiuns imperfeitos no cap. XVI de O Livro dos Médiuns.

Charlatanismo e embuste

Charlatães e embusteiros (médiuns ou não) podem simular fenômenos mediúnicos, para explorar a boa fé do público e se auto-promoverem.

As manifestações inteligentes também podem ser imitadas mas os fenômenos que mais se prestam a fraudes são os de efeitos físicos, porque:

- 1) Impressionam mais à vista do que à inteligência.
- 2) São mais facilmente imitáveis pela prestidigitação.
- 3) Atraem as multidões, oferecendo mais "produtividade financeira".

Convém estar de sobreaviso com os médiuns que, categoricamente, afirmam poder produzir este ou aquele fenômeno, em dias e horas determinados, ou a qualquer momento, porque os espíritos bons não estão à disposição dos nossos caprichos e nem mesmo os espíritos mistificadores gostam de ser explorados pelos médiuns.

A melhor garantia de veracidade nas comunicações mediúnicas está na moralidade reconhecida dos médiuns, na perseverança de seu trabalho, anos a fio, sem o estímulo de interesse material ou de satisfação do amor próprio.

Classificação

Médiuns imperfeitos (item 196)

Médiuns obsidiados: os que não podem desembaraçar-se de Espíritos importunos e enganadores, mas não se iludem.

Médiuns fascinados: os que são iludidos por Espíritos enganadores e se iludem sobre a natureza das comunicações que recebem.

Médiuns subjugados: os que sofrem uma dominação moral e, muitas vezes, material da parte de maus Espíritos.

Médiuns levianos: os que não tomam a sério suas faculdades e delas só se servem por divertimento ou para futilidades.

Médiuns indiferentes: os que nenhum proveito moral tiram das instruções que obtêm e em nada modificam o proceder e os hábitos.

Médiuns presunçosos: os que tem a pretensão de se acharem em relação somente com Espíritos superiores. Crêem-se infalíveis e consideram inferior e errôneo tudo o que deles não provenha.

Médiuns orgulhosos: os que se envaidecem das comunicações que lhes são dadas; julgam que nada mais tem que aprender no Espiritismo e não tomam para si as lições que recebem freqüentemente dos Espíritos. Não se contentam com as faculdades que possuem, querem tê-las todas.

Médiuns suscetíveis: variedade dos médiuns orgulhosos, suscetibilizam-se com as críticas de que sejam objeto suas comunicações; zangam-se com a menor contradição e, se mostram o que obtêm, é para que seja admirado e não para que se lhes dê um parecer. Geralmente, tomam aversão às pessoas que os não aplaudem sem restrições e fogem das reuniões onde não possam impor-se e dominar.

"Deixai que se vão pavonear algures e procurar ouvidos mais complacentes, ou que se isolem; nada perdem as reuniões que da presença deles ficam privadas". (Erasto).

Médiuns mercenários: os que exploram suas faculdades.

Médiuns ambiciosos: os que, embora não mercadejem com as faculdades que possuem, esperam tirar delas quaisquer vantagens.

Médiuns de má-fé: os que, possuindo faculdades reais, simulam as de que carecem, para se darem importância.

Médiun egoístas: os que somente no seu interesse pessoal se servem de suas faculdades e guardam para si as comunicações que recebem.

Médiuns invejosos: os que se mostram despeitados com o maior apreço dispensado a outros médiuns, que lhes são superiores.

Todas estas más qualidades tem necessariamente seu oposto no bem.

Bons médiuns (item 197)

Médiuns sérios: os que unicamente para o bem se servem de suas faculdades e para fins verdadeiramente úteis. Acreditam profaná-las, utilizando-se delas para satisfação de curiosos e de indiferentes, ou para futilidades.

Médiuns modestos: os que nenhum reclamo fazem das comunicações que recebem, por mais belas que sejam. Consideram-se estranhos a elas e não se julgam ao abrigo das mistificações. Longe de evitarem as opiniões desinteressadas solicitam-nas.

Médiuns devotados: os que compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e deve, quando necessário, sacrificar gostos, hábitos, prazeres, tempo e mesmo interesses materiais ao bem dos outros.

Médiuns seguros: os que, além da facilidade de execução, merecem toda a confiança, pelo próprio caráter, pela natureza elevada dos Espíritos que os assistem; os que, portanto, menos expostos se acham a ser

iludidos. Veremos mais tarde que esta segurança de modo algum depende dos nomes mais ou menos respeitáveis com que os Espíritos se manifestem.

"Este quadro é de grande importância, não só para os médiuns sinceros que, lendo-o, procurarem de boa-fé preservar-se dos escolhos a que estão expostos, mas também para todos os que se servem dos médiuns, porque lhes dará a medida do que podem racionalmente esperar. Ele deverá estar constantemente sob as vistas de todo aquele que se ocupa de manifestações, do mesmo modo que a escala espírita, a que serve de complemento." (Sócrates).

CONDICIONAMENTOS E VICIAÇÕES NA MANIFESTAÇÃO MEDIÚNICA

Médiuns novatos costumam apresentar condicionamentos e viciações na manifestação mediúnica, porque ainda tem pouco esclarecimento doutrinário. Às vezes, médiuns antigos também os apresentam, porque não foram bem orientados na fase de desenvolvimento de sua faculdade.

Excessos demonstrativos da influência

Certos médiuns fazem gestos, trejeitos e ruídos vocais excessivos, quando sob a ação dos espíritos.

Por que o médium age assim? É porque:

- 1) sente percepções e sensações diferentes com a aproximação do espírito e não sabe como reagir a elas ou como controlá-las.
- 2) Aprendeu imitando outros médiuns considerados "desenvolvidos" e que assim procediam.
- 3) Quer demonstrar que não é ele quem está se manifestando e, sim, o espírito.
- 4) Quer fazer o dirigente notar que está envolvido pelo espírito e em fase de manifestação.

Tudo isso, porém, é desnecessário. Um médium bem esclarecido e experiente não apresenta:

- 1) Movimentos desordenados e insistentes (gestos, trejeitos tremores, contrações, musculares bruscas, pancadas, etc.).
- 2) Ruídos vocais importunos e excessivos (assopros, assobios, gemidos, chiados, gagueiras, voz entrecortada e soturna ou gritada, etc.).

De fato, com a aproximação do espírito os seus fluidos se combinam com os do médium, e este pode Ter percepções diferentes e sensação de frio, calor, dores, ansiedade, medo, ódio, etc., até mesmo com alguma alteração do funcionamento orgânico.

Entretanto, com a educação mediúnica, o médium não reagirá com espalhafato e controlará suas emoções e atitudes. O fenômeno mediúnico ficará, então, perfeitamente natural, apenas com as características peculiares a cada espírito manifestante.

Como demonstra o médium que está sob a influência espiritual? Simplesmente dando início à comunicação (se ela for oportuna e dentro do esquema normal da reunião) ou dizendo-o ao dirigente, que o autorizará ou não a dar passividade.

"Chapas" mediúnicas

Cada espírito que se comunica é diferente do outro, tem sua própria individualidade.

Quando o médium repete as mesmas encenações, caracteriza-as como suas mesmo.

A não ser quando uma mesma entidade se faz reconhecer por certas particularidades no modo de falar, na sua expressão, no que diz e como diz. Mas nunca será uma "chapa" ou "clichê" que usará para dar sua comunicação e se identificar.

Transformações súbitas do comunicante

Os espíritos, encarnados ou desencarnados, não se transformam de um momento para o outro. Por isso, numa comunicação de alguns minutos, não apresentarão grande modificação de conhecimento ou de comportamento.

Podem, sim, ficar esclarecidos quanto à sua situação de desencarnados; podem sentir que seus sofrimentos foram diminuídos ou mesmo suprimidos; podem se conscientizar de que estão agindo mal, se arrependem e desejarem se melhorar.

Mas não agem como neste exemplo:

"Um espírito teimoso, ateu, maldoso, perseguidor, após revelar todo o seu passado tenebroso e a sua ignorância completa em matéria de espiritualidade, é "doutrinado" pelo dirigente da reunião e, dentro de poucos minutos, já se confessa regenerado, concorda em tudo com o doutrinador e, não raro, termina por fazer uma preleção entremeada de expressões como as de um espírita experiente ("desencarnado", "lei de causa e efeito", "perispírito" etc.) e dando conselhos aos participantes, despedindo-se com as palavras "retiro-me, deixando entre vós a paz . . ."

Que teria ocorrido, então? Eis alternativas:

- 1) Uma mistificação do espírito comunicante, fingindo regeneração;
- 2) Uma fraude do médium que, não encontrando mais argumentos para continuar a representação de espírito atrasado ou não querendo nela prosseguir, deu à comunicação um "fecho espírita";
- 3) O médium julgava encarnar um espírito atrasado mas, ante a sugestão mais forte do dirigente da reunião, voltou ao seu natural estado de consciência e achou necessário um "fecho espírita" para a comunicação;
- 4) O espírito não mais reagiu e se afastou repentinamente, e o médium deu um "fecho espírita" para a comunicação.

O médium sincero sempre transmitirá simplesmente o que o espírito sente ou diz, sem querer dar à comunicação um andamento ou desfecho que agrade ao dirigente ou ao grupo.

Mensagens na segunda pessoa do plural

Convém que o médium iniciante evite receber mensagens, por escrito ou oralmente, na 2ª pessoa do plural (vós), porque:

- 1) Esta forma de tratamento exige conjugação do verbo em formas geralmente não são usadas e, provavelmente, serão cometidos erros de linguagem, que prejudicam a comunicação.
- 2) Os espíritos também falam em outras pessoas gramaticais (tu, você); e muitas vezes estão apenas transmitindo o pensamento, que o médium pode vestir com sua própria linguagem.

Em conclusão:

Para evitar condicionamentos e viciações como esses, o médium deve:

- 1) Acolher com simpatia as observações do dirigentes da reunião;
- 2) Colocar em prática o que já lhe foi ensinado, a orientação doutrinária espírita que já recebeu;
- 3) Guardar respeito íntimo, serenidade e ser sincero em tudo que fizer.

"DE GRAÇA RECEBESTES, DE GRAÇA DAÍ"

A mediunidade é uma faculdade concedida por Deus às criaturas, que nada pagam por ela.

Por isso, quando desenvolveu a mediunidade nos seus discípulos e os mandou trabalharem com ela em favor da humanidade, Jesus lhes disse: "De graça recebestes, de graça daí." (Mt. 10).

O mestre não somente recomendou o exercício gratuito da mediunidade, Ele o exemplificou, nada cobrando dos discípulos pelo desenvolvimento mediúnico que neles promoveu e jamais cobrando nada de ninguém por qualquer das obras espirituais que realizou, inclusive as curas.

E, ao expulsar os vendilhões do Templo de Jerusalém, deu enérgica demonstração de que não se deve comerciar com as coisas espirituais, nem torná-las objeto de especulação ou meio de vida.

Porque o exercício mediúnico não pode ser cobrado

O trabalho que fazemos na vida terrena é com o corpo ou com o intelecto e a paga que recebemos por ele se destina à nossa sobrevivência corpórea, ao atendimento das nossas necessidades materiais. Como cada qual tem sua capacidade ou aptidão, todos podem trabalhar e ganhar o seu pão de cada dia (com exceção das crianças, dos idosos, dos muito deficientes ou enfermos).

O trabalho com a mediunidade é uma situação muito diferente. Trata-se de uma faculdade que:

- enseja um trabalho que é espiritual e só se realiza com o concurso dos espíritos desencarnados;
- tem por finalidade fazer o intercâmbio entre o plano material e o espiritual, promovendo o esclarecimento, a ajuda mútua e a fraternidade entre os encarnados e os desencarnados;
- precisa estar ao alcance de todos os seres humanos em geral mas só pode ser exercida por médiuns, que são minoria na Humanidade.

Se a mediunidade for comercializada ou profissionalizada, eis o que poderá acontecer:

1) Os médiuns poderão ter dificultado ou impedido o acesso dos pobres ao esclarecimento, conforto e ajuda espiritual.

"Deus quer que a luz chegue a todos, não quer que o mais pobre dela fique privado e possa dizer: não tenho fé, porque não a pude pagar; não tive o consolo de receber encorajamentos e os testemunhos de afeição dos que pranteio, porque sou pobre."

2) O médium estará recebendo a paga pelo trabalho dos espíritos, o que é imoral.

No transe mediúnic, somos intermediários mas os espíritos é que falam, escrevem, ensinam, produzem fenômenos. Como vender o que não se originou de nossas idéias, pesquisas ou qualquer outra espécie de trabalho pessoal?

Como receber pelo trabalho dos espíritos uma paga em coisas materiais, que só a nós beneficia e não a eles?

No caso de serem espíritos familiares e amigos, não nos repugna expô-los para, com isso, lucrar alguma coisa material?

3) Teremos de assegurar resultados, mas não o poderemos fazer, pois a mediunidade é uma faculdade fugidia, instável, com a qual ninguém pode contar com certeza, já que não funciona sem o concurso dos espíritos. Ora, os espíritos, quando bons, não se prestam ao comércio mediúnic, pois não irão concorrer para a cupidez e ambição do seu intermediário; e, quando maus, também não gostam de ser explorados e nem sempre querem atuar. "Explorar a mediunidade é, portanto, dispor de uma coisa de que realmente não se é dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga".

4) Atrairá para junto do médium espíritos inferiores.

Como os bons espíritos não se prestam a esse comércio e se afastam, os que ficam junto do médium mercenário são espíritos levianos, pseudo-sábios ou até malévolos mas, no mínimo, ignorantes.

O médium que vende seu trabalho mediúnic expõe-se à influência dos espíritos inferiores, dos quais se fez comparsa e cúmplice, e com isso compromete sua situação espiritual, presente e futura.

5) Lançaremos descrédito sobre a mediunidade.

Quando nos fazemos pagar pelo exercício mediúnic, acarretamos descrédito sobre nós mesmos e para o intercâmbio espiritual. Isto traz grave prejuízo para o progresso moral da humanidade, pois, desacreditando da manifestação mediúnica, a humanidade perde sua fonte de informações, conforto e ajuda espiritual.

"A mediunidade séria nunca pode constituir uma profissão, isso a desacredita moralmente e a assimilaria aos ledores da sorte ("buena dicha"). Esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, a ignorância e a crueldade dos supersticiosos foi que levou Moisés a proibi-la. O Espiritismo, compreendendo a feição honesta do fenômeno, elevou a mediunidade ao grau de "missão". "A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente".

Observemos que "paga" não é somente o dinheiro mas tudo aquilo que represente remuneração, lucro, vantagem, interesse puramente pessoal, satisfação da vaidade e do orgulho.

Quando um médium dá seu tempo ao público, dizendo que o faz no interesse da causa espírita mas não pode dá-lo de graça, perguntamos com Kardec:

"Mas será no interesse da causa ou seu próprio que o dá? E não será porque entrevê aí uma ocupação lucrativa? Por este preço, encontram-se sempre pessoas devotadas. Porventura haverá somente este trabalho à sua disposição?"

"Quem não tiver com que viver, procure recurso fora da mediunidade. Se quiser, consagre-lhe materialmente o tempo disponível. Os espíritos levarão em conta o seu devotamento e sacrifício, ao passo que se afastam de quem dela faça escabelo.

"À parte dessas considerações morais, não contestamos de modo nenhum que possa haver médiuns interesseiros honrados e conscienciosos, porque há pessoas honestas em todas as profissões; mas se convirá, pelos motivos que expusemos, que o abuso tem mais razão de estar com os médiuns pagos do que junto àqueles que, olhando sua faculdade como um favor, não a empregam senão para prestar serviços gratuitamente".

Kardec está com a razão. E podemos aduzir que a gratuidade dos serviços no meio espírita tem assegurado o afastamento das pessoas interesseiras e mal intencionadas. O desprendimento e o desinteresse exigidos valem, pois, como um dispositivo de segurança para o movimento espírita.

A remuneração espiritual

Todo o bem que fazemos, porém, sempre tem sua recompensa espiritual. Afirmou Jesus que "digno é o trabalhador do seu salário". E a lei de ação e reação sempre dá às criaturas segundo as suas obras.

Assim, o médium que exerce sua faculdade como Jesus recomenda, sem interesses materiais ou egoístas, não deixará de receber um natural salário espiritual, pois conseguirá conseqüências felizes como estas:

- pagar suas dívidas espirituais anteriores pelo bem que enseja com seu trabalho mediúnico, e adquirir méritos para novas realizações;
- acelerar o próprio progresso, pelo desenvolvimento que lhe vem pelo exercício de sua faculdade e pelo conhecimento que adquire sobre a vida imortal;
- convívio com bons espíritos e a proteção deles, em virtude da tarefa redentora a que se vincula

Divaldo fala sobre a venda da mediunidade: "A venda de recursos mediúnicos não se consuma exclusivamente por dinheiro, porque se pode trocá-la por presente, por concessões, pelo envaidecimento e por várias outras modalidades mais ou menos sob disfarce. Nós, médiuns, devemos acautelar-nos, constantemente, contra os perigos da **simonia** (venda ilícita das coisas sagradas) **indireta**, inclusive para com aqueles que fazem parte do nosso círculo íntimo, ou os que nos propiciam conforto e facilidades.

Lembro-me, aqui, de um querido confrade, médium seguro, que exerceu a mediunidade caritativa por largos anos numa modesta construção no fundo do quintal de sua casa. Esse homem de vida santificada carregava uma prova dolorosa: a esposa era alienada mental, a filha sofria de ataques epilépticos e o filho vivia atormentado por Espíritos vingativos. Granjeava recursos para a manutenção daquele lar com a execução de modestos serviços em profissão humilde, que ele executava em sua casa mesmo.

Um dia, após atender pessoa portadora de um problema muito grave, notou que tal pessoa deixava boa soma de dinheiro num envelope aberto em cima da mesa, retirando-se em seguida.

Levantou-se às carreiras e foi ter com a pessoa:

- Senhor, acho que esqueceu este dinheiro na mesa em que trabalho.

Resposta do doador:

- Não, não esqueci. Percebi que o senhor tem problemas financeiros e de saúde de seus familiares e, como disponho de muitos recursos, quis ajudá-lo a amenizar as dificuldades com que se defronta.
- Não, bondoso amigo, não posso aceitar.
- Mas, por que não pode? O senhor não me pediu nada, estou dando é para sua família, sua esposa doente e os filhos enfermos; com este dinheiro o senhor pode minorar o sofrimento deles.
- Perdoe-me se não consigo fazer-me entender. Se minha mulher e meus filhos estão ao meu lado passando provações e vicissitudes, é porque deviam às justas Leis Divinas que nos levam ao resgate, para nosso benefício. Por favor, não insista, não destrua, num segundo, o que levei 30 anos para edificar.

Dito isso, passou o envelope para as mãos do doador e voltou ao barraco onde exercia a mediunidade com verdadeiro amor e santidade."

(Do livro: Entrevistas & lições, questão 113, de Divaldo Pereira Franco)

MEDIUNIDADE É MISSÃO?

Missionário é o espírito que, sem nada dever à humanidade terrena nem ter mais nada a aprender neste mundo, aceita nascer na Terra com um encargo, uma tarefa em especial, para ajudar o progresso dos que aqui vivem.

Neste sentido, poucos serão os verdadeiros missionários na Terra, que é um planeta de espíritos ainda sujeitos a provas e expiações.

Mas qualquer pessoa que recebe um encargo, uma tarefa para realizar, pode dizer que está "incumbido de uma missão".

Neste sentido, todo médium, mesmo sendo uma criatura imperfeita, tem sua missão, isto é, um trabalho a fazer, um papel a desempenhar: o de intermediário entre o plano invisível e o material, colocando a verdade espiritual ao alcance das criaturas.

É uma pena que algumas pessoas com mediunidade não entendam o valor da sua faculdade e não queiram exercitá-la devidamente, alegando: "Tenho medo de lidar com os espíritos", "Dá muito trabalho e ocupa muito tempo", "Não vou poder viver a minha vida como gosto", etc.

Não empregando sua faculdade mediúnica, o médium não se livra da presença e atuação dos espíritos em geral. Pelo contrário, fica mais a mercê dos maus espíritos por lhe faltar autoridade moral e o exercício no bem, que podia mas não quer fazer.

A mediunidade é abençoada oportunidade de serviço, através do qual o médium resgata dívidas do passado, aprende muito sobre a vida espiritual e pode progredir mais depressa moralmente.

Para trabalhar como médium, não é preciso renunciar a uma vida normal, na família, no estudo, na profissão ou socialmente. Basta renunciar apenas aos excessos, à indisciplina, à rebeldia, aos vícios, e se interessar pelas atividades espirituais superiores.

Depende do médium achar que sua faculdade mediúnica é uma obrigação constrangedora ou considerá-la uma pequenina, abençoada missão e executá-la com satisfação íntima.

Procure o médium aceitar a sua mediunidade, embora as dificuldades e problemas com que se apresente; cultive-as com carinho, respeite sua finalidade superior. E terá as mais sublimes compensações pela tarefa que executar como intermediário entre o Céu e a Terra.

Mas não se julgue nunca um espírito missionário, na verdadeira acepção do termo, nem dispute esse título. A não ser que seja bom, tão verdadeiro e tão realizador para o bem como aqueles que Deus nos envia em missão

OBSESSÃO - I

Em linguagem espírita, obsessão é a ação prejudicial, insistente, dominadora de um Espírito sobre o outro (exercida por conta própria ou a mando de terceiros). Em alguns casos, quando a ação é intensa e continuada, pode vir a causar prejuízos no organismo do obsidiado.

(Obs.: A ação dos bons espíritos sobre alguém nunca é obsessão porque é sempre benéfica e não dominadora, respeitando o livre-arbítrio da criatura.)

Por que acontece?

- 1) **Por débito de um espírito para com outro**, originando nessa ou em outra vida (ex.: vingança, oposição, etc.).
- 2) **Pela afinidade que atrai um espírito para outro**. Pela lei da afinidade moral, participamos de um

grupo de Espíritos cujos gostos e inclinações são idênticos aos nossos. Nossas imperfeições atraem para junto de nós Espíritos com idênticas imperfeições, vícios falhas morais tais como alcoolismo, maledicência, ambição, sexualismo exacerbado etc.

O mau uso da mediunidade é uma falha que atrai igualmente maus Espíritos.

Se houver, também, afinidade fluídica, o Espírito obsessivo terá campo livre para maior atuação sobre o obsidiado.

Mas, o que prende junto a nós o obsessivo, não é propriamente a afinidade fluídica, e sim a moral.

3) Pela falta de ação do bem.

Na resposta dos Espíritos à pergunta 642 de "O Livro dos Espíritos", aprendemos que devemos fazer o bem no limite de nossas forças, e que responderemos por todo o mal que resultar de não termos praticado o bem. Por isso, muitas vezes, a obsessão que sofremos é pela nossa omissão ante o bem que sabemos e podemos fazer. Incluamos, aqui, o não exercício da faculdade mediúnica que se possui, em favor de todos.

Quanto ao seu agente

A obsessão não se faz somente do desencarnado para com o encarnado. Existem também estas outras formas de obsessão:

Auto-obsessão: quando nos obsidiamos a nós mesmos, pelo trabalho excessivo da mente em idéias improdutivas, egoístas, orgulhosas, de temor (medo) etc. Temos então, a imaginação fantasiosa, o misticismo doentio, as fixações mentais inalteráveis, enfim, tudo o que ultrapassa o limite da normalidade.

Encarnado obsidiando desencarnado: todos somos Espíritos, e portanto, podemos agir uns sobre os outros. Às vezes, é o encarnado que importuna e domina o desencarnado obsessivamente.

Exemplo: "Libório é o espírito perseguido por Sara, criatura ainda encarnada a quem se ligou no mundo, por descontrolada paixão. Sintonizados na mesma faixa vibracional deprimente, estão ligados um ao outro, acusando dolorosa e complexa simbiose obsessiva. ("Estudando a Mediunidade", Martins Peralva).

Obsessão mútua: quando, de lado a lado, é exercida uma ação mental e fluídica inferior, prejudicial.

Seus graus

Obsessão simples: é percebida pela pessoa; sua insistência incomoda, mas o problema não está enraizado. Ex.: o chamado "encosto", as situações mentais e fluídicas esporádicas. É encontrada no período pré-mediúnico. De modo geral todos nós a sofremos de vez em quando.

Fascinação: neste caso, o obsidiado não se reconhece importunado, porque o obsessivo foi astuto e, agindo disfarçadamente, conseguiu fasciná-lo com uma ilusão. O obsidiado acha sua ilusão certa e bela, confiando no obsessivo.

Subjugação: a vontade do obsidiado foi dominada, moral ou fisicamente. Ex: médium que se sente compelido a escrever sempre, em qualquer local ou momento, e até mesmo sem lápis ou caneta; movimentos involuntários, tais como ajoelhar-se, erguer as mãos para o céu, falar sozinho na rua.

Quanto tempo dura

A obsessão, que se instala e manifesta de forma sutil ou violenta, poderá ter uma duração:

- breve, transitória;
- periódica (que retorna ou se acentua, de vez em quando);
- permanente (durante uma encarnação ou mais).

Segundo relatos que encontramos na literatura Espírita, uma obsessão pode durar dias, meses, anos, séculos e até milênios. (Ex.: "Dramas da Obsessão", "Nas Voragens do Pecado", psicografados por Yvonne A Pereira).

Como se cura

Cura-se a obsessão pela ação:

- 1) **Do encarnado:** que, sem se abater, suporta com paciência, procurando exercitar-se para o bem, e renovar-se moralmente.

- 2) **Do desencarnado:** que desanima por não obter efeitos pretendidos, ou que é motivado a renovar-se pelos esclarecimentos e vibrações que recebe.
- 3) **De terceiros:** que forneçam ao obsidiado a resistência fluídica que lhe faltava (através de passes, vibrações) e propiciem esclarecimentos, tanto ao obsessor quanto ao obsidiado.
- A esse trabalho doutrinário e mediúnico, na tônica do amor fraterno, que se faz procurando libertar alguém da ação espiritual prejudicial e insistente que esteja sofrendo, chama-se desobsessão

OBSESSÃO - II

Como reconhecer quando alguém está obsidiado

Quando alguém está sofrendo obsessão, há alterações de comportamento físico, mental e emocional. Qualquer pessoa com conhecimento doutrinário espírita e um pouco de treinamento no campo do atendimento do obsidiados, reconhece os sinais dessa alteração. (Percepção de fluídos ou a vidência são bons auxiliares na verificação do estado obsessivo, mas não são meios exclusivos nem infalíveis).

Na **obsessão simples**, os sinais revelados são tênues, insuficientes para detectar a influência maléfica, a não ser para quem reconheça a pessoa no seu estado normal.

Quando a obsessão se acentua, os sinais de alteração começam a ficar evidentes, tais como:

- olhar fixo, esgazeado ou fugidio, sem encarar ninguém;
- tiques e cacoetes nervosos;
- desalinho ou desleixo na aparência pessoal - excentricidade;
- agitação, inquietude, intranqüilidade;
- medo e desconfiança injustificados;
- apatia, sonolência, mente dispersiva;
- idéia fixas;
- excessos no falar, no rir, mutismo ou tristeza;
- agressividade gratuita, difícil de conter;
- ataques que levam ao desmaio, rigidez, inconsciência, contorções etc.;
- pranto incontrolado sem motivo;
- orgulho, vaidade, ambição ou sexualidade exacerbados.

Na **subjugação**, quando a pessoa volta ao normal, após uma crise, geralmente se queixa do domínio sofrido e lamenta atos infelizes que praticou.

Na **fascinação**, os demais notam a fantasia, o fanatismo, a fixidez, o absurdo das idéias, só a pessoa que não.

Obsessão e mediunidade

"Não são a faculdade mediúnica ou o Espiritismo que provocam a obsessão"

De fato, a obsessão surge mesmo em pessoas que não são médiuns: nunca conheceram nem praticaram o Espiritismo.

Os espíritos sempre existiram, influenciando salutar ou perniciosamente a humanidade; não foram os médiuns ou os espíritas que os criaram.

A faculdade mediúnica é apenas mais um meio de se manifestarem; na falta dela, o fazem por mil outras maneiras, mais ou menos ocultas.

Através da prática mediúnica, os espíritos que estavam agindo invisível, ocultamente, são revelados.

Graças ao Espiritismo e à prática mediúnica que ele apresenta, os encarnados ficam esclarecidos sobre a existência dos Espíritos e seu modo de agir, podendo se acautelarem e reagirem à sua influência.

Hoje em dia, observa-se que as forças trevosas e sombrias, aproveitando a invigilância e a ignorância dos encarnados, desfecham verdadeiros assaltos sobre muita gente.

Mais do que nunca, os grupos espíritas são solicitados para tentar intervir nos casos de obsessão, nos sentido de recuperar o equilíbrio e a saúde das pessoas.

Mas a obsessão "é um dos maiores escolhos da mediunidade e também um dos mais freqüentes"

"Por isso não serão demais todos os esforços que se empreguem em combatê-la porquanto além dos inconvenientes que acarreta, é obstáculo absoluto à bondade e à veracidade das comunicações. A obsessão, de qualquer grau, sendo sempre efeito de algum constrangimento, e este não podendo jamais ser exercido por um bom Espírito, segue-se que toda comunicação dada por um médium obsidiado é de origem suspeita e nenhuma confiança merece. Se nelas alguma coisa de bom se encontrar, guarde-se isto e rejeite-se tudo o que for simplesmente duvidoso". (itens 242/244 de O Livro dos Médiuns)

No **médium**, destacaremos os seguintes sinais obsessivos:

- 1) **Persistência de um Espírito** em se comunicar, bom ou mau grado, pela escrita, audição, tiptologia etc., opondo-se a que outros Espíritos o façam.
- 2) **Ilusão** que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe.
- 3) **Crença na infalibilidade** e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e, sob nomes respeitáveis, dizem coisas falsas e absurdas.
- 4) **Confiança do médium** nos elogios que lhe dispensam os Espíritos que por ele se comunicam.
- 5) **Disposição** para se afastar das pessoas que podem emitir opiniões aproveitáveis; tomar a mal a crítica das comunicações que recebe.
- 6) **Necessidade incessante e inoportuna** de escrever ou dar comunicações
- 7) **Constrangimento** qualquer dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar, mesmo a seu mau grado. Rumores e desordens ao seu redor, sendo ele de tudo a causa ou o objetivo.

PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE

A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e a suspensões temporárias ou mesmo a deixar de existir.

Isto acontece por várias razões, a saber:

1) Problemas Físicos.

Como a mediunidade tem raiz no corpo físico, um desgaste ou problema grave no organismo podem alterar a capacidade de produção mediúnica.

Os bons espíritos deixam de atuar, apesar da faculdade continuar existindo, quando julgam necessário um repouso material para o médium ou quando o exercício mediúnico puder lhe prejudicar a saúde.

Os espíritos inferiores não respeitam esses limites, somente deixando de atuar ante a absoluta impossibilidade mediúnica. Cabe ao médium verificar suas próprias condições de saúde e dosar sua atividade mediúnica.

2) Programação de Trabalho.

Conforme o tipo de tarefa programada para a vida do médium, nesta encarnação, os bons espíritos podem reduzir ou modificar sua atuação através dele em diferentes fases.

Pode ocorrer, também, de uma mediunidade entrar em recesso no médium porque outras vão ser ativadas. Conforme as fases de trabalho, as faculdades em uso vão sendo alternadas.

Não confundamos, porém, essas interrupções e alterações necessárias com os casos em que, por nosso desinteresse ou mesmo má vontade, abandonamos o exercício mediúnico, porque, então, sofreremos a consequência da paralisação do trabalho.

3) Mau uso.

A mediunidade, faculdade valiosa que permite a comunicação entre os dois planos, é concedida ao médium "para o fim da sua melhora espiritual e para dar a conhecer aos homens a verdade".

Por isso, os bons espíritos se afastarão, em busca de quem se mostre mais digno de sua assistência, quando o médium:

- começa a usar a mediunidade para coisas frívolas ou com propósitos ambiciosos ou egoístas;
- se nega à transmissão das mensagens e à produção dos fenômenos necessários ao socorro material e espiritual das criaturas.

O afastamento é, então, uma advertência para que o médium:

- a) Medite no que está fazendo.
- b) Tenha a prova de que sua faculdade não depende de si mesmo e, por isso, não tem razão para dela se vangloriar.

4) **Teste.**

Se o médium é correto moralmente e não sente necessidade de repouso, a suspensão da mediunidade estará servindo para:

- testar sua paciência, sua perseverança na fé e no bom proceder, e sua honestidade (não fingindo fenômeno que já não se produzem por seu intermédio);
- levá-lo a meditar nos ensinamentos recebidos, pois os espíritos não querem que sejamos meros autômatos na transmissão dos ensinamentos e, que os assimilamos e vivamos.

O fato de os bons espíritos se afastarem temporariamente não significa que:

- tenham abandonado o médium à mercê dos espíritos inferiores, menos escrupulosos e sempre prontos a se comunicarem; mas se o médium insistir no mau procedimento, aí, sim, os espíritos inferiores poderão ficar com o campo livre;
- tenham deixado de se comunicar de todo com o médium; as comunicações ostensivas é que estarão interrompidas mas não as do pensamento, as fluídicas, morais.

Como deve proceder o médium, quando sofre perda ou suspensão de sua mediunidade?

- 1) Verificar se sua saúde física está bem e se não anda abusando de sua resistência orgânica.
- 2) "Interrogue o médium a sua consciência e inquiria de si mesmo qual o uso que tem feito da sua faculdade, qual o bem que dela tem resultado para os outros, que proveito há tirado dos conselhos que se lhe tem dado e terá a resposta";
- 3) Se aconselhado a isso pelos bons espíritos, continuar fazendo tentativas breves, sem insistência demasiada, para ver se já recobrou ou não a faculdade;
- 4) Recorrer à resignação, à prece e à boa conduta para abreviar a prova.

A médium Yvonne A Pereira fala sobre a interrupção da mediunidade e focaliza as suas causas:

"Bem, de princípio, é preciso não esquecer que a mediunidade é oscilante. O médium que hoje trabalhe bem, amanhã poderá apresentar deficiências e, ao que parece, isso é normal, dependendo de circunstâncias a serem analisadas. Sendo seu veículo inteiramente físico, isto é, o veículo da mediunidade,* necessariamente concebe-se que, a fim de exercê-lo, o médium necessite de boa saúde física e, também, de um bom estado moral e psíquico.

A sua interrupção dá-se, comumente, pelo esgotamento ou deficiência das forças vitais, de quaisquer outras circunstâncias que nem sempre sabemos, pois devemos lembrar que a mediunidade é, ainda, pouco conhecida por nós. Às vezes, ela retorna após certo período de ausência, ou então não volta mais. Muitas vezes, com efeito, os mentores espirituais a interrompem propositadamente, e isso decorre, certamente, de deficiências orgânicas ou mentais que poderiam prejudicar o médium. De outras vezes, o médium inicia um trabalho e, subitamente, pára com ele, e para sempre, como conheço alguns, e não chega a terminar o que começou. Isso se dá com alguns psicógrafos. Ora, pode nem se tratar, então, de mediunidade, e sim de simples animismo, o trabalho da subconsciência, porque no trabalho da subconsciência acontece muito isso. A pessoa começa a trabalhar, trabalhar . . . de repente, pára. Não pode . . . não vai mais . . . Então, pensa que a mediunidade foi retirada, quando não é. É um fato normal, que acontece com o animismo.

Há casos em que a pessoa não deve exercer a mediunidade, cuja prática poderá lhe acarretar grande sofrimento. Foi o que sucedeu com um irmão meu, que chegou a ficar obsidiado. E o espírito Emmanuel e

o dr. Bezerra de Menezes avisaram a ele que não procurasse exercer a mediunidade, porque o cérebro dele não agüentaria, e o cérebro é um dos veículos da mediunidade. Ele teimou e foi praticar sozinho. O resultado foi uma obsessão. Melhorou, mais tarde. Ele não agüentava; o sistema nervoso dele não lhe permitia praticar a mediunidade, que lhe exige saúde física. Era o que ele não tinha.

O mau estado da circulação arterial, por exemplo, a fragilidade nervosa, as alterações cardíacas são alguns dos fatores que também levam os guias espirituais a conterem a expansão de seus médiuns, assim como aqueles muito sujeitos ao animismo, à histeria e à fraqueza mental ou impressionabilidade. O médium muito impressionável é médium defeituoso, suspeito, pois a mediunidade requer caráter forte, energia nervosa, decisão e força de vontade. Isso, também, eu observei na minha família. Uma tia minha, que via mil coisas, era tida como médium vidente. Mas ela não via coisa nenhuma, ela era histérica, ela criava, como há muitos por aí, muitos médiuns. Criava e dizia que via.

Estou, agora, com uma moça em tratamento nessas condições, aqui, com o diretor dos trabalhos da União Espírita Suburbana. Essa moça pensa que vê obsessores, pensa que vê isto e vê mil coisas, no entanto, ela não vê coisa nenhuma. Ela tem histeria, e a histeria é uma doença mental que cria coisa psíquica, que a pessoa pensa que vê. Muitos médiuns são assim. Mas pode ser, também, até ideoplastia do próprio médium. Então, quando perde isso, pensa que a mediunidade dele foi retirada, mas ali não havia mediunidade. São sutilezas da doutrina a que nós precisamos prestar muita atenção e estudar com afincio para podermos compreender.

Portanto, só um cérebro saudável é bastante apto a exercer a boa mediunidade.

Quanto aos casos de punição, creio sejam mais raros, pois tal acontece se o médium abusou das suas faculdades para desvios lamentáveis.

Muitos médiuns, aliás, trabalham, mas a sua faculdade desde muito não mais produz senão a sugestão ou o próprio animismo, o que, quase sempre, passa despercebido.

Há, também, casos como o de um médium que eu conheci em Pedro Leopoldo, que trabalhou muito com Chico Xavier, irmão do presidente do Grupo Meimei, que, aos trinta e seis anos, perdeu a mediunidade por completo. Mas não foi por coisa nenhuma que ele tivesse feito contra a doutrina ou contra si próprio, foi devido à pressão alta que ele tinha. Não pôde mais trabalhar; ele era um excelente médium, um dos melhores que conheci.

Então, há muitos fatores que podem acontecer, isso não é só por punição. Punição mesmo, posso dizer que não conheço nenhuma.

A idade mais ou menos avançada é, também, motivo para o declínio da expansão mediúnica, pois aí vemos o fluido vital já enfraquecido, o sistema nervoso bastante decadente e as glândulas cerebrais cansadas. E sabemos que todos três são veículos da mediunidade.

A faculdade, aliás, é patrimônio do espírito, e não se acaba, portanto. Mas, pode ser suspensa ou interrompida para sempre, no plano físico, e aproveitada no plano espiritual, pois somos médiuns também quando dormimos ou quando desencarnamos.

Não é somente com a mediunidade que se serve a Deus e ao próximo. A nossa própria inteligência, a nossa cultura, a nossa boa vontade, o nosso coração e o nosso amor também muito podem servir a Deus e ao próximo.

À vezes, pode também uma mediunidade ser retirada ou o médium perder a sua faculdade por uma provação. Talvez ele, em vidas passadas, não tivesse usado bem a mediunidade.

* Yvonne demonstra, aqui, compreender muito bem que a mediunidade não é, propriamente, uma *faculdade física*, pertence ao corpo físico, porque é inerente (pertence) ao ser espiritual, ao espírito. O corpo, como bem afirma, é tão somente o "veículo da mediunidade", o meio através do qual esta se exterioriza no Plano Físico. Em obras como "Libertação", do espírito André Luiz através de Chico Xavier, surpreendemos a mediunidade sendo praticada, em diversos níveis, no Plano Espiritual, o que reafirma a tese de não ser fruto do corpo, mas com sua veiculação condicionada a predisposições orgânicas específicas.

Do livro: Pelos Caminhos da Mediunidade Serena

PSICOFONIA

Psicofonia é a mediunidade que permite a comunicação do espírito, através do médium, pela palavra falada (via oral).

Kardec a denominou **mediunidade falante**. Popularmente, ainda é conhecida como **incorporação**; mas este termo poderia sugerir a falsa idéia de que o espírito comunicante penetra no corpo do médium, o que, em verdade, não sucede. **Psicofonia** é o mais empregado, modernamente.

Suas vantagens e desvantagens

Nas práticas mediúnicas, atualmente, é a faculdade mais encontrada. Muito útil, permite o diálogo direto, vivo e dinâmico com os espíritos, facilitando, inclusive, o atendimento dos que precisam de ajuda ou esclarecimento.

Por ela, o médium, às vezes, chega a dizer "coisas inteiramente fora do âmbito de suas idéias habituais, de seus conhecimentos e até fora do alcance da sua inteligência. Não é raro verem-se pessoas iletradas e de inteligência vulgar expressarem-se, em tais momentos, com verdadeira eloquência, e tratar, com incontestável superioridade, de questões sobre as quais seriam incapazes de emitir, no estado comum, uma opinião".

As desvantagens são:

- 1) É preciso muita análise para avaliar bem a origem e valor da comunicação.
- 2) Geralmente não chega a constituir uma prova de identificação do comunicante.
- 3) Seu efeito é momentâneo, nem sempre bem compreendido e pode ser deturpada a mensagem, ao se tentar reproduzi-la posteriormente (a não ser que seja gravada).

Quanto ao grau de consciência

O médium pode guardar maior ou menor **grau de consciência cerebral**, durante o processo da psicofonia, conforme maior ou menor seja a exteriorização do seu perispírito.

Segundo o grau de consciência cerebral, a psicofonia se classifica em:

1) Consciente

Em cada 100 médiuns, em média 80 são de psicofonia; e destes, 50 são **conscientes** (também chamados **intuitivos**).

Na psicofonia consciente, **o médium sabe o que o espírito quer falar, antes que a faça**.

O transe se processa assim:

- 1) Há exteriorização do perispírito do médium de apenas alguns centímetros e a formação da atmosfera fluídica entre as suas irradiações perispirituais e as do espírito comunicante.
- 2) O espírito emite o pensamento e procura influir sobre o aparelho fonador do médium.
- 3) O médium sente essa influência e capta o pensamento do espírito comunicante na origem, antes de falar, e pode transmiti-lo ou não.
- 4) Se concorda em falar, transmite a idéia conforme a entende e usando seu próprio estilo, vocabulário e construção de frases.

Vantagem desta modalidade de psicofonia: o médium pode avaliar antes a manifestação pretendida, com fácil controle do fenômeno, podendo até interromper o transe, se necessário.

Para melhor proveito do seu trabalho, deve o médium consciente:

- não se negar ao intercâmbio necessário;
- instruir-se para melhor poder transmitir as idéias dos comunicantes;
- ser fiel no que transmitir, interferindo o mínimo possível.

2) Semi-consciente

Em cada 80 médiuns de psicofonia, em média 28 são semiconscientes.

Nesta modalidade, **o médium toma consciência do que o espírito está falando por seu intermédio, no instante em que as palavras são formadas.**

O fenômeno se dá assim:

- a) Há, também, a formação da atmosfera fluídica, como na modalidade anterior; mas é maior a exteriorização perispiritual do médium (ainda não completa, porém) e o comunicante, assim, tem maior atuação no órgão fonador, conseguindo falar melhor, no seu próprio estilo.
- b) Enquanto a mensagem está sendo recebida, o médium sabe o que está falando, sente o padrão vibratório e a intenção do comunicante, podendo controlar e interferir, se necessário.
- c) Mas, ao terminar a manifestação, provavelmente só recordará do início e do final da mensagem e, vagamente, do tema abordado.

Além de observar as recomendações feitas no caso do médium consciente, deverá o médium semiconsciente procurar aperfeiçoar sua mediunidade, esforçando-se por diminuir sua interferência no fenômeno (repetição de frases e gestos que lhe são habituais).

3) Inconsciente

É a modalidade mais rara, encontrando-se apenas 2 médiuns inconscientes em média, em cada 80 médiuns de psicofonia.

Caracteriza-se pela maior inconsciência do médium quanto ao processo de transe psicofônico.

Decorre da seguinte maneira:

- a) Exteriorização **total** do perispírito do médium e formação da atmosfera mediúnica; inexistente ligação entre o cérebro do médium e a mente do manifestante e mesmo entre a sua própria mente perispiritual e o cérebro físico.
- b) Atuação mais direta do comunicante sobre o organismo mediúnico, através dos centros nervosos liberados.
- c) O transe será:
 - c.1) **Sonambúlico:** quando o comunicante consegue mover o corpo do médium, fazê-lo andar, pegar objetos etc.
 - c.2) **Letárgico:** quando o corpo do médium fica imóvel (com ou sem rigidez).
- d) **A mensagem é transmitida sem que o médium guarde consciência cerebral dela;** em espírito, porém, o médium está consciente e, **desde que não esteja dominado em obsessão,** poderá:
 - d.1) Fiscalizar a atuação do comunicante, ajudando-o se ele precisar, ou interrompendo o transe pelo seu próprio despertar, em caso de perigo ou de ação contra seus princípios.
 - d.2) Se o comunicante lhe merecer confiança plena:
 - permanecer no ambiente para aproveitar os ensinamentos e convivência com o comunicante;
 - afastar-se em outras atividades (o limite estará nas suas possibilidades, conveniências e as condições de sustentação da atmosfera fluídica formada).
- e) Ao recobrar a consciência, geralmente o médium nada ou bem pouco recordará do ocorrido ou da mensagem deixada; será uma sensação vaga, como um sonho pouco nítido, sem poder afirmar com certeza do que se tratou.

Esta modalidade apresenta como:

Vantagem: maior liberdade do espírito, que se identifica por gestos, entonação da voz, atitudes e até transfiguração fisionômica.

Desvantagem: se o médium não vigiar previamente sua atitude e conduta, poderá vir a ficar na dependência dos espíritos inferiores a que deu passividade.

Outras observações

- 1) O médium é sempre responsável pela boa ordem do desempenho mediúnico, mesmo na forma inconsciente, porque desempenho mediúnico, mesmo na forma inconsciente, porque somente com sua aquiescência ou conivência o comunicante pode agir (exceção feita aos casos de obsessão).
- 2) Quando a educação mediúnica é deficiente ou viciosa, o intercâmbio é dificultado, faltando liberdade e segurança; o médium reage à exteriorização perispiritual, dificulta o desligamento e quase sempre intervém na comunicação, truncando-a.

- 3) Em caso de médium que vem de processo obsessivo, os mentores procurarão exercitá-lo com espíritos que não lhe ofereçam perigo (o que não lhe retira a responsabilidade quanto ao fenômeno).
- 4) Para o médium inconsciente se entregar plenamente ao transe precisa ter confiança na sua faculdade, nos espíritos que o assistem e, principalmente, no ambiente espiritual da reunião que frequenta.
- 5) O grau de consciência na mediunidade de incorporação pode modificar-se com o tempo, de inconsciente para semiconsciente e consciente, ou vice-versa.

PSICOGRAFIA

É a mediunidade pela qual os espíritos influenciam a pessoa, levando-a a escrever. Os que a possuem são denominados **médiuns escreventes ou psicógrafos**.

Vantagens:

- 1) "É o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo" de todos os meios de comunicação.
- 2) É "a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício".
- 3) Seu resultado não fica na dependência da memória ou da interpretação dos participantes da reunião (como no caso da mensagem oral).
- 4) Por ela "os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento ou da sua inferioridade".
- 5) Permite um estudo acurado da mensagem:
 - a) Quanto ao estilo, ao conteúdo, às idéias.
 - b) Comparando com outras anteriormente ditadas pelo mesmo espírito.
 - 6) Em certos casos, enseja a identificação do autor, pela letra ou assinatura.

Obs.: Na desobsessão, a psicofonia é mais rápida e favorável ao diálogo do que a psicografia.

Classificação quanto ao modo de execução

1) **Médium mecânico.**

É um tipo muito raro.

- a) O espírito atua diretamente sobre a mão do médium, impulsionando-a
- b) Esse impulso independe da vontade do médium (enquanto o espírito tem alguma coisa a escrever, movimenta a mão do médium sem interrupção).
- c) O médium não sabe o que sua mão escreve; somente depois, ao ler, é que vai tomar conhecimento da mensagem.

A escrita mecânica costuma ser célere, muito rápida.

2) **Médium intuitivo.**

São muito comuns:

- a) O espírito atua sobre a alma do médium (e não sobre a sua mão), identifica-se com ele e lhe transmite suas idéias e vontade.
- b) O médium capta essas idéias e vontade e, voluntariamente, escreve; tem conhecimento, portanto, antes de escrever; mas o que escreve não é seu, age como um intérprete.
- c) A distinção entre o pensamento do médium e o do espírito nem sempre é fácil; mas o pensamento nunca é preconcebido, nasce à medida que a escrita estava formando, podendo mesmo estar fora dos seus limites de conhecimento e capacidade.

Obs.: O **médium inspirado** também capta, em grau menor, as idéias dos espíritos e as exporá, se quiser, com seus próprios recursos intelectuais. Mas lhe é mais difícil fazer uma distinção clara entre suas idéias e a inspiração dos pensamentos dos espíritos, motivo porque não precisa escrever o que lhe foi inspirado.

3) **Médiuns semi-mecânicos** (ou semi-intuitivos).

São os mais comuns.

- a) O espírito também atua sobre a mão do médium dando algum impulso.
- b) Mas o médium não perde o controle da mão; se passa a escrever, o faz voluntariamente.
- c) E tem consciência do que escreve, à medida que as palavras vão sendo escritas.

4) Médiuns polígrafos.

"Aqueles cuja escrita muda com o Espírito que se comunica, ou aptos a reproduzir a escrita que o espírito tinha em vida. O primeiro caso é muito vulgar; o segundo, o da identidade da escrita, é mais raro.

5) Médiuns políglotas.

"Os que tem a faculdade de falar ou escrever em línguas que lhes são desconhecidas. Muito raros".

6) Médiuns iletrados.

"Os que escrevem, como médiuns, sem saberem ler nem escrever, no estado ordinário. Mais raros que os precedentes; há maior dificuldade material a vencer".

VIDÊNCIA E AUDIÇÃO

Na terminologia espírita:

Vidência é a faculdade mediúnica que permite ver seres, ambientes, formas, luzes, cores, cenas do plano espiritual.

Audição é a faculdade mediúnica que permite ouvir sons e vozes do plano espiritual.

Sendo faculdades mediúnicas e não anímicas, a vidência e a audição somente entrarão em funcionamento quando os espíritos as acionarem influenciando sobre o médium.

Em seu estado normal, o perispírito nos é invisível, devido à sua natureza fluídica. Pela mesma razão, os sons espirituais nos são inaudíveis. Mas se houver modificações apropriadas nos fluidos, o perispírito pode se tornar visível para nós (como nas aparições, materializações) e os sons espirituais audíveis (como nos "raps" e voz direta), e qualquer pessoa os verá e ouvirá.

Porém, **na vidência e audição mediúnicas, só o médium vê e ouve.**

E, para que isso aconteça, será preciso que:

- a) O espírito comunicante queira se fazer visível e audível.
- b) Que os fluidos perispirituais do espírito e do médium ofereçam possibilidade de combinação entre si.
- c) Haja, em certos casos, permissão espiritual superior.

"Atuando sobre os raios mentais do mediano, o desencarnado transmite-lhe quadros e imagens, valendo-se dos centros autônomos de visão profunda, localizados no diencéfalo, ou lhe comunica vozes e sons, utilizando-se da cóclea . . ." (André Luiz).

As imagens vistas e os sons ouvidos pelo médium podem, pois, serem reais ou plasmados e projetados pelo espírito.

Diz-se que a vidência é:

- no espaço: quando o médium vê o que está acontecendo no plano espiritual, no lugar onde se encontra ou longe dali.
- No tempo: quando o médium vê cenas que ainda vão ocorrer (visão profética) ou que já ocorreram (visão rememorativa).

Diz-se que a audição é:

- interna: quando o espírito transmite o que quer dizer telepaticamente e ao médium parece ouvir "dentro do cérebro".
- Externa: quando ao médium parece vir de fora (longe ou perto), porque o espírito age fluidicamente sensibilizando seu aparelho auditivo.

Exemplo de vidência:

Paulo vê um homem da Macedônia que lhe pede ir até aquela região para ajudá-los espiritualmente. (Atos 16:9).

Exemplo de audição:

No Templo de Jerusalém, Samuel, ainda um jovem discípulo de Eli, por 3 vezes ouve chamarem o seu nome; é instruído, então, por seu mestre para responder: "Fala, Senhor, o teu servo Te ouve". (I Sam. 3:9). Já estudamos, na aula sobre clarividência e clariaudiência, que a visão e a audição espiritual não se fazem com os olhos ou ouvidos do corpo físico mas, sim, graças às propriedades do perispírito.

Compreende-se, portanto, que, na visão e audição mediúnicas:

- a) O médium possa ver e ouvir, mesmo de olhos fechados e ouvidos tapados.
- b) O fenômeno não seja freqüente nem permanente, pois resulta de uma "crise" passageira.

Aliás, é providencial que a vidência e audição espirituais não sejam constantes. Estamos sempre rodeados de espíritos ("grande nuvem testemunhas", no dizer do apóstolo Paulo, em Hebreus, 12:1) e vê-los e ouvi-los a todos e a todo momento nos perturbaria e embaraçaria as nossas ações, tirando-nos a iniciativa. Julgando-nos sós, agindo mais livremente.

- c) O desdobramento favorece a vidência e a audição.

Sem ele, as percepções sofrem grande interferência dos órgãos físicos.

"A possibilidade de ver em sonho os Espíritos . . . **não constitui propriamente falando, o que se chama médium vidente**". ("O Livro dos Médiuns", cap XIV, item 167).

O mesmo se pode dizer quanto à audição.

"É preciso **distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita** de ver os Espíritos. Esta faculdade consiste na possibilidade senão permanente (o que é raro), pelo menos freqüente de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que absolutamente estranho ao vidente". (idem, item 168).

Quanto ao seu desenvolvimento

Essas duas faculdades quase sempre **se manifestam concomitantemente** (quem vê espiritualmente geralmente também ouve sons espirituais) e **complementam-se uma à outra**, dando melhor percepção espiritual.

Vidência e audição **apresentam ambas diferentes graus**, conforme o desenvolvimento do potencial do médium e o adiantamento dos Espíritos que atuam.

Onde um médium vê apenas um vulto, outro poderá ver uma forma bem definida e radiosa. Um ouve a mensagem de modo claro e nítido, outro a percebe imperfeita, fragmentada.

São raros os verdadeiros médiuns videntes e de audição, aqueles que vêem e ouvem bem e com mais freqüência no campo espiritual.

Como toda mediunidade, as de ver e ouvir espíritos também **se manifestam por si próprias**, quando já existem em potencial.

Poderemos favorecer sua manifestação, procurar ampliar suas possibilidades, recorrendo a ambientes favoráveis e exercícios.

Porém, é preferível aguardar o desenvolvimento natural, para não acontecer de sermos joguetes de nossa própria imaginação nem fazermos ideoplastia (plasmar nos fluidos), ou sermos vítimas de maus Espíritos.

No trabalho mediúnico

Os médiuns de vidência e audição tanto podem ver e ouvir coisas boas como más. E devem procurar discernir quanto ao que ouvem e vêem, sem se deixarem perturbar.

Se forem coisas inconvenientes, procurar "fechar" os sentidos espirituais, ocupando a mente com outras atividades. Se necessário, buscar o amparo da oração, dos passes e da assistência espiritual.

Se o que vêem e ouvem lhes agradar, ainda assim devem verificar se é verdadeiro, bom, oportuno, para não caírem em fascinação. Os bons Espíritos não nos fazem ver ou ouvir o tempo todo, pois não querem absorver nossa atenção e respeitam nossas atividades básicas terrenas.

E a visão e audição que já temos?

Muitos querem ser médiuns de vidência e audição, porque acham admirável ver e ouvir espiritualmente.

Porém, antes de querermos que se ampliem as nossas possibilidades de ver e ouvir espiritualmente, reflitamos que, desde agora, já temos a vidência e a audição físicas; e como e para quê as temos usado? Médiun ou não, o cristão evita empregar mal sua capacidade de ver e ouvir. Não fica espreitando as falhas do próximo, não se fixa nos aspectos negativos do que vê. Não dá ouvidos a leviandades, calúnias, intrigas e maldades.

Olha as pessoas com compreensão e fraternidade, para entender e ajudar. Ouve compassivamente aos que sofrem, para consolá-los, e aos que pedem, para atendê-los no que puder.

"Veja quem tem olhos de ver", "Quem tem ouvidos, ouça".

O cristão é, também, discreto. Não propaga o que vê e ouve (inclusive através da mediunidade), sem antes passar pelas três peneiras: a da verdade, da bondade e da necessidade de comunicação do que viu e ouviu.

O LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

Como vimos na aula sobre **Fluidos**, existe a matéria elementar primitiva (fluido cósmico universal), da qual se originam todas as coisas materiais e na qual estão mergulhados todos os seres e os mundos.

Vimos, também, que os espíritos agem sobre os fluidos espirituais, podendo **dirigi-los** (aglomerar, dispersar, conduzir), **combiná-los** entre si e, até, **modificá-los** (conferir-lhes outras propriedades).

É assim que, no campo espiritual, os espíritos plasmam suas roupas, objetos, moradas, etc. Eles não estão criando nada pois a matéria fluídica já existe basicamente; mas, a partir dela, agindo com o pensamento e a vontade, os espíritos formam coisas.

Por depender da capacidade do pensamento e da vontade, as formações fluídicas variam, conforme os espíritos, e é feita consciente ou inconscientemente. Os mais elevados plasmam com liberdade e conseguem produções superiores. Os pouco evoluídos ficam nas produções automáticas de suas mentes e vontades fracas e perturbadas. (Ex.: espíritos que se apresentam com vestes esfarrapadas, ensangüentadas, etc.).

Não acharemos impossível ou maravilhosa essa produção dos espíritos se lembrarmos que aqui na Terra também produzimos formações, transformações e combinações com os elementos do nosso mundo, de acordo com as leis naturais.

É o que Kardec comenta: "Todos os corpos da Natureza nascem dessa matéria que, pelas transformações por que passa, também produz as diversas propriedades desses mesmos corpos. (. . .) Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, ambos inofensivos, formam a água. Juntai um átomo de oxigênio e tereis um líquido corrosivo. Sem mudança nenhuma das proporções, às vezes, a simples alteração no modo de agregação molecular basta para mudar as propriedades. Assim é que um corpo opaco pode tornar-se transparente e vice-versa. Pois que ao Espírito é possível tão grande ação sobre a matéria elementar, concebe-se que lhe seja dado não só formar substâncias, mas também modificar-lhes as propriedades, fazendo para isto a sua vontade o efeito de reativo".

Efeitos físicos

A ação dos espíritos sobre os fluidos pode chegar a produzir, movimentar ou modificar coisas no campo da matéria terrena. É o que se chama de efeitos físicos.

Os mais simples entre eles são os de luz e som. Citaremos como exemplo os que o Evangelho relata como ocorridos no Dia de pentecostes (Atos, 2:2/3):

- um som "como de um vento impetuoso" que encheu toda a casa em que os apóstolos de Jesus estavam;
- as luzes que apareceram sobre as cabeças dos apóstolos, "como línguas de fogo".

Além deles, temos muitos e variados efeitos físicos, conforme vimos na aula Classificação da Mediunidade, entre os quais: os motores (levitação, transporte), os modificadores ou plasmadores (moldagens, materialização, transfiguração), voz e escrita diretas, curas. Em aulas seguintes examinaremos alguns desses fenômenos.

O médium de efeitos físicos

Como já vimos na aula "Mecanismo da Mediunidade", é o médium que emana um fluido especial, animalizado, o ectoplasma, sem o qual o espírito não consegue agir sobre a matéria.

Portanto, ele é indispensável à produção desse tipo de manifestações, quer esteja perto ou longe, quer esteja consciente ou não do que ocorre.

Quando ia realizar curas e outros efeitos materiais, Jesus sempre levava consigo os apóstolos Pedro, Tiago e João, provavelmente porque fossem médiuns de efeitos físicos.

O Ectoplasma (termo criado por Charles Richet)

É uma substância que se acredita seja força nervosa e tem propriedades químicas semelhantes às do corpo físico, donde provém.

Sai de todo o corpo do médium, mas especialmente dos orifícios naturais e das extremidades do corpo (alto da cabeça e pontas dos dedos), sendo mais freqüente da boca (palato, gengivas e bochechas).

Apresenta-se viscoso, esbranquiçado (quase transparente com reflexos leitosos) e é evanescente sob a luz (desaparece com a luz).

Segundo o Assistente Aulus, "ectoplasma é matéria em estado de condensação intermediário entre a matéria densa e a perispirítica . . . amorfo, mas de grande potência e vitalidade . . . animado de princípios criativos que funcionam como condutores de eletricidade e magnetismo, mas que se subordinam invariavelmente ao pensamento e à vontade do médium que os exterioriza ou dos Espíritos, encarnados ou não, que sintonizam com a mente mediúnica, senhoreando-lhe o modo de ser". (Nos Domínios da Mediunidade, cap.28, André Luiz).

Como o Espírito produz os efeitos físicos

Também já vimos, na aula "Mecanismo da Mediunidade" que, para produzir os efeitos físicos, o espírito: combina seus próprios fluidos com o ectoplasma emitido pelo médium de efeitos físicos e, também, com os fluidos ambientes.

É com a substância formada por esses três elementos que o espírito "anima" a matéria, sobre a qual, depois, pode agir, impulsionando-a com o pensamento e segundo a sua vontade.

Vejamos, agora, como Aulus coloca o fato para André Luiz: "Aí temos o material leve e plástico de que necessitamos para a materialização. Podemos dividi-lo em três elementos essenciais, em nossas rápidas noções de serviço, a saber: fluidos A, representando as forças superiores e sutis de nossa esfera, fluidos B, definindo os recursos do médium e dos companheiros que o assistem, e fluidos C, constituindo energias tomadas à Natureza terrestre. Os fluidos A podem ser os mais puros e os fluidos C podem ser os mais doces; no entanto, os fluidos B, nascidos da atuação dos companheiros encarnados e, muito notadamente, do médium, são capazes de estragar-nos os mais nobres projetos". (Nos Domínios da Mediunidade, cap. 28, Efeitos Físicos).

O espírito é, pois, o verdadeiro agente dos efeitos físicos. A intervenção do médium no fenômeno se resume na qualidade e quantidade do fluido que emite e na boa ou má vontade que tiver para com a atuação do espírito.

A intensidade do fenômeno dependerá exatamente da quantidade de fluidos que o médium emite, da possibilidade de combinação desses fluidos com os do espírito manifestante, sendo que a simpatia do médium para com o Espírito favorece o fenômeno. Há casos em que os fluidos são refratários um ao outro, casos em que a combinação se fará com esforço e casos em que a combinação é tão natural que se faz sem o médium perceber.

Os espíritos que mais se prestam a estes tipos de efeitos não são muito evoluídos, tem evolução mediana para inferior. Ainda vibram em faixas mais próximas aos padrões terrenos, tem interesses materiais e absorvem com facilidade fluidos grosseiros. Exatamente por isso é que ainda oferecem facilidade para a obtenção dos efeitos físicos. Isso não quer dizer que sejam, obrigatoriamente, maus, podem mesmo, ser benévolos.

Geralmente esses espíritos são dirigidos e supervisionados na produção dos fenômenos de efeitos físicos por espíritos superiores, que lhes orientam e controlam a atuação.

Nos casos de obsessão, agem mais pelas falhas ou sintonia que o encarnado lhes oferece. Mesmo assim, há limites providencialmente estabelecidos por Deus para a ação dos espíritos.

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

De repente, numa casa ou família, começam a acontecer fatos estranhos como "raps" (= pancadas, batidas), barulhos insólitos, movimentação de objetos, combustão espontânea etc., que não parece haverem sido conscientemente provocados ou favorecidos.

Ante tais fatos, analisemos, primeiramente:

1) Se são fruto da imaginação ou de alucinações.

- 2) Se tem uma causa física conhecida (vento, galhos de árvore, animais).
- 3) Se pessoas inescrupulosas os estão produzindo às ocultas, para se auto-promoverem ou perturbar alguém.

Eliminadas essas possibilidades, poderemos aceitar que se trate de autênticos fenômenos espíritas.

Como se produzem os efeitos físicos e qual a natureza dos espíritos que os produzem, já o estudamos na aula "Laboratório do Mundo Invisível".

Resta saber: Com que finalidade os estão produzindo? Que atitude tomar a respeito?

Geralmente, essas manifestações físicas espontâneas que os espíritos provocam são:

1) Pelo desejo de se comunicar e pedir alguma coisa.

Poderemos atender as solicitações, se justas e exequíveis.

Mas o que mais precisam e os ajuda naturalmente é a prece sincera, fervorosa, que lhes toque o coração, e a boa orientação espiritual.

2) Para perseguir e perturbar alguém.

Neste caso, é preciso orientar:

- a) Ao espírito ainda sem esclarecimento e vingativo, para que se modifique e se encaminhe espiritualmente.
- b) À vítima, para que entenda a razão da atuação do espírito e busque na renovação moral e no serviço do bem e sua libertação.

3) Como brincadeira para assustar os encarnados.

Não dar maior atenção ao fenômeno desanimará o espírito brincalhão, que poderá, também, receber orientação espiritual.

4) Com a intenção de chamar a atenção das pessoas para a realidade do espírito.

Dar atenção fraterna ao espírito manifestante e retirar, das manifestações, o conhecimento que for útil à edificação espiritual dos circunstantes e dos que vierem a ter conhecimento dos fenômenos.

De "O Livro dos Médiuns" (2ª parte, cap. V)

"Cada um deve estar em guarda, não somente contra narrativas que possam ser, quando menos, acoidadas de exagero, mas também contra as próprias impressões, cumprindo não atribuir origem oculta a tudo o que não compreenda. Uma afinidade de causas muito simples e muito naturais pode produzir efeitos à primeira vista estranhos e seria verdadeira superstição ver por toda parte Espíritos ocupados em derribar móveis, quebrar louças, provocar, enfim, as mil e uma perturbações que ocorrem nos lares, quando mais racional é atribuí-las ao desazo". (falta de cuidado).

"As pessoas que sem o saberem possuem faculdades mediúnicas capazes de serem utilizadas para a obtenção de tais fenômenos são denominadas como **médiuns naturais** e possuem uma faculdade especial, embora sozinhas, pela vontade própria, nada consigam".

"É preciso, primeiro, que o espírito o queira, que tenha um objetivo, um motivo, sem o que não fará nada. Em seguida, freqüentemente, é preciso que encontre, precisamente no lugar em que quer agir, uma pessoa apta para secundá-lo, coincidência que se depara muito raramente. Essa pessoa aparecendo, ele se aproveita dela. Apesar da reunião de circunstâncias favoráveis, poderá ainda ser impedido por uma vontade superior que não lhe permita agir à vontade. Pode ser-lhe permitido fazê-lo dentro de certos limites apenas e no caso em que estas manifestações sejam julgadas úteis, quer como meio de convicção, quer como prova para a pessoa visada".

LEVITAÇÃO - TRANSPORTE - TRANSGUIRAÇÃO - ESCRITA E VOZ DIRETA

Levitação

É o fato de pessoas ou coisas serem erguidas no ar, pela ação de espíritos, sem auxílio exterior de caráter material, aparentemente contrariando as leis da gravidade.

Allan Kardec explica o mecanismo do fenômeno:

" . . . quando um objeto é posto em movimento, levantado ou atirado para o ar, não é que o Espírito o tome, empurre ou suspenda, como faríamos com a mão. O Espírito o **satura**, por assim, dizer, do seu fluido,

combinado com o do médium, e o objeto, momentaneamente vivificado desta maneira, obra como o faria um ser vivo, com a diferença apenas de que, não tendo vontade própria, segue o impulso que lhe dá a vontade do Espírito". (O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. IV, item 77).

Por vezes, o espírito se utiliza apenas de projeções fluídicas, como hastes, a que Crawford denominou "alavanca psíquica".

Exemplos:

No Evangelho: Pedro "caminha" sobre as águas (Mt. 14 vs. 23/33).

Na atualidade: os dois médiuns Home (Inglaterra), Mirabelli (Brasil) e Eusápino (Itália); Sta. Tereza em êxtase, também levitava.

Transporte (O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. V, itens 96/99)

"Consiste no trazimento espontâneo de objetos inexistentes no lugar onde estão os observadores".

Para que esse fenômeno ocorra, é preciso: um médium único, que emane muito fluido animalizado; que haja muita afinidade entre os seus fluidos e os do espírito comunicante, para que se fundam como uma só força.

Em certas manifestações físicas espontâneas, o transporte pode assumir aspectos tumultuados e até agressivos. Mas, geralmente, nas reuniões apropriadas, é benévola a intenção dos espíritos que promovem o transporte, a natureza dos objetos é graciosa (flores, perfumes, jóias, confeitos variados) e a forma pela qual são trazidos é delicada.

Há quem distinga como "apport", quando o objeto é trazido do exterior para o ambiente; e como "transporte" quando é levado para fora do local da experimentação.

Tais fenômenos podem se prestar a mistificações e abusos, (como todos os efeitos físicos) por isso convém se manter cautela contra possíveis fraudes e embustes.

Exemplos:

No Evangelho: Felipe, na estrada de Jerusalém a Gaza, após instruir o eunuco da Rainha Candace, da Etiópia, é "arrebatoado pelo Espírito do Senhor" para a localidade de Azoto (Atos, 8 vs. 26/40).

Na atualidade: Os ocorridos com os três médiuns já citados: Home, Mirabelli e Eusápia Paladino.

Transfiguração

A transfiguração consiste na mudança de aspecto de um corpo vivo.

Uma simples contração muscular pode dar à fisionomia expressão muito diferente da habitual, a ponto de tornar quase irreconhecível a pessoa. Podemos notar isso em alguns sonâmbulos e mesmo em nós, quando nos alegamos, exaltamos ou sofremos.

Mas essa transformação não é radical.

Na transfiguração real, o fenômeno vai mais além da simples modificação de alguns traços fisionômicos. Este fenômeno, estranho e raro, parece explicar-se assim:

1) Na transfiguração voluntária.

- a) O perispírito irradia-se ao redor do corpo (por expansão perispiritual, sem chegar ao desdobramento completo).
- b) Forma-se uma espécie de vapor fluídico, envolvendo o corpo.
- c) Esse vapor fluídico perde a transparência e, como nuvem brumosa, oculta a visão do corpo físico.
- d) Então, o espírito, se puder e quiser, plasmará nesse vapor fluídico sua forma perispiritual ou outro aspecto determinado.

Foi assim que Jesus se transfigurou esplendorosamente, como narram os evangelistas Mateus (17 v. 2), Marcos (9 v. 2/3) e Lucas (9 v. 29).

2) Na transfiguração mediúnica.

- a) Um espírito aproveita a expansão perispiritual do encarnado (ou mesmo a provoca);

- b) Combina os seus fluidos com os do encarnado;
- c) Imprime ao vapor fluídico, assim preparado, a aparência que lhe é própria (a do seu perispírito) ou outra aparência que desejar.

Zoantropia

É uma variante do fenômeno de transfiguração, produzindo aparência animalescas.

Pode ser causada por:

- 1) Mentalização do espírito, encarnado ou não, sobre seu próprio perispírito. Espíritos muito inferiores podem se apresentar perispiritualmente como animais, porque assim se sentem e pensam sobre si mesmos. Diz-se **licantropia**, quando a forma é de um lobo.
- 2) Sugestão ou indução que um espírito faz sobre outro (encarnado ou não), levando-o a plasmar a forma animalesca em seu perispírito.

Exemplos:

- a) Médiuns que, sob a influência do espírito comunicante, assume aparência animalesca.
- b) A mulher (desencarnada) que assumiu aparência perispiritual de uma loba por indução dos seus perseguidores espirituais. (Libertação, cap. V, Operações Seletivas, de André Luiz, psicografado por Francisco C. Xavier).

Pneumatofonia (O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. XII)

Também chamada **voz direta**, é o fenômeno em que os espíritos produzem sons que imitam a voz humana, na atmosfera ao nosso redor (perto ou longe).

Para tanto, plasmam eles "gargantas fluídicas", que depois fazem funcionar pelas leis comuns da fonação.

Como em todo o fenômeno de efeitos físicos, o médium apenas fornece o fluido animalizado.

Exemplos:

No Velho Testamento: A jumenta que "fala" a Balaão (Num. 22 vs. 28/30).

No Novo Testamento: A voz que fala sobre Jesus, após ele ser batizado (Mt. 3 vs. 17), quando ele entra em Jerusalém (Jo 12 vs. 28/30) e na transfiguração (Mt. 17 v.5).

Na atualidade: Inúmeras experiências com vários médiuns.

Pneumatografia (O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XII)

É a escrita produzida diretamente pelo Espírito no plano material; difere da psicografia porque, nesta, a escrita é feita com a mão do médium.

Os espíritos a fazem utilizando instrumentos materiais (lápis, canetas, giz, etc.) ou produzindo eles mesmos as substâncias necessárias (tinta, grafite, etc.) ou, ainda, transportando-as para o local.

Muitas vezes, puderam ser vistas mãos fluídicas traçando linhas e mensagens diretamente, sem o auxílio do médium, que só fornece o fluido apropriado à manifestação do espírito.

Exemplos:

No Velho Testamento: Os 10 mandamentos escritos em pedras, chamadas "as tábuas da Lei" (Ex. 31 v. 18 e Deut. 10 vs. 1/4); a mão que escreveu na parede, no festim de Belsazar (Daniel, 5 v.5).

Na atualidade: Inúmeras experiências com vários médiuns.

MATERIALIZAÇÃO

É o fenômeno pelo qual os espíritos constroem algo "material", desde substâncias informes até coisas ou, mesmo, corpos humanos. Não é fenômeno muito encontrado, pois depende da existência de médium de efeitos físicos que emane abundantemente o fluido animalizado.

A "matéria" que os espíritos elaboram:

- 1) É formada (como todo efeito físico) pela combinação dos fluidos do espírito com o fluido animalizado do médium e com os fluidos ambientes.
- 2) Pode assumir (sob o comando do pensamento e vontade do espírito manifestante) a aparência das substâncias de nosso mundo terreno (orgânicas ou não).
- 3) Essa formação imita as substâncias de nosso mundo terreno mas sua estrutura íntima não é idêntica à delas quando analisada em laboratório.
- 4) Ingerida (caso aparente um alimento, uma fruta), pode dar a impressão de saciedade, pois é alguma substância.
- 5) Costuma ser de formação temporária e breve; quando duradoura, de modo a permanecer em nosso plano, é mais provável que seja um transporte e não uma materialização.

Materialização de Espíritos

A estruturação de uma forma humana pode ser parcial (mão, rosto, busto) ou um corpo inteiro. É modelada com base no perispírito, sobre ele, quer seja o do espírito manifestante, quer seja o do médium.

Essa "materialização" tem todas as aparências de vida: calor, tangibilidade, movimento e até certa fisiologia (respiração e fala, por exemplo), pois é um espírito (ser inteligente) que está atuando através dessa substância.

O espírito materializado locomove-se entre os presentes, conversa com eles, toca-se, pega objetos e os muda de lugar, maneja aparelhos, instrumentos musicais, etc.

Kardec não empregou, para essas formações, o termo "materialização" mas, sim, o de "aparições tangíveis".

Agêneres: é o nome que se dá às materializações de espíritos um tanto mais duradouras que o comum, de modo que lhes permite conviver algum tempo entre os encarnados, como se também encarnados fossem. Na Bíblia, há o relato de dois anjos que Lot hospedou em sua casa. (Gen. 19); Allan Kardec estudou o assunto na "Revista Espírita" de fevereiro/1859, dando um exemplo ocorrido naquela época; vide, a respeito, o item 125 do Cap. VII, 2ª parte de O Livro dos Médiuns.

Mecanismo do fenômeno

- 1) Começa com as emanações de ectoplasma (fluido animalizado) do médium (parecem nuvens, luminescentes ou não) e as radiações e eflúvios, das pessoas presentes.
- 2) Pode ocorrer uma sensação de frio, que é indício do dispêndio de energia calorífica.
- 3) À medida que aumenta a condensação dessa substância, a forma se desenha cada vez mais visível.
- 4) Ao final, a formação se dissolve, como que se esvanecendo no ar, e os fluidos nela utilizados, retornam às suas fontes, que foram o espírito, o médium, demais participantes e o meio ambiente.

Obs.: Durante a manifestação, o médium apresenta sensível perda de peso; houve casos de apresentar parcial desmaterialização do seu corpo; essa perda deverá ser repostada o mais breve possível após a manifestação mas o médium sempre emagrece uns dois quilos por reunião; por isso, essas reuniões tem de ser espaçadas e se recomenda a todos os participantes delas cuidados alimentares e abstinência de álcool, fumo e substâncias tóxicas, etc., para que os fluidos não retornem ao médium com mescla demasiada e prejudicial.

Importância do fenômeno

O fenômeno de materialização tem grande importância, porque não apenas comprova a existência e imortalidade do espírito mas, como diz Léon Denis:

"Assim como os fenômenos de incorporação nos iniciam nas leis profundas da Psicologia, a reconstituição das formas de Espíritos nos vai familiarizar com os estados menos conhecidos da matéria. Mostrando-nos que ação pode a vontade exercer sobre os imponderáveis, ela nos fará penetrar nos mais íntimos segredos da Criação, ou, antes, da renovação perpétua do Universo".

CURAS - I

A causa espiritual das doenças

Sem desprezar nem contrariar as afirmativas da Ciência quanto aos fatores conhecidos que asseguram a saúde ou levam à enfermidade, o Espiritismo esclarece que **a doença nunca acontece por acaso, tem uma origem espiritual e decorre do estado evolutivo do ser**. Revela, também, meios espirituais para prevenir, superar ou suportar a enfermidade.

Kardec afirma: "As doenças fazem parte das provas e vicissitudes da vida terrena; são inerentes à grosseria da nossa natureza material e à inferioridade do mundo que habitamos. As paixões e excessos de toda ordem semeiam em nós germens malsãos, às vezes hereditários".

De fato, é por causa do nosso atual estágio de evolução que:

- 1) Nascemos aqui na Terra, mundo em que a matéria é grosseira e há doenças.
- 2) Fazemos parte de determinada família com doenças hereditárias ou habitamos obrigatoriamente um meio ambiente propício a enfermidades.
- 3) Trazemos predisposição para alguma enfermidade, como conseqüência do que fizemos em vidas anteriores.
- 4) Sabemos ou não cuidar do corpo, prevenir enfermidades, e nos aplicamos a isso ou não.

Além do que, há relação fluídica entre corpo e perispírito:

"Sendo o perispírito dos encarnados de natureza idêntica à dos fluidos espirituais, ele os assimila com facilidade, como uma esponja se embebe de um líquido.

"Esses fluidos exercem sobre o perispírito uma ação tanto mais direta quanto, por sua expansão e irradiação, o perispírito com eles se confunde.

"Atuando esses fluidos sobre o perispírito, este, a seu turno, reage sobre o organismo material com que se acha em contato molecular".

E é, ainda, conforme a nossa evolução espiritual que:

- 1) Exercemos nós mesmos efeitos fluídicos bons ou maus sobre o nosso perispírito, com repercussão no corpo físico.
- 2) Atraímos os bons espíritos, que nos influenciam com fluidos benéficos, ou os espíritos maus, sofreadores, de fluidos maléficos e enfermiços.

Assim, mesmo quando parecem ser somente um problema físico, as enfermidades tem uma origem espiritual (carência ou desequilíbrio), desta ou de vidas anteriores.

Como evitar as enfermidades

A enfermidade tende a aparecer quando nos perturbamos ou desequilibramos física ou espiritualmente, de modo intenso e demorado (por nós mesmos ou sob influência alheia)

Com o desgaste fluídico ou a assimilação de fluidos maus (de outros ou do ambiente), a resistência natural é quebrada, ficando o organismo mais exposto à eclosão de enfermidades ou a contrai-las do exterior.

Portanto, para nos prevenirmos espiritualmente das enfermidades, além de cuidar do corpo, cultivemos os bons pensamentos e sentimentos, e pratiquemos somente o bem e nunca o mal.

Ante a enfermidade

Se a enfermidade aparecer:

- 1) Encarêmo-la como um alerta ou uma advertência ou, ainda, como conseqüência do passado que exige reajuste para voltarmos ao equilíbrio.
- 2) Não compliquemos mais a situação com tristeza e desânimo, revolta e agressividade.
- 3) Busquemos na Medicina e nos recursos espirituais o alívio possível e, quem sabe, até mesmo a cura.

"Se Deus não houvesse querido que os sofrimentos corporais se dissipassem ou abrandassem em certos casos, não teria posto ao nosso alcance meios de cura"

"A esse respeito, a sua solicitude, em conformidade com o instinto de conservação, indica que é dever nosso procurar esses meios e aplicá-los"

"... façamos o que de nós depende para melhorarmos as nossas condições atuais"

- 4) Procuremos nos conscientizar quanto ao que causou a enfermidade e modifiquemos nosso comportamento (para evitar o prosseguimento do mal e sua instalação mais profunda), apliquemo-nos no bom emprego de nossas possibilidades de ação (a fim de compensar o desequilíbrio já causado, manter o equilíbrio nas áreas não comprometidas e adquirir merecimento para ser socorrido espiritualmente).

CURAS - II

A cura pela ação fluídica

A cura pela ação fluídica é possível, já que o espírito age sobre fluidos e tanto o perispírito como o corpo são de natureza fluídica (embora em diferentes estados) e há relação entre eles.

Toda cura espiritual se dá por ação fluídica.

O agente dela pode ser um encarnado ou um desencarnado.

Nela podem ser utilizados ou não passes, a água fluidificada e outros processos (como a intervenção no perispírito ou no corpo).

Na **cura por efeitos físicos**, a alteração orgânica material é de imediato visível ou passível de constatação pelos sentidos físicos ou aparelhamento material.

Na **ação fluídica sobre o perispírito**, a cura virá a ser avaliada depois, pelos efeitos posteriores no corpo físico.

A mediunidade de cura

"É muito comum a faculdade de curar pela influência fluídica e pode desenvolver-se por meio do exercício."

De fato, todos nós (que estivermos saudáveis e equilibrados) podemos beneficiar fluidicamente aos enfermos (com passes irradiações, água fluidificada) e, aprendendo e exercitando, desenvolvemos nosso potencial de ação sobre os fluidos.

O poder curativo estará na razão direta:

- 1) Da pureza dos fluidos produzidos (decorrentes das qualidades morais, pureza de intenções etc.)
- 2) Da energia da vontade (o desejo ardente de ajudar provoca maior emissão fluídica e lhe dá maior força de penetração).
- 3) Ação do pensamento (para dirigir os fluidos na sua aplicação).

A **mediunidade de cura**, porém, bem mais **rara**, é **espontânea** e se caracteriza "**pela energia e instantaneidade da ação**". O médium de cura age "pelo simples contato, pela imposição das mãos, pelo olhar, por um gesto, **mesmo sem o concurso de qualquer medicamento**".

No Evangelho há numerosa relatos em que Jesus ou seus seguidores curam por ação fluídica e Allan Kardec examina alguns deles em "A Gênese", cap. XV.

Médium receitista não é médium curador, apenas transmite, escrevendo ou falando, o pensamento do espírito comunicante, o que ele receita. Sua especialidade consiste em servir mais facilmente de intérprete aos espíritos para as prescrições médicas.

A oração pode curar

Tiago, em sua carta, cap. 5 v. 15, diz que "A oração da fé salvará o enfermo". E Allan Kardec explica porque:

"A prece, que é um pensamento, quando fervorosa, ardente, feita com fé, produz o efeito de uma magnetização, não só chamando o concurso dos bons espíritos, mas dirigindo ao doente uma salutar corrente fluídica".

A fé como força atrativa

Examinando a passagem evangélica sobre a mulher hemorroíssa (que se curou instantaneamente ao tocar as vestes de Jesus), Allan Kardec esclarece:

- 1) O fluido, como matéria terapêutica, tem de atingir a matéria orgânica a fim de repará-la.
- 2) A corrente fluídica pode ser dirigida para o local enfermo pela vontade do curador (que age como bomba calcante).
- 3) Ou pode ser atraída pelo desejo ardente e confiança do enfermo (que age como bomba aspirante)
- 4) Às vezes, é necessária a simultaneidade das duas ações e, doutras, basta uma só.
- 5) A fé é uma força atrativa; quem não a possui, opõe à corrente fluídica uma força repulsiva ou, pelo menos, de inércia, que paralisa ou dificulta a ação.

Porque uma pessoa se cura e outra não

È lícito buscar a cura. Mas não se pode exigí-la, porque dependerá da atração e fixação dos fluidos curadores por quem deve recebê-los

A cura se processa segundo a nossa fé, merecimento ou necessidade.

Quando uma pessoa tem merecimento, ou sua existência precisa continuar, ou as tarefas a seu cargo exigem boa saúde, a cura poderá ocorrer em qualquer tempo e lugar e, até mesmo, sem intermediários (aparentemente, porque ajuda espiritual sempre terá havido).

Mas, às vezes, o bem do doente está em continuar sofrendo aquela dor ou limitação que o reajusta e equilibra espiritualmente; então, pensamos que nossa prece não foi ouvida.

"Se porém, mau grado aos nossos esforços, não o conseguirmos" (a cura), devemos "suportar com resignação os nossos passageiros males".

"Lembremo-nos de que lesões e chagas, frustrações e defeitos em nossa forma externa são **remédios da alma** que nós mesmos pedimos à farmácia de Deus.(Emmanuel, em Seara dos Médiuns, cap. "Oração e Cura).

A cura definitiva

A cura só se dará em caráter duradouro se corrigirmos nossas atuais condições materiais e espirituais.

Mesmo assim, qualquer cura do corpo não é para sempre, pois todos viremos a desencarnar.

A verdadeira saúde é o equilíbrio e a paz que em espírito soubermos manter onde, quando, como e com quem estivermos.

Empenhemo-nos em curar males físicos, se possível. Mas lembremos que **o Espiritismo "cura sobretudo as moléstias morais"**.

Quais as causas do sono de que muitos companheiros se queixam quando participam de uma reunião mediúnica ? Como evitá-lo ?

J. Raul Teixeira – As causas podem ser várias. Desde o cansaço físico, quando o indivíduo que vem de atividades muito intensas e que, ao sentar-se, ao relaxar-se, naturalmente é tomado pelo torpor da sonolência. Também, pode ser causado pela indiferença, pelo desligamento, quando alguém está num lugar, fisicamente, entretanto, pensando em outro, desejando não estar onde se acha. Compelido por uma circunstância qualquer, a pessoa se desloca mentalmente.

O sono pode, ainda, ser provocado por entidades espirituais que nos espreitam e que não tem nenhum interesse em nosso aprendizado para o nosso equilíbrio e crescimento. Muitas vezes, os companheiros questionam: “*Mas nós estamos no Centro Espírita, estamos num campo protegido, e como o sono nos perturba?*” Temos que entender que tais entidades hipnotizadoras podem não penetrar o circuito de forças vibratórias da Instituição, ficam do lado de fora. Mas, a pessoa que entrou no Centro, na reunião, não sintonizou-se com o ambiente, continua vinculada aos que se conservam fora, e através dessa porta, desse **plug** aberto, ou dessa tomada, as entidades que ficaram lá de fora lançam seus tentáculos mentais, formando uma ponte. Então, estabelecida a ligação, atuam na intimidade dos centros neuronais desses incautos, que dormem, que se dizem **desdobrar**: “Eu não estava dormindo . . . apenas desdobrei, eu ouvi tudo . . .” Eles viram e ouviram tudo o que não fazia parte da reunião. Foram fazer a **viagem** com as entidades que os narcotizaram.

Deparamos aí com distúrbios graves, porque quando termina a reunião o indivíduo está fagueiro, **ótimo** e sem sono e vai assistir à televisão até altas horas, depois de se haver submetido aos fluidos enfermiços. Por isso recomendamos àqueles que estão cansados fisicamente, que façam um ligeiro repouso antes da reunião, ainda que seja por poucos minutos, para que o organismo possa beneficiar-se do encontro, para que fiquem mais atentos durante o trabalho doutrinário. Levantar-se, borrifar o rosto com água fria, colocar-se em uma posição discreta, sempre que possível ao fundo do salão, em pé, sem encostar-se, afim de lutar contra o sono.

Apelar para a prece, porque sempre que estamos desejosos de participar do trabalho do bem, contamos com a eficiente colaboração dos Espíritos Bondosos. **Faze a tua parte que o céu te ajudará.**

Temos, então, o sono como esse terrível adversário de nossa participação, de nosso aprendizado, de nosso crescimento espiritual. Não permitamos que ele se apodere de nós. Lutemos o quanto conseguimos, e deveremos conseguir sempre, para combatê-lo, para termos bons frutos no bom aprendizado.

Pretos velhos, índios e caboclos são realmente como se apresentam, ou seja, em relação à aparência?

Resp.: Uma vez desencarnado, o espírito não mais pertence a qualquer das raças humanas terrenas. Não tendo mais corpo físico, o espírito não é amarelo nem negro ou branco.

O espírito poderá apresentar em seu perispírito (corpo espiritual) características de alguma raça, se ainda se sentir assim, ou assim se mentalizar.

E quanto à linguagem?

Resp.: “O pensamento é a linguagem dos espíritos.” “Para exprimir suas idéias numa língua articulada, transmissível, toma as palavras ao vocabulário do médium.” A comunicação lhe será mais fácil numa língua que ao médium é familiar na atualidade ou já conheceu em existência anterior. (O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XIX, 223.)

A rigor, portanto, esses espíritos, para comunicarem mediunicamente, não precisariam usar de um linguajar estranho aos médiuns e aos participantes da reunião.

Não seria para comprovar a identidade deles que falam assim?

Resp.: Estudiosos da cultura africana, indígena e cabocla, analisando-lhes a linguagem, usada quando se comunicam nas reuniões mediúnicas, tiram alertadoras conclusões:

- 1) A fala de pretos velhos não costuma corresponder aos diletos africanos, mesmo levando-se em conta a mescla com o idioma português. É mais uma algaravia (confusão de vozes) sem significado ou ligação com o que os africanos falavam;
- 2) Índios brasileiros não poderiam jamais se denominarem “Caboclos 7 Flexas” (não tinham noção de número além dos cinco dedos da mão, nem contavam um, dois, tres, quatro e cinco mas chê po =

minha mão). Também não se denominariam “Flecha Ligeira”, “Nuvem Branca” etc., como o fazem os índios norte-americanos, os quais o cinema vulgarizou entre nós.
(Mediunismo e Antroponomia, Sylvio Ourique Fragoso, Revista Internacional de Espiritismo, setembro/1981).

Por que há tantos espíritos que se apresentam dessa maneira no Brasil?

Resp.: Pretos-velhos, índios e caboclos são figuras apreciadas na cultura popular brasileira e a Umbanda, em que a manifestação de espíritos que assim se apresentam é bem aceita e estimulada, mais incentivou a crença neles. Muitas pessoas supõem que pretos-velhos, índios e caboclos sejam inferiores e estejam, ainda, numa condição de serviçais, para lhes atenderem aos pedidos. Outras acreditam que eles tenham poderes misteriosos, capazes de resolver de modo mágico os problemas dos consulentes. Parecem, também, julgá-los venais, já que aceitariam agir em troca de algum “pagamento” ou compensação.

Evocações por rituais específicos convidam e condicionam certos espíritos a se apresentarem como pretos-velhos, índios ou caboclos. E muitos espíritos, às vezes até os benévolos, assumem essa aparência porque sabem que, assim, as pessoas do meio em que se vão manifestar aceitarão mais facilmente a sua presença e mensagem.

Se não oferecermos esse condicionamento, muitos espíritos deixarão de se apresentar assim, passando a se comunicarem em seu modo próprio e natural.

Devemos acolhe-los ou não?

Resp.: Devemos acolher fraternalmente, sem qualquer intolerância ou preconceito, todos os espíritos manifestantes, porque é com a permissão de leis divinas que eles vêm às nossas reuniões.

Analisemos, porém, sua natureza e o conteúdo de suas comunicações, como o devemos fazer com qualquer espírito que entre nós se manifeste.

Como atendê-los?

Resp.: 1) Se o espírito adota essa aparência ou linguajar momentaneamente, porque assim era conhecido na existência terrena e que comprovar sua individualidade?

A manifestação estará justificada, caso haja quem o possa reconhecer e identificar.

2) Se o espírito se apresenta desse modo porque ainda se sente nas condições em que vivia na sua última encarnação?

Procurar ajudá-lo a se liberar desse indesejável condicionamento:

- esclarecê-lo quanto à sua real natureza de espírito;
- lembrar-lhe que já teve muitas outras existências e em diferentes condições e, portanto, tem um patrimônio espiritual mais amplo;
- mostrar-lhe que não precisa ficar fixado nas condições da existência que findou e que na vida espiritual pode continuar progredindo (inclusive no modo falar).

3) Se o espírito diz que se apresenta assim, porque essa encarnação lhe foi muito grata por lhe haver permitido adquirir virtudes, especialmente e humildade (por não se rebelar nem odiar ante o domínio injusto que sofreu), e o deseja exemplificar?

Dizer que entendemos o seu propósito mas que a humildade não consiste em aparências exteriores nem em atitudes servis; ser humilde é não se considerar melhor ou mais merecedor que os outros, não se colocar jamais acima de ninguém.

4) Se o espírito finge essa aparência e linguajar com o objetivo de nos iludir e perturbar?

Advertir, alertar para a responsabilidade pelos seus atos;

Se não atender, usar de firmeza para que se afaste, rogando, se necessário, o amparo dos dirigentes espirituais.

Um verdadeiro preto ou preta velha pode ser guia espiritual?

Resp.: **Sim**, se por suas palavras e atos mostrar que é digno desse título, que tem conhecimentos superiores para nos orientar e verdadeiro amor para nos exemplificar. **Não**, se demonstrar pouca evolução espiritual e muito apego ainda às sensações materiais (como o fumar e o beber, por exemplo).

OBSERVAÇÃO: A maioria das comunicações de pretos-velhos como guias espirituais não passa de fruto da sugestão, do animismo, fraudes e mistificações. Houve, certamente, bons espíritos que se encarnaram entre os escravos para liderarem aquele povo sofrido, de modo sábio e amoroso, durante o seu cativeiro.

Alguns deles, depois de desencarnados, talvez tenham podido voltar à retaguarda terrena, por amor ao próprio crescimento espiritual no serviço do bem.

Mas não devem ter sido muitos, pelo contrário, serão bem poucos, porque a maioria dos africanos escravos eram como nós: espíritos de mediana ou pouca evolução.

Será que, arrancados de seu país e de seu lar, privados da liberdade, agredidos cruel e impiedosamente anos a fio, foram capazes de se resignarem e sublimarem os sentimentos em relação aos seus senhores e algozes? Pouquíssimos espíritos terão, nessas expiações e provas, triunfado desse tão duro, embora todas tenham tido ensejo de algum aprimoramento intelecto-moral.

Entretanto, aí estão incontáveis espíritos de pretensos pretos e pretas-velhas, a se comunicarem e querendo assumir a posição de orientadores espirituais da humanidade, sem demonstrarem condições para tanto.

(Do livro: Reuniões Mediúnicas – Therezinha Oliveira)

Por que é que, comumente, não vemos comunicações de pretos velhos ou de caboclos, nas sessões mediúnicas espíritas? Isso se deve a algum tipo de preconceito?

Raul Teixeira – A expressão da pergunta está bem a calhar. Realmente, a maioria dos participantes não vê os espíritos que se comunicam(se são negros ou brancos), mas eles se comunicam. O Espiritismo não tem compromisso de destacar essa ou aquela entidade, em particular. Se as sessões mediúnicas espíritas são abertas para o atendimento de todo os tipos de espíritos, por que não viriam os que ainda se apresentam como preto-velho ou preto-novo, brancos, amarelos, vermelhos, índios, ou caboclos, e esquimós?

O que ocorre é que tais espíritos devem ajustar-se às disciplinas sugeridas pelo Espiritismo e só não as atendem quando seus médiuns, igualmente, não as aceitam.

Muitos espíritos que se mostram no além como antigos escravos africanos, ou como indígenas, falam normalmente, sem trejeitos, embora as formas externas dos perispíritos possam manter as características que eles desejam ou as quais não lograram desfazer.

Talvez muitos esperassem que esses desencarnados se expressassem de forma confusa, misturando a língua portuguesa com outros sons, expressando-se num dialeto impenetrável, carecendo de intérpretes especiais, que, na maioria parte das vezes, fazem de conta que estão entendendo tal mescla. Se o espírito fala em nagô, que seja nagô de verdade. Se se apresenta falando guarani, que seja o verdadeiro guarani. Entretanto, não sendo o idioma exato do seu passado reencarnatório, por que não falar o médium em português, pois que capta o pensamento da entidade e reveste-o com palavras?

Não há portanto, preconceito nas sessões espíritas. Entretanto, procura-se manter o respeito às entidades, à mediunidade e à Doutrina Espírita, buscando a coerência com a Verdade que já identificamos.

O que entender por reunião de desenvolvimento mediúnico? É a mesma desobsessão?

Baccelli – Não, ou pelo menos não deve ser. A reunião de desobsessão deve acontecer, de preferência, com a participação de médiuns ainda em processo de desenvolvimento, mas já algo experimentados, amadurecidos para o compromisso que estejam assumindo.

A chamada **reunião de desenvolvimento mediúnico**, basicamente se caracteriza por ser uma reunião de estudos concernentes à mediunidade. Quando bem conduzida, nela até podem ocorrer certas manifestações, todavia não deve ser esta a sua preocupação dominante.

O desenvolvimento mediúnico, repetimos, acontece na razão direta do desenvolvimento do médium como ser humano. Toda reunião consagrada ao estudo da Doutrina e à atividade assistencial é uma reunião de desenvolvimento em que, lentamente, o candidato ao serviço mediúnico vai se aprimorando, habilitando-se, por fim, a participar da desobsessão propriamente dita.

A **reunião de desobsessão** carece de certo recolhimento no serviço específico da enfermagem espiritual aos espíritos doentes, ao passo que uma reunião de desenvolvimento, inclusive não tem a preocupação de limitar o número de seus participantes, embora a triagem dos verdadeiramente interessados se faça, tanto numa quanto na outra, necessária. Que os medianeiros integrantes de um grupo de desobsessão não considerem as suas faculdades plenamente desenvolvidas, pois, se assim se considerarem, estarão

sentenciando-se à estagnação. Em mediunidade, cada dia é dia de aprender alguma coisa nova, ampliando os horizontes da percepção sensorial.

É importante, em mediunidade, que não se tenha pressa na obtenção de resultados. Aliás, os médiuns que não perseveram são aqueles que, naturalmente, vão sendo afastados, por não se mostrarem ainda prontos para o compromisso que pretendem abraçar.

Como deve ser uma reunião de desobsessão?

Terezinha Oliveira: Sendo especializada, não deve ser desviada em seus propósitos e atividades. Não é pois o lugar e a hora para fazer:

1) Estudos doutrinários.

Observação: **Se necessário algum estudo sobre o trabalho e os casos em atendimento, realizar reuniões à parte, sem a presença dos obsidiados nem dos obsessores.**

2) Demonstrações ou experiências de mediunidade para outros fins. Evitar desviar o trabalho para psicografia, vidência e audição, desdobraimento etc., quando não disserem respeito aos casos em atendimento.

No afastamento dos espíritos perturbadores, a Umbanda consegue melhor resultado do que uma sessão mediúnica espírita?

Divaldo: Só se for pelo pavor. Mas não remove a causa, porque o espírito que foge apavorado não liberta a sua vítima da dívida, que a ambos vincula.

Qual o objetivo de uma sessão mediúnica?

Divaldo: Uma sessão mediúnica é acima de tudo uma oportunidade de o indivíduo auto-reformar-se; de fazer silêncio para escutar as lições dos espíritos que nos vêm, depois da morte, chorando e sofrendo, sendo este um meio de evitar que caiamos em seus erros. Portanto, a reunião mediúnica é de relevante importância, porque aprendemos a conviver com a dor dos nossos companheiros que nos anteciparam na viagem de volta; aprendendo a tolerância. É também esquecer a ilusão de que nós estejamos ajudando os espíritos, uma vez que eles podem passar sem nós. No mundo dos espíritos, as Entidades Superiores promovem trabalhos de esclarecimento e de socorro em seu favor; nós, entretanto, necessitamos deles, mesmo dos sofrendores, porque são a lição de advertência em nosso caminho, convidando-nos ao equilíbrio e à serenidade. Assim, vemos que a ajuda é recíproca.

Quais seriam as etapas a serem percorridas pelo médium na sua educação mediúnica?

Divaldo: Segundo Allan Kardec, n'Olívrio dos Médiuns, a mediunidade não deverá ser explorada antes que venha a eclodir. Dever-se-ia esperar que ela brotasse e, a partir de então, se lhe daria o devido trato. Sendo assim, embora encontremos muitos companheiros que se candidatam ao exercício da mediunidade, sem que jamais hajam sentido coisa alguma que lhes demonstre serem portadores desse grau ostensivo de mediunidade, devemos estar sempre em guarda cuidadosa, para que não inauguremos o sistema de **fabricação** mediúnica destituída de qualquer valor doutrinário, uma vez que há companheiros que se aproximam das Instituições Espíritas, portando tais peculiaridades mediúnicas já em processo de desabrochamento. A Instituição orientada pela Doutrina deverá aproximá-los dos estudos doutrinários, das reuniões doutrinárias, do trabalho assistencial em favor de necessitados, daqueles trabalhos que possam gradativamente disciplinar a criatura. Não é oportuno que ele chegue ao Centro e seja, de imediato, encaminhada à mesa de trabalhos mediúnicos, mas, sim, introduzida no campo de estudo, de conhecimento doutrinário espírita. Se a pessoa estiver com a mediunidade atormentada será encaminhada para tratamento através de passes, explicações doutrinárias e da participação nas reuniões de estudos, para que possa, gradualmente, ir assentando essas energias revoltas, equilibrando-se até que possa chegar à atividade propriamente mediúnica. Isto porque, se aproximarmos a criatura, sem nenhum conhecimento espírita da mediunidade, aquilo não lhe sendo compreensível poderá afastá-la ou perturbá-la ainda mais. Não sabendo o que ocorre consigo mesma, ao invés de entregar-se ao trabalho, procura fugir, procura criar empecilhos de maneira consciente ou inconsciente. E é exatamente por isso que, não oferecendo a mediunidade nenhum espetáculo, sendo um fenômeno natural, exigirá que o companheiro tenha, pelo menos, as primeiras noções basilares do que a Doutrina Espírita nos fala a respeito desse tentame. Por isso, aqueles

que se aproximam da mediunidade deverão encontrar, nas Instituições Espíritas, a orientação para o tratamento, para o trabalho e para o estudo conforme Allan Kardec nos preceitua."

Qual a metodologia utilizada pela Mansão do Caminho na educação dos médiuns?

Divaldo: As nossas reuniões mediúnicas são privativas. Seguimos literalmente as recomendações de Allan Kardec, exaradas em O Livro dos Médiuns. As reuniões sérias devem contar com um número reduzido de pessoas que se conheçam entre si, que se estimem, e que tenham consciência daquilo que estão fazendo. No capítulo primeiro dessa Obra, Allan Kardec começa-o com uma interrogação-título: Há Espíritos? Ele faz análise da questão, e procura ensinar-nos que antes de querermos transformar alguém em espírita, tornemo-la espiritualista.

Como fazer que a pessoa acredite na comunicação dos Espíritos, se ela não crê que existem Espíritos?

Recomenda ademais a seriedade na investigação, no estudo. Não se entra num laboratório de química completamente desequilibrado; vêm-se frascos e provetas com substâncias à vezes brancas, transparentes, e com rótulos que não se sabe identificar. Por exemplo, H₂O e H₂SO₄; uma é água potável, e a outra ácido sulfúrico. A aparência é a mesma. Deveremos entender o significado daquelas siglas, para evitarmos acidentes.

Para entrarmos em atividade mediúnica e educarmos a faculdade, fazemos primeiro o Curso de Iniciação Espírita, no qual os candidatos passam a saber o que é o Espiritismo, e, nesse curso, a etapa final é de orientação mediúnica.

Logo após, o candidato vai participar da educação mediúnica para principiantes, quando então são educados os seus esgares, trejeitos, ensinadas as técnicas de um bom comportamento durante o transe para que se evitem comunicações ruidosas. Se surge no trabalho um Espírito turbulento, o médium tem o dever de filtrar a comunicação; se vem uma Entidade vulgar, ele tem a obrigação de não enunciar as palavras chulas que são transmitidas. Perguntar-se-á: “- Mas, não é mistificação, não estar dizendo a verdade?” E respondemos: - De maneira nenhuma; se eu mando um recado a alguém com palavras vulgares, sendo o portador uma pessoa digna, apresentará a mesma mensagem com equivalentes, mas não chocantes.

Tenho observado coisas muito curiosas (perdoem-me pela primeira pessoa do singular, mas sou observador); às vezes, noto o Espírito expressar-se de modo muito grosseiro, e pelos lábios dos médiuns saem expressões que correspondem àquela, mas que não são chocantes. Por que? Porque o médium utiliza-se do arquivo do médium que está no seu perispírito, sempre de atualidade ou de vidas pregressas; haja vista a comunicação por xenoglossia – a faculdade que nos permite falar ou escrever idiomas estrangeiros – ocorre o fenômeno somente através de médiuns que viveram naqueles países e possuam matrizes do idioma, pelo qual agora os Espíritos se expressam.

Convidamos o companheiro para que participe das experiências de iniciação mediúnica e, posteriormente, à medida em que vai revelando boa disciplina, passa a frequentar as reuniões convencionais que temos em vários pequenos grupos. Para evitar o tumulto, as comunicações simultâneas, fazemos com que todos estejam vigilantes, para que as mesmas nunca ultrapassem três, a fim de que também cada médium não vá além de duas comunicações, pois que há aqueles que tomam conta da sessão desde o começo até o fim, e não dão oportunidade para os demais, o que perturba grandemente o trabalho; ou dão comunicações muito demoradas por inabilidade do doutrinador, muitas vezes em diálogos inconseqüentes, inconvenientes, com Espíritos discutidores, a prejuízo do tempo que pode ser utilizado de outra forma.

Seguimos as diretrizes da Codificação, particularmente de O Livro dos Médiuns assim como as orientações que recebemos de André Luiz e do Espírito Manoel Philomeno de Miranda, que tem escrito por meu intermédio várias obras em torno da obsessão, da mediunidade e equivalentes.

O potencial mediúnico poderá ser canalizado para outra tarefa que não a de comunicação ostensiva entre os dois planos? Isto não seria bloquear o desenvolvimento natural da mediunidade?

Divaldo: Imaginemos uma pessoa que é dotada de uma boa voz, e que pode contribuir para a beleza da Humanidade, mas que resolva ser arquiteto, sem nenhuma tendência, para poder transferir-se de atividade; outra pessoa que tenha facilidade para escrever, possua, o que o vulgo chama ‘veia literária’, e resolva, no entanto, ser um artista de palco, são desvios daquela energia específica da sua aptidão com resultados de

má qualidade. A mediunidade é neutra em si mesma, e independe dos valores morais do médium, diz Allan Kardec. Quando o médium moraliza-se, sintoniza melhor com as Entidades ostensiva, deve canalizá-la para a finalidade a que se propõe a mediunidade; no entanto, não se cingirá exclusivamente ao fenômeno mediúnicos típico e característico, porque ele poderá permitir-se uma dilatação de serviço muito maior em favor do seu próximo.

André Luiz, em *Nos Domínios da Mediunidade*, diz que *o agricultor é o médium da Terra, o operário da obra, nós somos os médiuns da vida, mas aqueles que possuímos as células especiais que decodificam a influência dos Espíritos verbalizando-as, materializando-as, apresentando-as como expressões de arte, devemos canalizar essa força especificamente para esse fim, sem abandonar, obviamente, nossos deveres sociais, familiares e de solidariedade humana através da caridade.*

Há pessoas que fazem da mediunidade um relicário e tornam-se místicas, no sentido pejorativo da palavra. O verdadeiro místico é aquele que se integra na consciência cósmica, e não aquele que se cerra, sendo antes quem faculta a todos possibilidades enriquecedoras.

Entretanto, a pessoa adquire um certo tipo de fanatismo e se circunscreve ao fenômeno, tendo cuidados exagerados e uma conduta que nada tem a ver com o comportamento espírita. O fascinante do Espiritismo entre outras propostas é libertar-nos de qualquer atavismo, por ser uma Doutrina que desalgema, que nos dá independência, conforme a proposta de Jesus: ‘Busca a verdade, e a verdade te libertará.’

À medida que encontramos um sol, vamos nos banhando de claridade, não de sombras. Assim, o médium deve dedicar seu tempo hábil, as possibilidades de que disponha, ao exercício da faculdade, por extensão, à amplitude do bem que queira fazer, porque as duas coisas não se opõem. Se examinarmos Chico Xavier, que é o médium por excelência da psicografia, vemo-lo como notável instrumento para a clarividência, o desdobramento, a materialização, a psicofonia, os transportes, mas também o médium da caridade. Enquanto pôde movimentar-se, visitava as famílias mais carentes, e mais do que isso, para ensinar aos que o visitavam, que deveriam optar pelos necessitados e não por ele. Ali estava uma mensagem subliminal.

Atualmente, estão muito em moda as caravanas para visitar Chico Xavier. Sem nenhuma crítica de minha parte, isso não deixa de ser arriscado, pois gera o culto à personalidade, o endeusamento, não me refiro somente ao Chico, mas também àqueles que vão à Bahia para ver o Divaldo Franco, ou outros que vão a lugares diferentes buscando pessoas-mitos . . . Pessoalmente, sinto-me um tanto desconcertado, quando tal ocorre comigo, porque deveremos evitar ao máximo, o surgimento de novos deuses, com os perniciosos cultos à personalidade, porque somos quase todos pessoas muito frágeis . . .

Recordo-me de uma frase de André Luiz, considerando muitos espíritas aqui em São Paulo – na Bahia ou em qualquer outro lugar – que vão para o Parque do Ibirapuera fazer Cooper, esquecendo-se que um excelente Cooper é visitar favelas, para levar aos que sofrem a palavra gentil, o pão nutriente, o medicamento, o passe. Muita gente não tem tempo para visitar hospitais, mas dispõe de duas ou mais horas por dia para desenvolver os biceps ou contrário aos exercícios . . . Mas bem, se alguém se propuser a subir e descer morros, andar pelas ruelas dessas favelas que hoje existem em grande abundância em toda parte, estará fazendo um Cooper excelente, pois esse esforço é um admirável vasodilatador cardíaco, que favorece também o coração perispiritual.

Sobre esse culto à personalidade, deveremos ter um pouco de cuidado, e não me refiro à pessoa do Chico que muito nos merece amor, respeito e gratidão, mas é que iremos criando exceções, e em breve, alguns desses profissionais organizadores desse tipo de visitas, conseguirão introduzir em nosso Movimento, um panteão de deuses de pés de barro.

O mais bonito não era, apenas as visitas que o Chico fazia com os grupos, mas aquelas anônimas que ele realizava pela madrugada, quando saía sozinho para levar o seu conforto moral às famílias doentes, às pessoas moribundas, às vezes acompanhado por um amigo para assessorá-lo, ajudá-lo, pois já portava alguns problemas de saúde, mas sem que ninguém o soubesse.

Ali estava a maior antena paranormal da Humanidade nos últimos séculos, apagando esse potencial para chorar com uma família que tinha fome.

Ele contou-me que tinha o hábito, em Pedro Leopoldo, de visitar pessoas que ficavam embaixo de uma ponte numa estrada abandonada, e que ruíra. Iam ele, sua irmã Luíza e mais duas ou três pessoas muito pobres da sua comunidade.

À medida que eles aumentavam a frequência de visitas, os necessitados foram se avolumando, e mal conseguiam viveres para o grupo, pois que os seus salários eram insuficientes, e todos eram pessoas de

escassos recursos. O esposo de Luíza, que era fiscal da Prefeitura, recolhia, quando nas feiras-livres havia excedentes, legumes e outros alimentos e que eram doados para distribuir anonimamente, nos sábados, à noite, aos necessitados da ponte.

Houve porém, um dia em que ele, Luíza e suas auxiliares não tinham absolutamente nada; decidiu-se então, não oferecer. Eles também estavam vivendo com extremas dificuldades. Foi quando apareceu-lhe o Espírito Dr. Bezerra de Menezes, que sugeriu colocassem algumas brilhas com água, que ele iria magnetizá-la para ser distribuída, havendo, ao menos, alguma coisa para dar. Ele assim o fez, e o Benfeitor, utilizando-se do seu ectoplasma bem como o das demais pessoas presentes, fluificou o líquido. Esse adquiriu um suave perfume, e então o Chico tomou as moringas e, com suas amigas, após a reunião convencional do Sábado, dirigiram-se à ponte. Quando lá chegaram encontraram umas 200 pessoas, entre crianças, adultos, enfermos em geral, pessoas com graves problemas espirituais, necessitados.

- Lá vem o Chico, dona Luíza – gritaram – e ele, constrangido e angustiado, por ter levado apenas água (o povo nem sabia o que seria água magnetizada, fluidificada), pretendeu explicar a ocorrência. Levantou-se e falou: - ‘Meus irmãos, hoje nós não temos nada’ – e narrou a dificuldade.

As pessoas ficaram logo ofendidas, tomando atitudes de desrespeito, e ele começou a chorar.

Nesse momento, uma das assistidas levantou-se, e disse: ‘- Alto lá! Este homem e estas mulheres vem sempre aqui nos ajudar, e hoje, que eles não tem nada para nos dar, cabe-nos dar-lhes alguma coisa. Vamos dar-lhes a nossa alegria, vamos cantar, vamos agradecer a Deus..’ Enquanto ela estava dizendo isto, apareceu um caminhão carregado, e alguém, lá de dentro, interrogou: ‘Quem é Chico Xavier?’ Quando ele atendeu, o motorista perguntou se ele se lembrava de um certo Dr. Fulano de tal? Chico recordava-se de um senhor de grandes posses materiais que vivia em São Paulo, que um ano antes estivera em Pedro Leopoldo, e lhe contara o drama de que era objeto. Seu filho querido desencarnara, ele e a esposa estavam desesperados – ainda não havia o denominado Correio de Luz, eram comunicações mais esporádicas – e Chico compadeceu-se muito da angústia do casal. Durante a reunião, o filhinho veio trazido pelo Dr. Bezerra de Menezes e escreveu uma consoladora mensagem. Então o cavalheiro disse-lhe: ‘Um dia, Chico, eu hei de retribuir-lhe de alguma forma. Mas, como é que meu filho deu essa comunicação?, Chico explicou-lhe: ‘- É natural esse fenômeno, graças ao venerando Espírito Dr. Bezerra de Menezes, que trouxe o jovem desencarnado para esse fim’, e deu-lhe uma idéia muito rápida do que eram as comunicações mediúnicas.

O casal muito grato ao Dr. Bezerra, e repetiu que um dia haveria de retribuir a graça recebida. Foi quando o motorista lhe narrou: -‘Estou trazendo este caminhão de alimentos mandado pelo dr> Fulano de tal, que me deu o endereço do Centro onde deveria entregar a carga, mas tive um problema na estrada, e atrasei-me; quando cheguei, estava tudo fechado. Olhei para os lados e apareceu-me um senhor de idade com barbas brancas, e perguntou o que eu desejava.

- Estou procurando ‘seu’ Chico Xavier – respondi.
- Pois olhe: dobre ali, vá até uma ponte caída, e diga que fui eu quem o orientou – respondeu-me.
- E qual o seu nome? – indaguei, e ele respondeu:
- Bezerra de Menezes.

O médium não é exclusivo, não é aquele que fica detido entre quatro paredes para orar e comunicar-se com o Além; ele é paranormal, sim, mas é servidor da vida.

Por que algumas pessoas bocejam quando aplicam passe?

Baccelli: um sem-número de vezes, é porque estão com sono ou porque, antes do passe, se alimentaram excessivamente, tendo ingerido algo de difícil digestão.

Algumas vezes, é porque o médium, na transmissão do passe, igualmente funciona como catalisador dos fluidos e das energias nocivas que estão impregnadas naquele que está sendo espiritualmente assistido.

Ainda pode ser (e este caso não é tão raro assim) que o médium passista, na ação do passe, sofra a influência de algum espírito infeliz que esteja vampirizando o irmão amparado pelas forças que lhe estão sendo transfundidas.

Em qualquer caso, porém, o médium carece controlar-se, evitando bocejos e gesticulações excessivas que, inclusive, podem causar negativa impressão. Finalizando, precisamos considerar que o chamado hábito do

bocejo no médium passista pode também ser um indício revelador da natureza dos pensamentos com os quais ele próprio tem-se intoxicado, ocorrendo então, naquele momento, a "queima" das formas-pensamentos criadas e sustentadas por sua invigilância.

Ouço vozes masculinas em casa. Sou médium, e os Espíritos não me deixam em paz. O que fazer?

Divaldo: A mediunidade é inerente (pertence) a todos os seres humanos; as manifestações é que diferem de uma pessoa para outra. O médium percebe o mundo espiritual e pode reproduzir o pensamento do Espírito, pela palavra ou pela escrita. Outros tipos de mediunidade são a vidência e a audição. Ao que nos parece, você tem a mediunidade audiente. Você percebe a presença de Espíritos que a incomodam continuamente. Isso caracteriza uma obsessão. Aconselhamos que procure um bom centro espírita e passe por um tratamento de passes e desobsessão. Depois é preciso que participe de cursos, a fim de conhecer a mediunidade para utilizá-la com consciência. Aconselhamos você a não prestar atenção no que esses Espíritos dizem. Cultivar a prece e os bons pensamentos, é uma maneira de afastá-los. Enraivecer-se, protestar, discutir, é um modo de segurá-los junto a você.

Em minha casa vejo Espíritos, ouço-os e gostaria de afastá-los. O que fazer para alcançar esse objetivo?

Divaldo: Criar o "culto evangélico no lar", desde que se trate de Espíritos menos esclarecidos. Tratando-se de Espíritos Superiores, não há porque os afastar, mas sim, os atrair mais.

O uso de alguma bebida alcoólica costuma trazer inconvenientes para os médiuns?

Raul: Todo indivíduo que se encontra engajado nos labores mediúnicos, seja qual for a ocupação, deveria abdicar do uso dos alcoólicos em seu regime alimentar. Isto porque o álcool traz múltiplos inconvenientes para a estrutura da mente equilibrada, considerando-se sua toxidez e a rápida digestão de que é alvo, facilitando grandemente que o álcool entre na corrente sanguínea do indivíduo, de modo fácil, fazendo seu efeito característico. Mesmo os inocentes aperitivos devem ser evitados, tendo-se em mente que o médium é médium as vinte e quatro horas do dia, todos os dias, desconhecendo o momento em que o Mundo Espiritual necessitará da sua cooperação. Além do mais, quando se ingere uma porção alcoólica, cerca de 30% são rapidamente eliminados pela sudorese e pela dejeção, mas cerca de 70% persistem por muito tempo no organismo, fazendo com que alguém que, por exemplo, haja-se utilizado de um aperitivo na hora do almoço, à hora da atividade doutrinária noturna não esteja embriagado, no sentido comum do termo, entretanto, estará alcoolizado por aquela porcentagem do produto que não foi liberada do seu organismo.

Apesar de necessário, por que notamos na maioria dos espíritas o desinteresse pela leitura de livros espíritas? Uns alegam que dá sono, outros que lhes dá dor de cabeça, etc. por que acontece isso?

Divaldo: Porque o fato de alguém tornar-se espírita não quer dizer que haja melhorado de imediato. A pessoa que não tem o hábito de ler pode tornar-se o que quiser, porém, continuará sem interesse pela cultura.

O sono normalmente decorre da falta de hábito da leitura, excepcionalmente quando a pessoa está em processo obsessivo, durante o qual as entidades inimigas operam por meio de hipnose, para impedirem àquele que está sob o seu guante que se esclareça, que se ilumine, e, conseqüentemente, se liberte. Mas, não em todos os casos. Na grande maioria, as pessoas cochilam na hora da leitura porque não se interessam e não fazem o esforço necessário para se manterem lúcidas. Como também cochilam durante a sessão, por não estarem achando-a interessante, já que vão ao cinema, ficam diante da televisão até altas horas, quando os programas lhes agradam, na maior atividade. Assim, não respeitam a Doutrina que abraçaram.

Para sermos médiuns, temos que ser bons?

Baccelli: Para sermos bons médiuns, temos, sim, que ser bons, e isto pelo princípio de que "semelhante atrai semelhante".

A faculdade mediúnica em si independe do caráter; mas a sua utilização está diretamente relacionada à formação moral do médium. O médium interessado acaba por viciar as suas faculdades, permitindo-se

vampirizar pelas entidades que, depois de se servirem dele, o abandonam feito um cadáver com as vísceras expostas aos vermes . . .

O mediano devotado à causa do Bem, embora naturalmente em luta contra as próprias deficiências, conta com o amparo incondicional dos seareiros desencarnados que se afinizam com o seu ideal de servir.

A evangelização do médium é a garantia de equilíbrio de suas faculdades; diríamos que a prática mediúnica saudável se subordina à prática evangélica, ou seja: o mediano, paralelamente ao seu desenvolvimento mediúnico, deve colocar em primeiro plano o seu desenvolvimento como pessoa.

Se não quisermos, um espírito poderá incorporar-se em nós?

Baccelli: Não, mas se não tivermos uma vontade bastante firme, isto pode acontecer.

O médium precisa ser senhor de sua vontade e dono de seu próprio corpo; caso contrário, facilmente se transformará em vítima da obsessão.

O espírito pode convencer o médium a lhe oferecer passividade, mas não agir contra a sua deliberação - a menos que faculdades mediúnicas do médium se encontrem enfermas, oscilando em equilíbrio.

A obsessão, basicamente, é a ascensão da vontade de um espírito sobre a do outro. Seja ele qual for, o médium que não consegue controlar-se está sob o jugo de uma vontade superior à sua e, portanto, requisita tratamento emergencial.

No entanto existem muitos medianos que, para causarem nos outros uma falsa impressão de seus dons vivem quase que diariamente em transe, como se isto lhes conferisse maior credibilidade mediúnica.

Ledo engano! O médium que nos deve merecer maior confiança é justamente aquele que se faz portador de uma virtude inerente à mediunidade: a discricão.

Qual o maior adversário da mediunidade?

Baccelli: é o próprio médium, não tanto pelas suas dúvidas, quanto pelas suas deficiências de ordem moral.

O médium indisciplinado, pouco perseverante, que se melindra com facilidade, auto-suficiente, narcisista com relação aos seus dons, é semelhante à terra espinhosa de que nos fala Jesus na Parábola do Semeador: nele, a semente da mediunidade germina, mas não vinga!

Não é por falta de espíritos dispostos a trabalhar com ele que o médium não produz; antes, é por falta de médiuns que lhes ofereçam as condições necessárias que os espíritos deixam de realizar o que poderiam . . .

É certo que a mediunidade sempre faceia um sem-números de obstáculos ao derredor, mas a dificuldade maior ao seu exercício é intrínseca ao médium.

Exercer a mediunidade de maneira atabalhoada, muitos o fazem, no entanto exercê-la com equilíbrio e dignidade é conquista de raros . . .

Ser médium por alguns meses ou por alguns poucos anos está ao alcance de quase todos, porém ser médium ao longo de toda a existência é privilégio dos que realmente se entregam a Jesus!

Que é que faz a pessoa se sentir médium?

Baccelli: Ensina-nos Jesus: "Muitos os chamados, poucos os escolhidos". Sintomas de mediunidade são muitos os que os experimentam, mas são poucos os que sentem o chamamento para o trabalho . . . São raros os que tem a sensação de comportamento com a mediunidade. Muitos iniciam, entusiasmados, o seu desenvolvimento, mas, ante as primeiras dificuldades, fogem ao cumprimento do dever. Somos todos médiuns, no entanto poucos desejam sê-lo!

Quando o candidato ao serviço mediúnico descobre que a mediunidade implica disciplina, abnegação, estudo, renúncia, perseverança, espírito de sacrifício e, sobretudo, paciência, ele, afeito ao imediatismo das coisas terrestres, a abandona . . . mediunidade é um fruto que só chega a amadurecer, passando por todos os estágios nos quais, em fruto, a semente se transfigura na árvore que ela própria origina. Sem que se sinta interiormente médium, nenhum mediano deslanha na tarefa da mediunidade.

Como alguém pode saber se é dotado de mediunidade?

Baccelli: Pelas sensações que experimenta. A mediunidade é uma faculdade paranormal, e todos podemos experimentar fenômenos que não são comuns. Quando estes fenômenos especiais transcendem ao habitual, refletem características de mediunidade, tais como percepções de presenças, visões e audições psíquicas, que seriam identificadas como alucinações por psiquiatras desconhecedores da mediunidade.

Somente um médium pode sentir a presença do Espírito ou aquele que não tem sensibilidade mediúnica desenvolvida também pode pressenti-lo?

Baccelli: Qualquer indivíduo pode perceber presenças espirituais, desde que todos, segundo Allan Kardec, somos médiuns. Todos somos dotados de mediunidade em maior ou menor grau de percepção e podemos registrar as presenças espirituais. Entretanto, com a mediunidade educada, essas Entidades são pressentidas e identificadas mais claramente.

Como o médium pode saber se realmente tem compromissos mediúnicos e que deveres lhe traz essa mediunidade?

Baccelli: Através de sua predisposição para o bem. A mediunidade induz o indivíduo a uma posição consciente perante a vida, pautando-a na moral equilibrada. Então ele passa a receber intuições vigorosas que o impelem a atitudes positivas em relação ao próximo. Aparece, de início, como lampejo de um ideal, como reminiscências de tarefas interrompidas ou como uma verdadeira impulsão para realizar determinados compromissos a benefício da criatura humana. À medida que mergulha no mundo interior, desdobram-se-lhe as possibilidades e os Espíritos o induzem a executar tarefas que, aos poucos, lhe vão sendo inspiradas e conduzidas.

O que deve fazer o médium quando influenciado por entidades fora da reunião, no trabalho, no lar? Quais as causas dessas influências?

Baccelli: No capítulo XXIII de O Livro dos Médiuns, Da Obsessão, o Codificador reporta-se à invigilância das criaturas. É natural que o indivíduo seja médium onde quer que se encontre. A mediunidade não é uma faculdade que só funcione nas reuniões especializadas. Onde quer que se encontre o indivíduo, aí estão os seus problemas. É perfeitamente compreensível que não apenas na oficina de trabalho, como na rua, na vida social, ele experimente a presença dos espíritos, não somente presenças positivas, como também perniciosas, entidades inferiores, espíritos levianos, ou aqueles que se comprazem em perturbar a aturdir. Cumpre ao médium manter o equilíbrio que lhe é proposto pela educação mediúnica. Mediante a educação mediúnica pode-se evitar a interferência desses espíritos perturbadores em nossa vida de relação normal, para que não venhamos a cair na obsessão simples, que é o primeiro passo para a subjugação - etapa terminal de um processo de 3 fases. Quando estivermos em lugar não apropriado ao exercício da mediunidade ou à exteriorização do fenômeno, disciplinemo-nos, oremos, volvamos a nossa mente para idéias otimistas, agradáveis, porque mudamos o nosso clichê mental, transferindo-nos de atividades espirituais.

O médium pode trocar a tarefa mediúnica por outra atividade doutrinária?

Baccelli: A tarefa mediúnica estará presente na vida do instrumento, onde quer que ele se localize. É óbvio que a tarefa mediúnica foi por ele elegida e não seria lícito que a abandonasse a meio do caminho, num mecanismo de fuga à responsabilidade, para a realização de outra que, certamente, não levará adiante. O indivíduo, por exercer a mediunidade, pode e deve assumir outras tarefas que dizem respeito ao labor da Casa Espírita, mesmo porque a mediunidade não irá tomar-lhe o tempo integral, de modo que o impeça de vivenciar a programática da Doutrina Espírita em outros níveis. Neste momento, eu vejo aqui um médium desencarnado, que viveu um Belo Horizonte. Era militar e se chama Henrique Kemper Borges. Entregou-se à mediunidade, trabalhando por longos anos a fio, sem que isso lhe perturbasse o labor da vida militar, social e doutrinária abraçado, porque a educação da mediunidade, diz ele, "faz parte do Evangelho de Jesus e, à luz da Codificação Espírita, é uma diretriz de equilíbrio no culto do dever que o espírito encarnado assume, para libertar-se do passado comprometido com aqueles a quem prejudicou e que ainda se

encontram na erraticidade inferior, necessitando de sua ajuda e de seu apoio. Qualquer motivo que objetive desviá-lo da tarefa abraçada é mecanismo de fuga para acumpliciamento com a ociosidade."

Basta ao médium freqüentar as reuniões para resolver seus problemas?

Bacelli: A questão de resolver problemas se torna relativa. Os problemas que o médium resolve no trabalho dedicado à Doutrina Espírita são de ordem moral, porque ele passa a entender porque sofre, passa a compreender porque enfrenta dificuldades na família, na saúde, mas isto não quer dizer que a mediunidade seria o suporte, o apoio para que ele possa vencer, vitoriar a etapa de lutas. Aí percebemos que, se estivermos pensando nestes tipos de problemas físicos, a mediunidade não vai conseguir alijá-los do médium. Mas, não somente aí vamos achar a necessidade do médium, pois deverá ser levado ao trabalho de assistência aos que precisam, à renovação através dos estudos continuados, à participação efetiva, ao ato da caridade, que, conforme nos diz um Espírito Benfeitor, terá que iniciar-se pelo dever, tornando-se um hábito até que isso se lhe penetre na alma em nome do amor, para que se torne um médium sério, sensível, e não um médium que apenas freqüenta a reunião, recebe seu guia, seu espiritozinho e depois volta para casa, sem ligar para o sofrimento da humanidade (não é da humanidade do Vietnã, do Camboja), a humanidade da sua rua, do seu bairro, dessa gente que sofre e que geme à volta de todos nós. Vemos tantos médiuns preocupados em ouvir o gemido dos espíritos desencarnados e não ouvem os gemidos dos encarnados. Temos outros ansiosos por ver espíritos, sem notarem os que sofrem a sua volta; vários desejosos de materializar entidades, sem a preocupação de espiritualizar-se. Então, para o médium será importante que ele se ajuste à dinâmica da Doutrina Espírita, no trabalho da caridade, no esforço da renovação dele e daqueles que o cercam.

Existe algum impedimento para um jovem espírita com relação ao carnaval e a sua presença em boates?

Não, a Doutrina, em nenhum caso, nos cerceia a liberdade de escolha em nossas preferências. Somos livres, mas devemos sê-lo com responsabilidade.

O moralismo exacerbado é tão prejudicial quanto a sua ausência naquilo que prescrevemos para os outros, mas não nos encontramos dispostos a vivenciar em nós mesmos.

Advertiu-nos o apóstolo Paulo: "Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém". O mal não está tanto na coisa em si; está em como nos conduzimos dentro dela . . .

O carnaval não seria o que é, se não fôssemos o que somos . . .

É natural a presença do jovem espírita em festas e boates; no entanto, ao adentrar uma casa de diversão, ele não pode deixar lá fora a sua condição religiosa, como se tal condição lhe fosse uma capa da qual ele pudesse despir-se à vontade.

Por que dois médiuns enxergam, ao mesmo tempo, quadros diferentes?

Divaldo: Porque as percepções visuais são em faixas vibratórias, que oscilam de acordo o grau de adiantamento do espírito do médium.

Um registra uma faixa, na qual se manifestam os espíritos, e outro registra um tipo de faixa diversa.

Ocorre, também, que a maioria dos médiuns videntes é clarividente, e, nesse caso, a imaginação, quando indisciplinada, elabora construções e imagens que ele não sabe traduzir, perturbando-se com aquilo que capta.

Como se devem portar os médiuns e os demais membros de um grupo, antes e depois do trabalho mediúnico?

Divaldo: Como verdadeiros cristãos.

Devem manter a probidade, o respeito a si mesmos e ao seu próximo; ter uma vida, quanto possível, sadia, sabendo que o exercício mediúnico não deve ser emparedado nas dimensões de apenas uma hora de relógio, reservada a tal mister.

A mediunidade deve prestar-se à revelações concernentes à vida pregressa de alguém?

Bacelli: Não. A princípio, nenhum médium, por si mesmo, tem poder de acesso aos arquivos da vida pretérita de quem quer que seja.

As revelações que se referem ao passado, quando acontecem, acontecem espontaneamente através de seus próprios personagens, na trama que lhes diz respeito.

Na maioria das vezes, o mediano inclinado a vasculhar a vida anterior dos outros não consegue identificar com clareza nem as experiências vivenciadas por ele em tempos recuados. Não nos posicionamos contra a técnica da regressão de memória, com finalidade terapêutica, desde que indica corretamente e conduzida com responsabilidade, todavia acreditamos que o esquecimento do passado seja, depois da reencarnação, uma das maiores bênçãos para o espírito, o qual, caso contrário, não conseguiria avançar na direção do futuro.

Alertamos ainda para o fato de alguns medianeiros, com suas supostas revelações referentes ao ontem, realizarem manobras afetivas inconfessáveis objetivando colimar interesses de ordem inferior, na satisfação de seus instintos ligados ao campo da sexualidade.

O interessado em saber o que pode ter sido e o que pode ter feito, procure analisar a si mesmo, em seus hábitos e tendências, no que faz e no que é, e, com certeza, terá uma idéia aproximada do que fez e do que foi no passado não muito distante.

Esporadicamente, quando seja necessário, a Espiritualidade Superior, no máximo, pode fornecer, através do médium, alguns indícios da experiência pregressa deste ou daquele que não esteja querendo saber de si apenas por mera curiosidade.

O que fazer com os médiuns que não gostam de estudar?

Bacelli: Conscientizá-los de que continuarão na ignorância que escraviza, ao invés de terem acesso à Verdade, que liberta.

Os médiuns não afeitos ao estudo precisam saber que marcarão passo na mediunidade, convivendo psiquicamente com espíritos que quase nada lhes podem acrescentar, porquanto o comodismo dos médiuns atrairá o comodismo das entidades que não se interessam pelo próprio crescimento espiritual.

Seria interessante, para auxiliá-los, que os dirigentes dos grupos espíritas que freqüentam condicionassem a sua presença às reuniões mediúnicas à sua efetiva participação nos estudos doutrinários da casa.

Os médiuns rebeldes ao aprendizado devem ser esclarecidos de que os espíritos que por eles se expressam não poderão substituí-los no esforço de iluminação pessoal, porquanto, na maioria das vezes, esses mesmos espíritos se revelam carentes de maior esclarecimento.

À medida que o médium se aperfeiçoa em sua condição mediúnica, aperfeiçoar-se-ão os espíritos que o secundam no exercício de suas faculdades, porquanto o médium que melhora de nível naturalmente não mais oferecerá sintonia aos espíritos recalcitrantes ao conhecimento.

O médium que se julga dispensado de aprender está atestando as suas limitações, sendo, por isso mesmo, dentre todos, o mais necessitado de debruçar-se sobre as obras que possam elucidá-lo.

Se o espírito não consegue comunicar-se através de um médium que não lhe ofereça ambientação psíquica, a comunicação para ele torna-se praticamente impossível, quando o médium não lhe ofereça recursos intelecto-morais para tanto.

Se o médium não estuda, melhor para ele que não perca tempo com mediunidade; existem outras maneiras para que consiga servir à Doutrina e de trabalhar a si mesmo . . .

Não se esqueça o mediano de que o exercício da mediunidade em si já se constitui em excelente aprendizado, porém não basta para torná-lo consciente e responsável!

O médium deve seguir cegamente a orientação que lhe é dada pelos espíritos?

Baccelli: Não, pois pode ser que o espírito orientador esteja, ele mesmo, necessitado de melhor orientação. Repetimos o que dissemos alhures - os espíritos não são infalíveis! Muitos deles, apesar da boa vontade que os caracteriza, pouco sabem da Vida Espiritual e opinam segundo os pontos de vista que lhes dizem respeito.

O médium deve ser o primeiro a analisar o que lhe vem dos espíritos e, se não puder fazer isso sozinho, não deve hesitar em recorrer aos préstimos de um companheiro mais experimentado do que ele na lida os desencarnados.

O médium que acredita cegamente na orientação dos espíritos será uma presa fácil da obsessão, porquanto muitos medianeiros se deixam fascinar pelo intercâmbio que entretêm com Mundo Espiritual, considerando-se importantes na medida da importância dos nomes dos espíritos que a eles se apresentam. Os Espíritos Superiores jamais impõem o seu pensamento: orientam, esclarecem, aconselham, mas deixam que o médium aja de acordo com o seu livre arbítrio e não se aborrecem quando se vêem contrariados no que sugeriram . . . o inverso acontece com os espíritos dominadores que, quando se sentem contrariados, intimidam o médium e o advertem com veemência, ameaçando abandoná-lo . . .

Toda e qualquer orientação que fugir ao bom senso e à lógica doutrinária precisa ser questionada pelo médium, que não deve ter receio algum de dirigir-se aos espíritos solicitando maiores esclarecimentos, pois somente os espíritos enganadores, temendo ser surpreendidos, se recusarão a fazê-lo.

O espírito orientador nunca fala exclusivamente em seu nome, evitando expressar-se na primeira pessoa do singular e não se imiscui nos problemas a que não seja chamado a cooperar no seu equacionamento.

Chico Xavier perguntou a Emmanuel, quais as 3 condições básicas para que ele obtivesse sucesso na empreitada mediunica. O mentor disse: ***Disciplina, disciplina e disciplina***. Repetiu 3 vezes a palavra disciplina, destacando ser essa a condição fundamental. Essa orientação envolve estudo, assiduidade, perseverança, dedicação, empenho de servir. Se não há disciplina, caímos na banalidade, não só em relação á mediunidade, mas em tudo na vida.

Certa vez, Chico Xavier estava com muita dor em um dos seus olhos, então perguntou se Emmanuel não poderia ajudar curando-o, para que trabalhasse mais e sem dor. Emmanuel respondeu:

- Só porque você é um médium, se acha com privilégios? Nem Jesus teve privilégios. . . A outra vista está doendo?
- Não. – respondeu Chico.
- Então, sinta-se privilegiado, pegue suas coisas e vá trabalhar. . .

Esta lição serve para aqueles que se utilizam de mil desculpas para faltar ao trabalho que abraçaram.
